

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ISABEL WITTMANN

CORPO, GÊNERO E IDENTIDADE:
Experiências transgênero na cidade de Manaus

Manaus
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Isabel Wittmann

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Co-Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Weiss de Jesus

CORPO, GÊNERO E IDENTIDADE:

Experiências transgênero na cidade de Manaus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Manaus

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Wittmann, Isabel

W832c Corpo, Gênero e Identidade : Experiências transgênero na cidade

de Manaus / Isabel Wittmann. 2016

151 f.: 31 cm.

Orientadora: Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Coorientadora: Fátima Weiss de Jesus

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.

1. transgeneridade. 2. corpo. 3. performatividade. 4. gênero. I. Rufino, Márcia Regina Calderipe Farias II. Universidade Federal do

Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

CORPO, GÊNERO E IDENTIDADE:

Experiências transgênero na cidade de Manaus

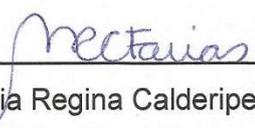
Isabel Wittmann

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

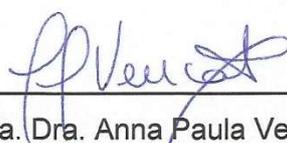
Co-Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Weiss de Jesus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

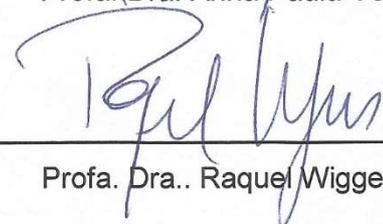
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Marcia Regina Calderipe Farias Rufino



Profa. Dra. Anna Paula Vencato



Profa. Dra.. Raquel Wiggers

Manaus

2016

*A Luiz, companheiro e amigo,
sempre.*

AGRADECIMENTOS

O mestrado, como outras etapas da vida acadêmica, é uma jornada que não se realiza só. O apoio e auxílio das pessoas ao meu redor foram essenciais para eu conseguir chegar até aqui. Por isso só tenho a agradecer a todos e dizer que sem vocês nada disso seria possível.

À querida professora Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, minha orientadora, que me auxiliou desde muito antes de entrar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pela disposição, gentileza, atenção e carinho com que guiou meu trabalho.

À professora Dra. Fátima Weiss de Jesus, co-orientadora, que me auxiliou em momentos-chave e me guiou de maneira atenciosa.

À professora Dra. Deise Lucy Oliveira Montardo, pela disponibilidade de participar na minha qualificação e pelas considerações valiosas que compartilhou.

À professora Dra. Anna Paula Vencato, cuja pesquisa foi um dos pontapés iniciais da minha própria, servindo como inspiração e ajuda. Também por aceitar ser parte da banca de defesa da dissertação.

À professora Dra. Raquel Wiggers, por aceitar participar da banca de defesa.

À professora Dra. Ana Carla Bruno, pelas aulas e ensinamentos inspiradores e pelas conversas instigantes.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, por trocarem ideias e compartilharem seu conhecimento, auxiliando nessa trajetória. Ao programa como um todo, pela oportunidade única de me proporcionar o caminho para ser antropóloga.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pela bolsa de pesquisa que viabilizou meu trabalho.

À Franceane Corrêa pela ajuda e apoio, facilitando minha vida acadêmica e as atividades relacionadas a ela.

À turma de 2014 de mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, pelas boas conversas e ensinamentos.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisas e Estudos em Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades (GESECS) e do projeto de extensão Bora Lá: agradeço pelas trocas, diálogos e pelo aprendizado.

Às companheiras de projeto de extensão *Sexta Etnográfica*: Juliana de Almeida, Camila Iribarrem, Rosana Carvalho Paiva e Rosseline Tavares. Nossos encontros enriqueceram os últimos anos com discussões proveitosas e conhecimento. Obrigada por compartilharem isso comigo.

Aos amigos de *Cinema em Cena*, Renato Silveira, Antônio Tinoco, Ana Lúcia Andrade, Raquel Gomes e Stephania Amaral: nossas constantes conversas sobre cinema (e outros assuntos também) me animaram quando estava cansada, me mantiveram entretida e me ensinaram muito.

À Angélica Hellish, que está gestando comigo o projeto lindo e apaixonante *Feito por Elas*.

À Isabelle Brambilla Honorato, por ser uma grande companheira dentro de sala de aula e amiga fora dela.

À Rosseline da Silva Tavares, que esteve presente em cada etapa dessa transição para a Antropologia, pela amizade e apoio.

Às amigas Stephania Amaral, Bianca Lucchesi Targhetta, Deborah Garcia, Sabrina Lehnen Stoll e Vanessa Siqueira: nossas infindáveis conversas pela internet encurtam as distâncias e dão sentido aos projetos. Juntas somos mais fortes.

Aos meus pais, Roberto Wittmann e Angelina Camargo Rodrigues Wittmann; meu irmão, Jorge Wittmann e minha cunhada, Luciele Beatriz Kessler, pelas videoconferências que fazem diminuir a saudade e por todo apoio e carinho.

Por fim, quero agradecer com todas as minhas forças às mulheres e aos homens maravilhosos que aceitaram ser interlocutoras e interlocutores desse trabalho, por se doarem como o fizeram, compartilhando memórias e vivências. Não tenho como não admirar a força de vocês. À Sara, em especial, por ter me ajudado ao longo de todo o processo.

RESUMO

Esta pesquisa visa refletir sobre as relações e articulações entre identidade de gênero, corpo e performatividade, através de etnografia realizada na cidade de Manaus. Os interlocutores desse trabalho são mulheres e homens transgênero com idades variadas e pertencentes, majoritariamente, a uma classe média urbana e escolarizada. Após uma revisão teórica e terminológica, discute-se questões relacionadas às tecnologias que auxiliam a criação e reprodução do gênero, bem como da sua performatividade, assim como práticas que constroem os corpos e discursos que negam seu direito de ser, através da transfobia.

Palavras-chave: Transgeneridade. Corpo. Performatividade. Gênero.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the relationship and the links between gender identity, body and performativity through an ethnography that took place in the city of Manaus. The interlocutors of this research are transgender women and men of various ages, mostly from an urban and educated middle class. After a theoretical and terminological review, we discuss some issues related to technologies that support the creation and reproduction of gender and its performativity, as well as practices that form the bodies and speeches that deny their right to be, through transphobia.

Keywords: Transgender. Body. Performativity. Gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1- O GÊNERO, O TRANSGÊNERO E O TRABALHO DE CAMPO	24
1.1 Gênero: entendimentos e identidades.....	25
1.2 Teorias <i>Queer</i> , Butler, Preciado e Haraway: gênero, corpo, performatividade e ciborguização.....	31
1.3 Identidades transgênero: travestilidades, transexualidades e além.....	36
1.4 Entrada no campo: conhecendo as interlocutoras, dificuldades e reflexões.....	51
CAPÍTULO 2- TECNOLOGIAS DE GÊNERO: DISCURSOS, LIMITES E PERFORMATIVIDADE.....	62
2.1 Gênero: subjetividade e construção.....	63
2.2 Infância, escola, família e a normalização das pessoas.....	64
2.3 Mídias, representações e interações: espelhos de si.....	79
2.3.1 Reportagens: exploração de experiências.....	80
2.3.2 Internet: intercâmbio no ciberespaço.....	83
2.3.3 Cinema e seriados: identificações e narrativas.....	85
2.4 Vestuário: externalização performativa da identidade.....	96
CAPÍTULO 3- O CORPO NASCE DE UMA IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CORPO.....	106
3.1 Corpo natural: sujeito inexistente.....	107
3.2 Corpo-ciborgue e corpo-prostético.....	111
3.3 Falos, vaginas e hormônios: gênero, corpo, auto-imagem e performatividade.....	113
3.4 Transfobia: discursos e práticas de ojeriza sobre o corpo.....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137
REPORTAGENS.....	142
FILMES E SERIADOS CONSULTADOS DURANTE O TRABALHO.....	148

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Glória Anzaldúa- *Falando em línguas*

Nós somos todos diferentes. Especialmente ele [indica Sr. Raposa]. Mas há algo de fantástico sobre isso, não há?

Sra. Raposa
O Fantástico Sr. Raposa, de Wes Anderson

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu do desejo de me inserir no campo de estudos de gênero, ao mesmo tempo em que se delineou através do interesse pela moda como objeto de estudo. Em uma primeira etapa, parti da ideia de pesquisar a relação entre a performatividade de gênero e o vestuário, enquanto ferramenta utilizada para expressá-la. O objetivo era entender como pessoas com identidades transgênero, ou seja, que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer, se relacionavam com seu vestuário. O recorte da transgeneridade apareceu desde o começo, uma vez que estudar estas identidades é de extrema relevância para entender parte das lutas atuais do movimento LGBT¹, bem como do feminismo (através do transfeminismo²), além das próprias experiências das pessoas. Abro um parêntese para dizer que opto por utilizar o termo “experiência transgênero”, conforme Sônia Maluf (2001), em relação aos relatos utilizados, como será explicado mais adiante.

Mas foi a inserção no campo que trouxe outras questões além do vestuário. Quando conversando sobre suas experiências, os interlocutores e interlocutoras falam, sim, das roupas e sua importância, mas falam também de passabilidade³, de modificações em seus corpos, hormônios, famílias, legislação, afetos, mídias, cinema, entre outros. Foi nesse contato que percebi que o escopo do trabalho estava limitado a uma só faceta de algo que era muito maior. É claro que a roupa não é um mero gatilho, nem um disfarce, mas parte

¹ Movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) trabalham com a sigla LGBTTI, significando lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos. Em ambientes de ativismo de outros países é comum o uso da sigla LGBTQ, em que o Q significa *queer*, termo pouco utilizado no Brasil. Há também o uso, pouco difundido, da sigla LGBTTT, com o mesmo significado acima. Mas, uma vez, que a palavra “transgênero” engloba diversas experiências transgênero, binárias e não binárias, incluindo vivências *queer* e intersexo, opto por utilizar a sigla LGBT, que já é a mais usual no Brasil. Sobre a atribuição de siglas, ver FACCHINI, Regina. Sopa de Letrinhas – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. São Paulo: Garamond, 2005.

² Vertente do feminismo que foca sua pauta em questões ligadas à transgeneridade, atuada por e para pessoas transgênero. “O feminismo transgênero pode ser compreendido tanto como uma filosofia quanto como uma práxis acerca das identidades transgênero que visa a transformação dos feminismos” (JESUS; ALVES, 2010, p.14).

³ A passabilidade é um termo êmico que diz respeito a um atributo vinculado ao quanto cada pessoa consegue convencer os demais de que tem a identidade de gênero com a qual se identifica. O termo também é utilizado referindo-se a pessoas transgênero e o quanto conseguem ser entendidas pelos demais como uma pessoa cisgênero com a mesma identidade de gênero (masculina ou feminina).

da performatividade (BUTLER, 2004), ou seja, a expressão corpórea dessa identidade vai além. O objetivo alterou-se para a compreensão de um conjunto de elementos que compõem essa performatividade: o corpo, o gênero e a própria identidade das pessoas que colaboraram com o trabalho passaram a ser o foco.

Tendo em vista esses fatores, a pesquisa se expandiu para abarcar outras tecnologias de gênero⁴. Portanto, ao pensarmos em identidades de gênero e suas expressões, é possível relacionar a vestimenta, a maquiagem e os acessórios, como ferramentas utilizadas para externá-las. A partir daí novas questões apareceram. Que outros elementos contribuem para a expressão da identidade de gênero? Como foi a experiência de vida familiar dos interlocutores e das interlocutoras? Qual o papel de seu corpo em sua experiência? Quais são os obstáculos cotidianos que enfrentam?

Desta forma, a primeira etapa desta pesquisa englobou uma revisão bibliográfica. Pensando nessas questões, o quadro teórico utilizado para o trabalho abarca estudos a respeito de gênero, transgeneridade, corpo, performatividade de gênero e as diversas intersecções entre os temas.

As primeiras fontes utilizadas foram justamente aquelas que tratam de transgeneridade. Conforme Miriam Grossi, as discussões a respeito de gênero são consequência de movimentos sociais que ganharam visibilidade no Ocidente após a década de 1960, especialmente o movimento feminista e o movimento LGBT. Essas lutas dos movimentos sociais:

[...] vão refletir-se no campo acadêmico por vários fatores: primeiro porque a universidade é um lugar de produção de conhecimento fortemente influenciadas pelas lutas sociais; e segundo porque muitas das estudantes (e algumas professoras) que participam dessas lutas percebem que não existem respostas a inúmeros questionamentos destes movimentos sociais, de maneira que se inicia um movimento no interior de diferentes disciplinas, em busca de se encontrar o *lugar das mulheres*, até então invisível (GROSSI, 1998, p2).

Os trabalhos de Berenice Bento (2004, 2006, 2009) a respeito de

⁴ Tecnologias discursivas e de ordem prática que criam e reproduzem o gênero, segundo Teresa de Lauretis (1987).

transexualidade, de Anna Paula Vencato (2003, 2005, 2013) sobre *drag queens*⁵ e *crossdressers*⁶, bem como de Sonia Maluf (2001, 2002, 2007, 2011), abordando aspectos sobre corpo e gênero foram essenciais para a percepção das diversas identidades transgênero. Vencato, em especial, aborda de maneira aprofundada questões relacionadas à montaria, que consiste na incorporação de roupas, maquiagem, maneira de se portar e falar, no caso específico da composição das personagens das *drag queens* (VENCATO, 2005, p.232).

Os trabalhos de autores *queer*⁷ também deram suporte teórico. As teorias *queer* lidam com temáticas relacionadas àqueles que são excluídos do *status quo* da sociedade, em virtude de questões relacionadas ao gênero e à sexualidade (MISKOLCI, 2013, p.32), trazendo a questão do corpo como tema. Teresa de Lauretis (1987) desvela a importância de pensar nas tecnologias de gênero e em sua ação para a construção e desconstrução do gênero. Seguindo a mesma linha de pensamento, Judith Butler (2000, 2003, 2004) dá suporte à análise do papel do discurso sobre o gênero e Paul Preciado⁸ (2014) sobre a materialização dos corpos generificados. Esse último é uma leitura que casa com Donna Haraway (2000), que traz consigo a reflexão sobre a ciborguização dos corpos, ou seja, como inexitem corpos em estado natural. Por fim, Jack Halberstam (2012) propicia discussão sobre feminismos contemporâneos e como questões a respeito de família, parentalidade e reprodução são afetadas pelas perspectivas *queer*.

Além desses autores citados, a etnografia de Don Kulick (2008) a respeito de travestis⁹ na cidade de Salvador foi importante para compreender a força da escrita etnográfica no corpo trabalho. A obra, não só é um marco nos estudos de

⁵ As *drag queens* são artistas que se “montam” para performance e cujo objetivo final não necessariamente é ficar parecidas com mulheres (VENCATO, 2003, p. 198). Elas se diferenciam das demais identidades transgênero em virtude da transitoriedade de suas montagens.

⁶ Pessoas que utilizam roupas e acessórios que são comumente vinculados ao gênero oposto àquele que lhes foi designado ao nascer. Geralmente são homens que se vestem como mulheres, mas não se veem como tal (VENCATO, 2013, p.32-33).

⁷ O termo *queer*, em inglês significa estranho, esquisito e costumava ser utilizado de forma depreciativa para referir-se a homossexuais. Ele foi reapropriado pelo próprio movimento LGBT e pelos estudos de gênero, negando a sua conotação negativa inicial.

⁸ O autor é publicado no Brasil com o nome Beatriz Preciado, apesar de não atender mais por ele.

⁹ A travestilidade não tem definição fixa, mas é uma identidade marcada pela construção de uma performatividade feminina (DUQUE, 2012, p.175).

travestilidade no Brasil, mas me impactou pelo estilo fluido da escrita, que o aproxima de um romance ao mesmo tempo que permite o mergulho no campo do autor. Além dele, Tiago Duque (2011, 2012a, 2012b) também foi importante para a compreensão da questão da travestilidade na juventude. Já Simone Ávila (2014) contribuiu com sua etnografia a respeito de transhomens, que muitas vezes são esquecidos quando se tratam de trabalhos a respeito de transgeneridade.

Autores pós-coloniais, como Veena Das (1999), Gayatri Spivak (1998) e Homi Bhabha (1998) reforçam o questionamento sobre o local de fala do subalterno. Adriana Piscitelli (2008) ajudou a refletir sobre a pertinência da interseccionalidade e do olhar interseccional do pesquisador sobre o campo. Barbara Arisi (2010) aparece fomentando a importante questão da sexualidade do pesquisador em campo e como ela é percebida pelos demais.

O trabalho foi realizado através de uma pesquisa etnográfica. Conforme Mariza Peirano:

[...] a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticava quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação da realidade `nativa' com a qual se defronta (PEIRANO, 1995).

O campo foi delineado na cidade de Manaus, no Estado do Amazonas. A perspectiva era encontrar narrativas que funcionassem em um contexto local, em contraste com teorias universalizantes. O recorte final foi um de classe média com alta escolaridade, que não necessariamente reflete a totalidade de vivências de pessoas transgênero no Brasil, mas espero, com isso, poder descortinar novas narrativas entre as pesquisas já existentes. Com esse trabalho espero poder colaborar com os estudos *queer* e com os estudos sobre gênero e corpo. Ele foi desenvolvido dentro de um projeto de pesquisa mais amplo, chamado Gênero, Religião e Sexualidades em Contexto Amazônico¹⁰, desenvolvido

¹⁰ Que desenvolve pesquisas em diferentes contextos do Estado do Amazonas privilegiando a Região Metropolitana de Manaus, tendo como objeto de investigação principal dois diferentes espaços discursivos institucionais, a saber: os campos religioso e escolar e de indivíduos envolvidos em processos de subjetivação vinculados a constituições identitárias (especialmente LGBTs).

dentro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidades e Intersexualidades (GESECS), vinculado ao Departamento de Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS-UFAM).

Era dia 27 de dezembro de 2014. Eu estava encerrando o primeiro ano de mestrado e pensando em como conseguiria acessar o campo que havia proposto em meu projeto de pesquisa, o que estava se mostrando dificultoso. Até essa data não tinha conseguido acessar nenhum interlocutor e nenhuma interlocutora de maneira contínua. Até que uma notificação piscou na tela do meu computador.

Vou retroceder quase dois anos, para 25 de janeiro de 2013. Durante a noite, o projeto de extensão *Sexta Etnográfica* organizou a exibição do documentário *Bombadeira*¹¹ no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. O vídeo aborda a vida de travestis na cidade de Salvador, bem como a profissão de “bombadeira”¹² e a comunidade em geral foi convidada para assisti-lo especialmente profissionais da saúde. A plateia contava com cerca de trinta pessoas. Ao término do filme, iniciou-se um debate. Sentada ao meu lado, Priscila¹³ sussurrou que jamais submeteria seu corpo a nenhum tipo de alteração em virtude de sua identidade de gênero. Cabelos longos, com luzes, unhas feitas, vestida com calça jeans, camiseta *baby look* rosa, e um sapato de salto alto, ela estava impressionada com o filme e comecei a conversar com ela. Identificou-se como mulher transgênero, que trabalhava em um escritório e era estudante universitária. Eu ainda não havia ingressado no programa de pós-graduação, mas pretendia fazer a seleção no final do ano. Neste momento o tema de meu trabalho ainda estava se delineando e eu comentei com ela a respeito do que se tratava. Ela foi bastante aberta e anotei seu telefone e seu e-mail em um pedaço de papel e combinamos um encontro para conversarmos sobre o tema quando o projeto de pesquisa estivesse sendo elaborado.

Alguns meses depois, já em setembro, nos encontramos e discutimos

¹¹ BOMBADEIRA. Direção: Luis Carlos de Alencar. Brasil, 2007. DVD (75min), color.

¹² “As bombadeiras são travestis que ‘fazem o corpo’ de outras travestis a partir da injeção de silicone industrial em diversas partes do corpo, arredondando formas a fim de torna-las mais próximas do que socialmente é referendado como sendo feminino” (PELÚCIO, 2009, p.80).

¹³ Os nomes das interlocutoras foram alterados.

aspectos do projeto de pesquisa. Em virtude de seu trabalho, tinha pouco tempo, então marcamos na praça de alimentação de um shopping que julgava mais acessível. Nessa tarde, Priscila contou que além de cursar faculdade, é ativista e militante de esquerda. Relatou que sempre contou com o apoio de seus pais, mas que o cotidiano fora de casa não é tão simples. Na primeira universidade que frequentou, por exemplo, era constantemente expulsa do banheiro feminino por seguranças. Transferiu seu curso e na faculdade atual não enfrenta o mesmo problema. Nos adicionamos na rede social Facebook, mas ela saiu de seu emprego e afastou-se da rede. Demorei para conseguir retomar contato, mas consegui uma resposta no começo de junho de 2015 e, dessa vez, esquivou-se de contatos posteriores e não respondeu mais minhas mensagens.

Nesse meio tempo, tentei uma aproximação através de um grupo de militância. Desde o início do rascunho do que viria a ser o projeto de pesquisa, diversas pessoas conhecidas afirmaram ter contato com o *Fórum LGBT*, um dos principais grupos de ativismo da cidade de Manaus. Algumas pessoas conhecidas se voluntariaram a intermediar o contato entre o grupo e eu. Através de seu sítio na internet, tomei a iniciativa de telefonar para os responsáveis listados na página. Houve manifestação de interesse em relação à pesquisa e me foi solicitado que enviasse por *e-mail* uma cópia do projeto, para que pudesse ser analisado em reunião e, caso aprovado o auxílio, pudesse receber colaboração voluntária. A reunião geral em questão estava marcada para algumas semanas em frente. O *e-mail* foi enviado em 26 de agosto de 2013. Esperei por algum resultado, sem sucesso. Voltei a entrar em contato, perguntando sobre o parecer a respeito do projeto, mas não obtive mais resposta. Acredito que a burocracia tenha causado algum entrave e esses caminhos me levaram a becos sem saída.

No final de 2013 me inscrevi no processo seletivo para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS-UFAM). Fui aprovada e em março de 2014 iniciaram-se as aulas, de maneira que passei um ano dedicada aos estudos das disciplinas e agora precisava realmente me preocupar com o andamento do trabalho. Em dezembro de 2014 uma resenha escrita por mim, chamada *Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de crossdressing no Brasil*, a respeito do livro

Sapos e Princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil, de Anna Paula Vencato, foi publicada na Revista Estudos Feministas. Tudo mudou na manhã daquele 27 de dezembro, quando um perfil no *Facebook* solicitou amizade comigo; a única informação pública era o nome, Sara, e não havia nenhum amigo em comum. Pelo fato de ser um perfil anônimo, imaginei de alguma forma que a ação poderia ter algo a ver com a resenha. Aceitei a solicitação e, dois dias depois, ela veio conversar comigo através do bate-papo interno da rede social:

Sara: Obrigado por me *add*... Li uma crítica sua a um livro sobre o BCC¹⁴.

Isabel: Ah, sim, na Revistas Estudos Feministas, né?

Sara: Isso mesmo. Amei teu artigo.

Isabel: Obrigada!

Sara: Tu se interessa pelo assunto?

Isabel: Sim, tem a ver com meu tema de pesquisa no mestrado (SARA, 29/12/2014).

Confesso que uma das principais preocupações que tive em relação à entrada em campo é como meu próprio gênero e minha sexualidade poderiam ser entendidos e interpretados pelos interlocutores e interlocutoras. Antes dos primeiros contatos me perguntei até que ponto o fato de ser uma mulher cisgênero afetaria a abertura das falas. É claro que o ideal é que os ambientes acadêmicos sejam ocupados, também, por pessoas transgênero e que elas possam ter voz para falarem de si. Mas como eu me posicionaria nessa situação?

Também tive receio de causar estranhamento nos meus contatos iniciais e por isso fiz uso de conversas francas e não abordagens desumanizantes que os levassem a entender que os estava analisando como um material laboratorial. Ao mesmo tempo, deixei evidentes os meus objetivos acadêmicos, uma vez que pude perceber por parte das pessoas que se comunicaram comigo pelo *Facebook* muitas reclamações de assédio *online*. Pessoas com vivências

¹⁴ O *Brazilian Crossdresser Club* é um clube criado para permitir que *crossdressers* se conheçam, confraternizem e troquem informações. Isso pode acontecer em encontros regionais, estaduais e nacionais, feitos em locais adequados que as permitam exercer a prática do *crossdressing*. (VENCATO, 2013).

transgênero costumam ser abordadas para fins sexuais pelos chamados *t-lovers*¹⁵, que geralmente as objetificam para fins fetichistas. Embora a maior parte desses *t-lovers* sejam homens, tive o cuidado de sempre explicar o porquê de minha aproximação. Em etnografias como a de Don Kulick, por exemplo, o autor é abertamente questionado a respeito de suas intenções (KULICK, 2008). No final, acabei não tendo nenhum problema nesse sentido.

A etnografia de Barbara Arisi sobre os Matis, povo que vive no vale do Rio Javari, no Amazonas, é bastante interessante ao abordar essa questão: com a chegada dos aparelhos de *DVD* na aldeia onde fez campo, os Matis tiveram contato com a pornografia e, com isso, as dúvidas apareceram. “Como fazemos sexo? É verdade que as mulheres chupam o pênis de seus companheiros? A mulher fica em cima durante o ato sexual?” (ARISI, 2010, p.2). Além disso foi perguntada sobre como o hímen era rompido, como ela não tinha muitos filhos e outras questões relacionadas a sua sexualidade pessoal. Por fim, recebeu propostas para se relacionar sexualmente com pessoas do grupo, as quais recusou para manter o afastamento de pesquisadora e por isso foi chamada de “sovina de sua vagina” (ARISI, 2010, p.11). O relato serve para ilustrar que o antropólogo vai ao campo, mas a antropologia reversa está acontecendo o tempo inteiro.

No final das contas, a sexualidade propriamente dita nem representou um papel importante no campo. Os temores se baseavam, talvez, em uma expectativa minha de atuar como pesquisadora neutra. Mas o fato é que não há neutralidade no campo, porque o distanciamento se anula. Depois dos primeiros contatos você passa a conhecer as pessoas por trás das histórias. Importei-me com seus problemas, envolvi-me nas suas descobertas, preocupando-me com as situações que apareciam.

Ainda que inicialmente tenha procurado contato ao vivo com interlocutoras

¹⁵ “O termo *t-lover* chegou ao Brasil via rede mundial de computadores, nascido na onda dos movimentos identitários que ganharam força nos anos 80, sobretudo depois do surgimento da aids. Segundo um dos *t-lovers* pioneiros, o carioca Alex Jungle, o termo derivou de *t-girl*, usado por algumas ONGs norte-americanas para se referirem a transgêneros. Assim, os homens que se relacionavam com as *t-girls* (tgs) eram, conseqüentemente, os *t-lovers*. [...]No Brasil, os *t-lovers* estão fortemente identificados com a heteronormatividade, trabalham e reforçam a masculinidade enquanto valor simbólico, associando-a sempre à “normalidade”, em oposição à homossexualidade, tida como ‘desvio’” (PELÚCIO, 2012).

e interlocutores da pesquisa, foi através do contato com Sara que consegui efetivamente acessar o campo. Mas mesmo que ele se desenrolasse ao vivo, é preciso desmistificá-lo e entender que ele:

[...] não é somente a nossa experiência concreta que se realiza entre o projeto e a escrita etnográfica. Junto a esta experiência, o campo (no sentido amplo do termo) se forma através dos livros que lemos sobre o tema, dos relatos de outras experiências que nos chegam por diversas vias, além dos dados que obtemos em primeira mão (SILVA, 2000, p.27).

Nesse caso, boa parte dos dados vieram da internet, já que muitas das pessoas que colaboraram com meu trabalho demonstraram receio de se encontrar pessoalmente, em virtude de suas identidades de gênero. Esse contato coloca a etnografia em ambiente virtual como uma possibilidade de abordagem etnográfica, uma vez que abre portas para novas formas de interação, uma vez que o etnógrafo se posiciona no ciberespaço. Este pode ser entendido:

[...] como uma instância em que circulam indivíduos de todas as camadas-médias urbanas sociais, o qual através da interface, ou seja, da relação homem-máquina, molda experiências de todos os matizes, através do cruzamento de informações em tempo real sem a necessidade de compartilhamento do mesmo espaço físico” (BEZERRA; SOBRINHO GUERRA, 2011).

Tomo esses espaços virtuais como ambientes de troca, de diálogo e de interação. É possível perceber que outros trabalhos que lidam com temas de difícil acesso fizeram uso desse espaço. A antiga rede social *Orkut* era utilizada como ponto de encontro, em grupos de discussão com temáticas específicas (TEIXEIRA, 2009). Por outro lado, os mesmos espaços já foram utilizados como local a ser etnografado (PARREIRAS, 2009). Isso era possível porque os grupos eram organizados como fóruns, facilitando a interação entre os membros. Com a extinção do *Orkut* e a ascensão do *Facebook*, esse tipo de interação se tornou

limitada, uma vez que o foco desta rede são os perfis pessoais e, mesmo havendo grupos, eles não são organizados em forma de fórum, dificultando a organização das interações. De toda forma, é possível:

[...] tomar o ciberespaço como espaço simbólico, de comunicação, interação e sociabilidade. Desse modo, este espaço só ganha significação a partir das práticas dos seus usuários, os quais estão durante todo o tempo desenvolvendo entre si (e com o próprio aparato tecnológico) diferentes tipos de relações, algumas delas circunscritas apenas ao virtual e outras que extrapolam os contatos mediados por computador (PARREIRAS, 2009, p. 344).

Embora o ciberespaço não fosse, originalmente, o local de campo pretendido, essa adaptação se mostrou, afinal, bastante proveitosa, pois as interações nas redes sociais se tornaram constantes, quase diárias dependendo da situação. O campo se abriu para novas textualidades. Os espaços que mais utilizei foram a rede social *Facebook* e o aplicativo *Whatsapp*¹⁶.

Assim como Gilberto Velho (1999, p. 14), tenho receio em relação a segurança de quem colaborou com minha pesquisa. Situações pessoais complicadas poderiam gerar consequências negativas. Em virtude do temor do reconhecimento por parte de algumas interlocutoras, os nomes utilizados no corpo do trabalho são fictícios. Trata-se de um cuidado ético que deve ser preservado mesmo sem o encontro físico com elas (ÁVILA, 2014, p.54).

Os contatos foram realizados entre dezembro de 2014 e junho de 2016. Por vezes, adquirem a forma de entrevistas abertas, sem roteiro, mas pautadas nas questões previamente estabelecidas do recorte adequado para abordá-las. Vincent Crapanzano critica o uso de entrevistas em trabalhos etnográficos. Segundo o autor, nesse processo o entrevistador faz perguntas curtas e diretas e espera respostas longas, detalhadas e sinceras. (CRAPANZANO, 1991, p. 68). Por esse motivo, essas questões pré-definidas norteiam as interações, mas não as limitam nem criam uma pauta rígida. Muitas vezes as falas caminham para

16 Aplicativo de celular que permite troca instantânea e gratuita de mensagens.

lugares inesperados. Assim como Simone Ávila, considero que a troca de mensagens atua como um substituto à entrevista semi-estruturada, funcionando na prática como uma conversa (ÁVILA, 2014, p.55)

Além disso, tive acesso também às postagens feitas nos perfis pessoais, que não foram utilizados diretamente no trabalho, já que não faziam parte das conversas acordadas, mas que me ajudaram a inserir interlocutoras e interlocutores no seu contexto cotidiano, captando suas ideias e posicionamentos. De certa forma esse método pode ser traduzido em uma observação participante virtual, já que, conforme James Clifford:

A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um “desarranjo das expectativas pessoais e culturais” (CLIFFORD, 1998, p.20).

Por fim, durante o período dessa pesquisa, acompanhei postagens e atualizações de páginas no *Facebook*, notícias, vídeos no *Youtube*, e outros conteúdos que abordavam questões ligadas ao feminismo, à transgeneridade, ao transfeminismo e temas relacionados, além de filmes que abarcassem essas temáticas, ampliando o campo para outras formas de representação e auto-representação, pertinentes à pesquisa. Me apropriei desse conteúdo para ampliar meu campo de pesquisa: as páginas permitiram um contato maior com relatos terceiros e reivindicações, especialmente de militância cotidiana. Os filmes, em específico, foram de meu interesse justamente para comparar as narrativas fictícias com as experiências pessoais de interlocutores e interlocutoras, criando uma intersecção entre a prática da Antropologia e a da crítica de cinema, que também exerço. De acordo com Ávila:

Filmes e documentários, assim como as autobiografias, biografias, autoficções, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências, entrevistas, blogs, *fotologs*, *chats*, *reality shows*, *talk-shows* e outras narrativas em diferentes suportes, constituem o “espaço biográfico” na trama cultural

contemporânea” (ÁVILA, 2014, p.168).

Portanto, essas fontes desenvolvem a percepção sobre o campo, fazendo parte dele. Eles contribuem com a etnografia no sentido de enriquecer a imersão temática e proporcionar reflexão sobre as realidades apresentadas.

Por fim, a pesquisa tem como objetivo a elaboração desse texto etnográfico em forma de dissertação. A respeito da construção do texto etnográfico Ilka Boaventura Leite (1998) escreve:

[...] a etnografia como uma escrita incompleta, estrangeira, fragmentada, que expõe um momento de passagem, de transito, de absoluta provisoriedade. Como uma floresta de significantes incompletos, aberta a novas leituras e escritas de modo situacional, contextual, a expor a “descoberta do outro”, como uma invenção precária e de pouca duração (LEITE, 1998, p. 44).

No texto etnográfico final, os diálogos entabulados com as interlocutoras e os interlocutores aparecem transcritos da forma como ocorreram. Essa decisão metodológica visa trazer ao trabalho as formas de comunicação utilizadas, bem como as formas de fala e de escrita e os discursos de maneira integral. Da mesma forma, houveram conversas entabuladas de maneira simultânea com a presença de dois interlocutores. Elas também foram transcritas da forma como ocorreram, mantendo as interrupções e os momentos em que um complementa ou corrige a fala do outro.

Dessa forma, a pesquisa se dividiu em três momentos: 1) a revisão bibliográfica sobre o tema, visando situar o trabalho teoricamente e no campo de pesquisa; 2) o trabalho de campo, em que as questões teóricas se aproximaram da prática e novas interrogações e temas surgiram; 3) o processo de escrita, que é diretamente influenciado pelas experiências de campo. Conforme Clifford (1998, p.33), pode-se dizer que o que ocorre é um “contínuo vaivém entre o “interior’ e o ‘exterior’ dos acontecimentos”.

A prática da pesquisa no ciberespaço ocorreu com a autorização dos

interlocutores e interlocutoras, esclarecendo sobre os motivos e os objetivos do trabalho. Alguns indicaram outros conhecidos para que também participassem. A partir dessas interações, redigi meu diário de campo, utilizado como base do texto final.

A metodologia fez parte de todo o processo, especialmente em se tratando da postura de pesquisadora em campo. Foi importante ter a percepção de que não há neutralidade na presença do pesquisador (CRAPANZANO, 1980, p. IX) e nem as palavras são neutras ou livres de discursos. Tenho plena consciência de que tanto o que me foi falado quanto o que eu escrevi ou escreverei são passíveis de aplicação desse entendimento. Por isso mantive em mente minha responsabilidade, tanto ética como política enquanto antropóloga, em relação às interlocutoras e interlocutores (CRAPANZANO, 1980, p. X).

A pesquisa foi feita sob a perspectiva da interseccionalidade (PISCITELLI, 2008), ou seja, contextualizando, além do gênero, outros marcadores sociais de diferença, como idade e classe social. O foco se estabeleceu na experiência das pessoas transgênero que colaboram com o trabalho, especialmente aquelas que envolvem negociações com o entorno (escola, família, legislação), a performatividade, pautada nas vivências cotidianas e, por fim, o corpo enquanto construto sóciobiopolítico advindo de suas identidades.

O trabalho está dividido em três partes. O primeiro capítulo, chamado “O gênero, o transgênero e o trabalho de campo” aborda questões relacionadas a gênero, transgeneridade e teorias *queer*, bem como as terminologias utilizadas no restante do corpo do trabalho, como uma forma de adentrar no campo. A apresentação de interlocutoras e interlocutores, com suas especificidades, aparecem nesse capítulo.

O segundo capítulo, “Tecnologias de gênero: discursos, limites e performatividade” aborda questões relacionadas a tecnologias de gênero, ou seja, aquilo que cria, reproduz e limita o que é gênero (LAURETIS, 1987). Mídia, família, escola e o próprio vestuário aparecem nesse capítulo, dando forma as representações do que é gênero e influenciando a experiência das interlocutoras e interlocutores.

Por fim, o terceiro capítulo, “O corpo nasce de uma identidade: reflexões

sobre a construção do corpo”, aborda questões relacionadas ao corpo: um dado que muitas vezes é entendido como apenas biológico, mas que é produto das tecnologias apresentadas e discutidas no capítulo anterior somadas às médicas, refletindo a subjetividade das pessoas em um constante processo de construção. Aqui são abordados hormônios, cirurgias e outros mecanismos utilizados, bem como as expectativas e as frustrações que envolvem a questão da passabilidade.

CAPÍTULO 1
O GÊNERO, O TRANSGÊNERO E O TRABALHO DE
CAMPO

1.1 Gênero: entendimentos e identidades

Neste capítulo discutirei os conceitos que dão suporte as reflexões apresentadas nesta etnografia. O primeiro destes conceitos é o de gênero. De maneira resumida, a historiadora norte-americana Joan Scott, abordando a história do conceito, lista três contextos teóricos que utilizaram este termo: o feminista, visando explicar a origem do patriarcado; o marxista, em que as relações de classe também são abordadas em termos de gênero, uma vez que há uma tradição de *generificação*¹⁷ das atividades de trabalho; e a terceira que, entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas, busca explicar a produção de identidade de gênero no sujeito (SCOTT, 1995, p.77).

De acordo com Scott (1995), o debate sobre o que é chamado de gênero começou com as acadêmicas feministas americanas, que criticaram o determinismo biológico existente em termos como “sexo” e “diferença sexual”, justamente quando se discutia temáticas relacionadas às mulheres. O sexo e seus atributos biológicos eram usados como justificativa para as diferenças existentes entre homens e mulheres. Na busca pelo espaço no ambiente acadêmico e pelo entendimento das origens dessas diferenças é que o termo foi cunhado. Miriam Grossi (1998, p.8) observa que “O conceito de gênero chegou até nós através das pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria “*gender*” para falar das origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. Uma das principais contribuições de Scott é apontar as características relacionais do gênero:

O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centravam nas mulheres de maneira estreita e separada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico (SCOTT, 1995, p.72).

Também historiadora, trabalhando com estudos de gênero e sexualidade, Linda Nicholson aborda como as diferenças entre as categorias sexo e gênero

¹⁷ Um neologismo, o verbo generificar é utilizado em meios digitais de discussão de gênero no sentido de “criar gênero”, “impor gênero” ou ainda “diferenciar em virtude de gênero”.

foram sendo construídas:

De um lado, o "gênero" foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a sexo, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado. Aqui, "gênero" é tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, não ao corpo; "gênero" e "sexo" são, portanto, compreendidos como distintos. De outro lado, "gênero" tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos "femininos" de corpos "masculinos" (NICHOLSON, 2000).

As autoras entendem gênero como as diferenças socialmente construídas, de maneira relacional, entre atributos masculinos e femininos. Sua preocupação era que o termo pudesse funcionar como um conceito livre de determinismos biológicos, que geralmente perpassam as ciências médicas e biológicas e mesmo o senso comum.

Nesse sentido, a dicotomia natureza e cultura, incorporada nas concepções sobre sexo e gênero, se estabelecem como pontos-chave nas teorias de gênero e influenciaram discussões posteriores. A antropóloga americana Sherry Ortner (1979), num dos primeiros textos que discutem essa questão, observa que o status secundário das mulheres na sociedade faz com que elas sejam inconscientemente associadas à natureza, que também é desvalorizada, pois o corpo feminino estaria mais próximo de experiências naturais. Segundo a autora, há universalidade no status secundário das mulheres, e isso acontece porque em cada cultura elas têm sido identificadas com características que são negativadas na própria cultura em questão (ORTNER, 1979, p.99). A autora cita Simone de Beauvoir, que afirma que nas mulheres a animalidade é mais manifesta, devido ao vínculo entre o corpo feminino e a função procriadora, que faz com que suas experiências as aproximem da natureza

Como também explica a antropóloga e psiquiatra Marika Moisseeff, a vivência das mulheres seria marcada pela função reprodutiva e esse processo as aproximaria do animalesco. "A maternidade, a gravidez, o parto natural, a necessidade de estar no interior de um corpo feminino antes do nascimento rebaixariam a humanidade ao status da animalidade" (MOISSEEFF, 2005,

p.235). Seriam as funções reprodutivas, delegadas à experiência do animalesco, que aproximariam as mulheres da natureza. As culturas, por outro lado, trabalham para criar significados que nos afastam da natureza:

Cada cultura, ou, genericamente, “cultura” está engajada no processo de gerar e sustentar sistemas de formas de significados (símbolos, artefatos e etc.) por meio dos quais a humanidade transcende os atributos da existência natural, ligando-as a seus propósitos, controlando-os de acordo com seus interesses. Podemos assim amplamente equacionar a cultura com a noção de consciência humana (isto é, sistemas de pensamento e tecnologia), por meio das quais a humanidade procura garantir o controle sobre a natureza (ORTNER, 1979, p.100).

Ortner afirma, portando que da mesma forma como a cultura é utilizada para controlar a natureza, haverá, também, a tentativa de subjugar as mulheres, que são especificamente entendidas como parte dela: “Uma vez que o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará ‘natural’ subordiná-las, para não dizer oprimi-las (ORTNER, 1979 p.101-102).

Dessa forma também pode-se entender que o gênero, enquanto categoria analítica de relação entre homens e mulheres (SCOTT, 1995) se estabelece no campo da cultura, que analisaria a natureza preexistente no sexo.

Na perspectiva das ciências médico- biológicas, sexo seria parte da nossa identidade biológica: algo com que nascemos, definido pelos cromossomos sexuais e os órgãos reprodutores. Conforme Paul Preciado, para um médico, uma pessoa nascida com cromossomos XX é geneticamente feminina, enquanto aquela que nasce com cromossomos XY é geneticamente masculina. Os casos que são desviantes desse padrão binário, como as pessoas intersexo¹⁸, devem ser tratados através de cirurgias (PRECIADO, 2014, p. 133). Na visão predominante no senso comum, sexo estaria vinculado à genitália e às características sexuais secundárias que compõem a materialidade do corpo.

Como um elemento constitutivo das relações sociais e de poder, gênero possui quatro elementos que as influenciam: as representações simbólicas,

¹⁸ Pessoas intersexo eram chamadas de hermafroditas.

como de Eva e Maria para o cristianismo, por exemplo; as normas que limitam as interpretações destes, como religião, ciência, educação, política e legislação; a noção de fixidez em relação a ele mesmo, que cria entendimento limitados a seu respeito; e por fim, a subjetividade da identidade (SCOTT, 1995, p.86-88).

Todos esses elementos perpassam de certa forma o trabalho de campo. As representações simbólicas, que dialogam com Lauretis (1987), aparecem na fala de interlocutoras e interlocutores quando comentam sobre filmes e seriados. As normas e a fixidez se fazem presente nos mais diversos discursos, desde o médico, como afirmado por Preciado (2014), que busca definir ainda no nascimento ou antes mesmo dele o que seria ser menino ou menina, passando pelas experiências na escola, em meio à família e na vida adulta, quando a legislação interfere diretamente em seus direitos.

Pensando na combinação desses elementos e como eles influenciam a percepção a respeito da relação entre homens e mulheres, Scott (1995) entende que gênero é uma “categoria útil de análise histórica”, como sugere o próprio título de seu artigo, uma vez que organiza essas relações, contextualizando-as e marcando o caráter relacional de práticas e percepções, além de atividades públicas e políticas.

Nesse sentido, a identidade de gênero é “algo um pouco mais complexa, porque remete à constituição do sentimento individual de identidade” (GROSSI, 1998, p.8). A identidade de gênero viria da identificação subjetiva das pessoas com aspectos normativos ou não de feminilidades e masculinidades. Se o gênero é a categoria relacional entre masculinidades e feminilidades, a identidade de gênero diz respeito à identificação com esses atributos ou além deles. Ela, por sua vez, não tem relação direta com a orientação sexual, embora no senso comum seja observada a vinculação de uma com a outra:

O conceito de gênero está colado, no Ocidente, ao de sexualidade, o que promove uma imensa dificuldade no senso comum – que se reflete nas preocupações da teoria feminista – de separar a problemática da identidade de gênero e a sexualidade, esta marcada pela escolha do objeto de desejo (GROSSI, 1998, p. 4).

A sexualidade, portanto, independe da identidade de gênero das pessoas,

que podem ser homossexuais, heterossexuais, bissexuais e outros, identificando-se como homem, mulher, ambos ou nenhum. Em resumo, de acordo com Miriam Grossi:

Considero que devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivo-sexuais, porque a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução. Além de diferentes formas de interpretar a situação das mulheres em nossa cultura, categorias como sexo e gênero, identidade de gênero e sexualidade são tomadas muito seguidamente no Brasil como equivalentes entre si. De uma forma simplificada, diria que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; que gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais); que identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e que sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos (GROSSI, 1995, p. 12).

Após essa primeira geração de acadêmicas que utilizaram o conceito de gênero, vindas de discussões feministas, veio uma segunda geração, na década de 1970 e 1980, que problematizava relações de trabalho e renda na sociedade. Ou seja, o conceito de gênero ainda está imbricado nos estudos sobre mulheres.

Um livro que influenciou muito esta corrente, ligada ao marxismo, é o de Engels chamado *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, no qual o autor defende que a mulher foi a primeira propriedade privada do homem, transformado as relações sociais, inicialmente sob o domínio do matriarcado (ou seja, do poder das mulheres), para o patriarcado, que seria o poder dos homens. Datam desse período inúmeros estudos preocupados com a situação de *dupla opressão*: de *classe* e de *sexo* (GROSSI, 1998, p.3).

É nesse momento em que “há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo *mulheres* denote uma identidade em comum” (BUTLER, 2003, p.20). Teresa de Lauretis argumenta que a respeito da impossibilidade de todas as mulheres se encaixarem em um só ideal de Mulher:

O primeiro limite da(s) "diferença(s) sexual (is)", então, é que restringe o pensamento crítico feminista dentro do quadro conceitual de uma oposição universal dos sexos (mulher como

a diferença do homem, ambos universalizados, ou mulher como qualquer pequena diferença, e, portanto, igualmente universalizados), o que torna muito difícil, se não impossível, articular as diferenças de mulheres da Mulher, ou seja, as diferenças entre as mulheres ou, talvez mais exatamente, as diferenças dentre mulheres (LAURETIS, 1987, p.2, tradução minha)¹⁹.

Autoras e autores vinculados aos estudos sobre as mulheres passam a entender que, justamente em virtude de o gênero ser socialmente definido, o ser mulher é algo diferente dependendo não só de classe social, mas também de idade e, claro, seu pertencimento social, uma vez que as mulheres do mundo não têm vivências iguais. Ocorre a dissolução da categoria *mulher* enquanto um sujeito universal (PISCITELLI, 2008, p.264). A categoria passa a ser trabalhada em conjunto com outros marcadores sociais de diferença, como resume, Donna Haraway, filósofa feminista-socialista com formação em primatologia, gênero e literatura:

Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial”. Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. (HARAWAY, 2000, p.47)

Nesse período, exploram-se, por exemplo, as múltiplas relações e papéis que as mulheres podem ter em um cenário global e autores provenientes de ex-colônias europeias trataram das relações pós-coloniais hierarquizadas entre esses países. Homi Bhabha é um deles e analisa o papel das mulheres nas lutas sindicais, de base tradicionalmente socialista, na Grã-Bretanha. Para ele, trata-se de um “momento híbrido de mudança política” quando as mulheres, que na estrutura sindicalista ficam reclusas ao lar, saem às ruas e ganham os holofotes

¹⁹ Do original: “The first limit of “sexual difference(s),” then, is that it can strains feminist critical thought within the conceptual frame of a universal sex opposition (woman as the difference from man, both universalized; or woman as difference tout court, and hence equally universalized), which makes it very difficult, if not impossible, to articulate the differences of women from Woman, that is to say, the differences among women or, perhaps more exactly, the differences within women”.

da imprensa em momento de greve, sem que isso abale a estrutura sindical (BHABHA, 1998, p.54). Gayatri Spivak, por sua vez, escreve sobre sua própria jornada enquanto indiana de uma casta que teve acesso à educação e à cultura do imperialismo britânico e que agora parte desse local de fala (SPIVAK, 1994). Esses debates levaram, no final dos anos 90, à emergência de “novas categorias de articulação e as interseccionalidades” (PISCITELLI, 2008, p.263). Esses estudos buscavam desconstruir a ideia de uma cultura hegemônica homogênea, marcando a diversidade de experiências.

Por fim, a categoria gênero serviu como questionamento para a ciência que se pretende neutra e objetiva, mas “reflete os valores construídos no Ocidente desde o final da Idade Média, os quais refletem apenas uma parte do social: a dos homens, brancos e heterossexuais” (GROSSI, 1998, p.4). Teorias construtivistas buscam explicar a questão da identidade de gênero, como veremos a seguir.

1.2 Teorias *Queer*, Butler, Preciado e Haraway: gênero, corpo, performatividade e ciborguização

Como já citado, Joan Scott cita um terceiro momento histórico para o uso da categoria gênero, que seria das pesquisadoras pós-estruturalistas francesas e anglo-americanas, que buscam entender a construção da identidade de gênero (SCOTT, 1995). Nessa corrente surgem as teorias *queer*, importantes por pesquisar as relações entre performatividade de gênero e materialidade dos corpos (BUTLER, 2000).

O trabalho de Judith Butler, filósofa da corrente construtivista pós-estruturalista, é entendido dentro do contexto dessas teorias. De acordo com o sociólogo Richard Miskolci, pesquisador de teoria de gênero e teorias *queer*, os *queer* surgiram em oposição ao movimento homossexual já existente: enquanto o segundo busca a aceitação nos meios hegemônicos, os primeiros criticavam o *status quo*, pois esse era responsável por sua experiência de estigmatização. O termo foi cunhado por Teresa de Lauretis em 1991 (MISKOLCI, 2013, p.32). Para

a autora, o gênero, tanto como representação quanto como auto-representação “é o produto de várias tecnologias sociais, como o cinema, e de discursos institucionalizados, epistemologias e práticas críticas, bem como práticas cotidianas” (LAURETIS, 1987, p.2, tradução minha)²⁰. Levando em conta a afirmação da autora, analisarei no segundo capítulo as tecnologias: escola, família, mídias e vestuário enquanto prática cotidiana. Em resumo, segundo Richard Miskolci:

O *queer*, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (MISKOLCI, 2013, p. 25)

As teorias *queer*, conseqüentemente, vão além das questões vinculadas à homossexualidade, abarcando gênero e sexualidade, levando em conta toda a extensão em que são vinculados ao abjeto²¹. Teoria *queer*, portanto, “vem enriquecer os estudos gays e lésbicos com sua perspectiva feminista e que lida com o conceito de gênero, e também sofisticar o feminismo, ampliando seu alcance para além das mulheres” (MISKOLCI, 2013, p. 32). Há ainda uma preocupação com as práticas sociais nos estudos:

Desde sua origem no contexto norte-americano de fins da década de 1980, a teoria *queer* propõe alterar o foco de uma exclusiva preocupação com a opressão e a libertação dos sujeitos homossexuais para a análise das práticas institucionais, da produção dos conhecimentos sobre a sexualidade e do modo como eles organizam a vida social. Busca atentar, em particular, para o modo como esses conhecimentos e práticas sociais oprimem diferenças, ou seja, desfocar análises de sujeitos “anormais” para as normas sociais que os constituem como tal. É por isso que os estudos de Foucault e parte dos estudos feministas são os aportes inspiradores dessa teoria (DUQUE, 2012^a, p.495).

As teorias *queer*, portanto, buscam pensar sobre os sujeitos que fogem do imperativo normativo da sociedade, não como abjetos ou monstruosos, mas

²⁰ Do original: “[...] is the product of various social technologies, such as cinema, and of institutionalized discourses, epistemologies, and critical practices, as well as practices of daily life.

²¹ O abjeto seria o que transcende o limite da humanidade, que é “algo repulsivo, repugnante, desprezível, vil, que inspira horror” (LEITE JUNIOR, 2012, p.561). O termo, comumente utilizado em literatura sobre gênero e sexualidade, é derivado do trabalho da filósofa Judith Butler.

como aqueles que são excluídos do comportamento socialmente aceito, através de regras que, ao serem criadas, materializam essa exclusão (BUTLER, 2000).

Em relação a essa pesquisa, as teorias *queer* ajudam a situar interlocutores e interlocutoras enquanto sujeitos de seus corpos, ainda que rodeados por práticas reguladoras. Para Judith Butler, o gênero se expressa através da performatividade, que seria sempre uma reafirmação de uma norma ou um conjunto de normas (BUTLER, 2000). Quando fala em normas, ela está, justamente, se referindo aos construtos sociais ligados a ele. Ela entende que a identidade de gênero é uma estrutura performativa (BUTLER, 2004, p.10) e relaciona-se diretamente com a experiência corpórea. Em uma referência direta a Scott, afirma que “Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um ‘fator’ ou ‘dimensão da análise’, ele também é aplicado a pessoas reais como uma ‘marca’ de diferença biológica, linguística e/ ou cultural” (BUTLER, 2003, p.28). Essa marca linguística viria dos discursos correntes, uma vez que a diferença sexual é demarcada através deles, mas não são eles que a causam. A partir do momento em que uma regra ou norma é criada, ela materializa o sexo através da reiteração dela mesma.

Consideremos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou em uma “ela”: nessa nomeação a garota torna-se garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundando é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado (BUTLER, 2000).

Por isso, evocando Foucault, ela reflete sobre os dispositivos sociais que exercem controle sobre os corpos e a performatividade dos sujeitos. Para Butler, a própria materialidade do corpo está vinculada à performatividade de gênero, pois mesmo as diferenças sexuais passam pela marcação social que criam significados a elas, sendo, portanto, socialmente construídas (BUTLER, 2000). A própria noção de corpos especificamente masculinos ou femininos faz parte do conceito de gênero. A performatividade se relaciona com a materialização dessa diferença, mas ela não é deliberada. Conforme observa Butler (2004), “Se gênero é um tipo de fazer, uma atividade incessante performada em parte sem

o conhecimento ou o desejo da pessoa, não é por essa razão automático ou mecânico” (BUTLER, 2004, p.1, tradução minha)²².

Butler afirma que não se pode entender o gênero como um atributo cultural que se impõe sobre a superfície de uma matéria anterior, que seria o corpo, como se este fosse uma natureza passiva esperando a ação da cultura. Por isso, entende que o próprio corpo também é traduzido dentro do conceito de gênero e que, portanto, o sexo “qualifica um corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2000). Em resumo, o gênero constrói o sexo, mas o sexo é interpretado por ele, enquanto categoria analítica e, por fim, o sexo é gênero. Essa é uma forma de responder às teorias clássicas de gênero que o colocavam juntamente com o sexo, como equivalentes à dicotomia natureza e cultura. Para a autora, não existe sexo intocado pela cultura, sendo ele mesmo interpretado por e através dela.

Esse construcionismo radical não nega a existência de “partes, atividades, capacidades sexualmente diferenciadas, e diferenças hormonais e de cromossomos” (BUTLER, 2000), mas entende que não existe um corpo puro, que não tenha sido tocado pelo discurso e pela performatividade. Mesmo que haja algo no corpo que não seja construído, a própria demarcação dessa não-construção é feita através da sua comparação com o construto.

Essa materialização está vinculada ao imperativo de uma heterossexualidade compulsória, uma vez que se espera que haja um alinhamento entre sexo, gênero e orientação sexual (homem, masculino, atração por mulheres, por exemplo), mas na prática isto nem sempre acontece. Por isso, o uso de categorias relacionadas ao sexo dentro de um contexto político e discursivo é prejudicado pela própria instabilidade dessas categorias, uma vez que não são fixas (BUTLER, 2000).

Paul Preciado afirma, assim como Butler, que gênero e sexo são provenientes da heteronormatividade compulsória da sociedade. Em seu livro *Manifesto Contrassexual* ele define o que chama de contrassexualidade:

Em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e

²² Do original: “If gender is a kind of a doing, an incessant activity performed, in part, without one’s knowing and without one’s willing, it is not for that reason automatic or mechanical”.

de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas. [...] No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem ou outros corpos como falantes (PRECIADO, 2014, p.21).

Até aí, não há divergências, pois ele também se refere às diferenças de sexo e gênero provenientes da heteronormatividade compulsória da sociedade. Mas ele vai além, ao considerar que ambos são, na verdade, uma espécie de materialização prostética dessas normas:

A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/ mulher, masculino/ feminino, heterossexualidade/ homossexualidade. Ela define a sexualidade como uma tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves equipamentos, formatos, acidentes detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2014, p.23).

Dessa maneira, Preciado não rejeita nem as construções sociais nem psicológicas do gênero, mas desloca-as para entendê-las além da performatividade, como estratégias tecnológicas, sendo que a contrassexualidade seria o estudo das “transformações tecnológicas dos corpos sexuados e *generizados*” (PRECIADO, 2014, p.24). Ou seja, para o autor, gênero seria a materialização prostética das normas da sociedade. Ele não é apenas performativo, nem vem só das práticas culturais e discursivas, como afirma Butler, mas se manifesta na própria materialidade dos corpos (PRECIADO, 2014, p.29). A ideia de um corpo híbrido, ciborgue, prostético, é emprestado de Donna Haraway que afirma que a medicina atual é repleta de ciborgues, organismos e máquinas que codificam um só corpo (HARAWAY, 2000, p.36).

Se os discursos das ciências naturais e das ciências humanas continuam carregados de retóricas dualistas cartesianas de corpo/espírito, natureza/tecnologia, enquanto os sistemas biológicos e de comunicação provaram funcionar com lógicas

que escapam a tal metafísica da matéria, é porque esses binarismos reforçam a estigmatização política de determinados grupos (as mulheres, os não brancos, as *queers*, os incapacitados, os doentes...) e permitem que eles sejam sistematicamente impedidos de acessar as tecnologias textuais, discursivas, corporais etc. que os produzem e os objetivam. Afinal, o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como “natureza”. (PRECIADO, 2014, p.168).

O autor conclui que o domínio dos binarismos nos discursos científicos estigmatiza determinados grupos, dificultando o seu acesso às políticas de ciborguização e às próteses que constroem sexo e gênero.

De forma resumida, pode-se dizer que para Butler (2000, 2003, 2004) gênero provém dos discursos que ajudam a construí-lo e limitá-lo, enquanto Preciado (2014) entende que gênero é corporificado, prostético ou ainda, o que vai diretamente sobre o corpo. Embora sejam posições que inicialmente podem parecer discordantes, trabalho com as duas possibilidades: a construção discursiva e a prostética no gênero, como mostrarei nos próximos capítulos.

1.3 Identidades transgênero: travestilidades, transexualidades e além

No contexto das teorias *queer*, pessoas com identidades transgênero seriam todas aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento, aquelas que adotam características que divergem das comumente atribuídas a esse gênero, as que transitam entre gêneros binários (feminino e masculino) e, por fim, as que fogem do binarismo. Conforme a antropóloga Anna Paula Vencato, o termo pode englobar transexuais, travestis,

drag queens, *dragkings*²³, *genderqueers*²⁴, agêneros²⁵ e transgêneros²⁶, bem como outras identidades (VENCATO, 2003, p.195).

Dessa forma, a palavra “transgênero” tem sido usada como um termo guarda-chuva, ou seja, um termo que engloba diversas identidades. Quando comecei a pesquisa, alguns grupos de militância utilizavam o termo trans*, com o acréscimo do asterisco, representando o substantivo englobador, de maneira a não excluir aqueles que tem uma experiência não-cisgênero²⁷ e que possa se identificar com o termo, e, mais do que isso, de forma a permitir que novos termos possam ser incorporados sob sua definição.

“Trans” permite que experiências diferenciadas possam pertencer a um mesmo grupo e, em se tratando de ativismos, um grupo de maior abrangência pode ter maior representatividade. Apesar dessas vantagens, o termo “trans* não é unanimidade. O fato de englobar experiências tão diferentes faz com que haja certa controvérsia em relação ao seu uso. De acordo com Beatriz Guimarães:

Não adianta colocar asterisco se você não fala dessas experiências trans não-binárias e de outras formas de não-cisgeneridade que fujam à narrativa universal [...]. Dá para entender trans como transexual e como transgênero. Dá para ver diversas narrativas de não-cisgeneridade como transgeneridade e essa já é a posição de muita gente. Apesar

²³ Os *drag kings*, ao contrário das *drag queens*, são artistas que criam performances em torno da masculinidade.

²⁴ De acordo com o sítio Nonbinary.org, *genderqueer* é um termo guarda-chuva que cobre expressões e identidades de gênero não-normativas. O termo pode ser utilizado por indivíduos que não desejam ser mais específicos a respeito de sua identidade de gênero não-binária. Disponível em: <<http://nonbinary.org/wiki/Genderqueer>>. Acesso em 3 de outubro de 2015.

²⁵ O sítio Espectrometria Não-Binária dá conta de alguns dos termos utilizados para auto-identificação de gênero não-binário. De acordo com a página, agênero “é uma identidade não binária de pessoas que vivenciam a ausência de gênero ou que se identificam fora dos outros gêneros. Disponível em: <<http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/post/95841791923/glossario-terminos-sobre-generos-sexualidades>>. Acesso em 23 de julho de 2015.

²⁶ O termo transgênero englobado dentro do grande grupo das identidades transgênero diz respeito a pessoas que se identificam com o gênero oposto ao sexo designado em seu nascimento e adotam essa identidade, sem necessariamente passar por alterações hormonais ou físicas que alinhariam essa identidade com o corpo biológico. Em diversos espaços de militância tem-se utilizado a abreviação, acompanhada do gênero da identidade, sem o asterisco (por não se tratar mais de um termo englobador): homens trans e mulheres trans, ou transhomens e transmulheres.

²⁷ Cisgênero diz respeito à identidade de gênero em que o gênero designado no nascimento e a auto-identificação estão alinhados (JESUS; ALVES, 2010, p.13). O prefixo em latim cis significa “do mesmo lado”, enquanto “trans” significa do outro lado. Nesse caso são usados em relação ao sexo que foi designado à pessoa quando nasceu.

de entender que o asterisco também é uma forma de lutar contra a higienização e hierarquização de narrativas não-cis (“crossdressers são homens, travestis são os dois e transexuais são os que são realmente mulheres ou homens de verdade”), não acho que a contribuição dele para esse fim justifique seu uso mais do que realmente abordarmos e extinguirmos essas higienizações dos nossos discursos.²⁸

Ou seja, o uso do asterisco, se não acompanhado por uma mudança de discurso que abarque identidades diversas, especialmente não binárias, pouco significa em termos de avanço, de acordo com o movimento. Mas esse uso parece não ter se difundido na prática, em que o termo trans, sem nenhum acréscimo, é usado como equivalente a transgênero. No campo, interlocutoras e interlocutores fizeram uso da palavra trans e mesmo em sua forma escrita, não utilizaram asterisco como complemento. A usarei grafada da forma como foi utilizada por cada uma e cada um e, por minha vez, farei uso do termo transgênero.

Durante a pesquisa identifiquei críticas ao uso do termo “transgênero”, tradução do inglês de “*transgender*”, pois diz respeito a um contexto de ativismo que não reflete nossa realidade nacional e pode servir para invisibilizar categorias que possuem históricos e trajetórias específicas do Brasil, como o caso das travestis, de acordo com a ativista Janaina Lima²⁹. Sara, interlocutora deste trabalho, também analisa o termo:

Eu sei que existem muitos rótulos que tentam definir gêneros. E já vi alguns usarem o termo "trans". Penso que se for usado apenas em sua forma didática, com o intuito de alcançar um conceito diferenciado para comportamento de gênero, é válido. Mas não ajuda quando usado para conceituar gêneros de seres humanos. Acho que o uso indiscriminado de termos acaba por favorecer o preconceito. Seria mais interessante que os grupos propusessem primeiro a adoção de políticas de gênero favoráveis a diversidade para diminuir o preconceito na sociedade. É muito complicado buscarmos uma categoria, por que a diversidade de experiência de vida é tão grande que dificilmente alguém consegue se encaixar na definição da outra. E penso que isso vale para qualquer situação (SARA, 02/04/2015).

²⁸ Beatriz Guimarães é autora do blog *Feminismo Trans*, espaço que discutia questões sobre transgeneridade, mas que parou de receber atualizações em 2014. GUIMARÃES, Beatriz. Por que não uso o Asterisco. *Feminismo trans*. Disponível em: <<https://feminismotrans.wordpress.com/2013/05/27/por-que-nao-uso-o-asterisco/>>. Acesso: 10 de junho de 2015.

²⁹ LUCON, Neto. “*Não nasci e nem quero me tornar mulher*”, diz militante travesti Janaina Lima. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2015/02/nao-nasci-e-nem-quer-me-tornar-mulher.html>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2015.

Alguns grupos se opõem ao uso dessa nomenclatura “transgênero” para todas as experiências de trânsitos de gênero, ainda que esse uso seja proposto por grupos de transativismo e ativismo LGBT e seja uma escolha que visa dar abertura para a auto-identificação. Nesse caso, para esta pesquisa, a opção de utilizá-lo é uma decisão consciente, tomada como forma de facilitar a abordagem destas diversas identidades de maneira relacionada, uma vez que é interessante pensar como essas diferentes formas de trânsito e de experiências em torno de gênero podem ser trabalhadas em um grupo maior, também chamado “transgênero”.

É preciso esclarecer que essas identidades e representações alteram-se com velocidade. A palavra transgênero ainda não é dicionarizada e é utilizada no contexto explicado acima em ambientes acadêmicos e de ativismo. A utilizarei neste trabalho justamente por englobar a possibilidade de diferentes trajetórias em se tratando de trânsitos de gênero. Dessa maneira,

Identidade social é aqui entendida e operacionalizada na acepção de um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo social. Não se trata de uma concepção que se baseie numa substância reificada de marcas sociais estáticas, mas antes de uma proposta em que a modelação da pessoa importa simultaneamente em três dimensões (HEILBORN, 1996).

Portanto, pode-se falar em identidade sob o ponto de vista de Stuart Hall (2011), que diz respeito a um “eu” performativo, em que a identidade é estratégica. Além disso, utilizarei o termo “experiência transgênero”, como é chamada por Sônia Maluf (2001, p.95), para referir-se a essas performatividades de gênero específicas. A autora chama atenção para a relevância do fenômeno para os estudos antropológicos a respeito do corpo e da corporalidade. A respeito da experiência transgênero, afirma:

Estou falando aqui de um conjunto de práticas diversificadas que envolvem não apenas o *cross-dressing*, como a vivência subjetiva de tornar-se outro, que implica a transcendência da identidade como noção central na discussão sobre a constituição do sujeito e o reconhecimento da “dimensão alteritária” como central para esses sujeitos (MALUF, 2001, p.100).

Quando se fala de transgeneridade, os termos e nomenclaturas utilizados estão em constante mudança, mesmo quando se trata da própria forma de se referir a ela. Anna Paula Vencato, por exemplo, trabalha com o termo “fenômeno transgênero” (2003, p.192), enquanto Berenice Bento e Larissa Pelúcio escreverem “vivências trans”, que seriam atravessadas por “diferentes marcadores sociais” (2012, p.486). As três autoras entendem e frisam a importância da transgeneridade dentro de estudos de gênero e de corporalidade, bem como levam em conta o leque de diversas possibilidades que ela engloba. Ambas as terminologias utilizadas, “fenômeno” e “vivência” podem, de maneiras diferentes, dar conta de expressar essa diversidade de entendimentos que envolvem a transgeneridade, mas opto por utilizar “experiência transgênero” porque é o termo que melhor expressa a construção de um referencial de mundo através da subjetividade das pessoas. Para Teresa de Lauretis a experiência pode ser entendida como:

[...] o processo pelo qual, para todos os seres sociais, a subjetividade é construída. Eu busquei definir experiência mais precisamente como um complexo de efeitos de significado, hábitos, disposições, associações e percepções resultantes da interação semiótica do eu e do mundo exterior (LAURETIS, 1987, p.18, tradução minha)³⁰.

Essa interação do eu com o mundo exterior dialoga com a construção do sujeito mencionada por Sonia Maluf (2001), uma vez que é nessa relação de alteridade com as normas que se projeta a identidade. Por sua vez, falando a respeito da experiência como fonte de informação para o pesquisador, Joan Scott afirma:

Quando a evidência oferecida é a evidência da “experiência”, sua reivindicação de referencialidade se vê ainda mais fortalecida, pois o que poderia ser mais verdadeiro, depois de tudo, que o relato do próprio sujeito, do que ele ou ela viveu? [...]. Quando se toma a experiência como a origem do conhecimento, a visão do sujeito individual (a pessoa que teve a experiência ou o historiador que a relata) se convertem na base de evidência sobre o que se constrói a explicação (SCOTT,

³⁰ Do original: “[...] the process by which, for all social beings, subjectivity is constructed. I sought to define experience more precisely as a complex of meaning effects, habits, dispositions, associations, and perceptions resulting from the semiotic interaction of self and outer world”.

2001, p.47-48)³¹.

Scott (2001), portanto, traz a experiência para o campo do conhecimento, em que o fato ou o relato partem das referências que as próprias pessoas envolvidas têm. Levo em conta o entendimento de Laretis a respeito da experiência, também individual, como um processo de formação da subjetividade através das relações com o mundo, que enriquecem as trajetórias e criam conhecimento e memórias para os sujeitos; unido à linha de pensamento de Scott, mas substituindo o historiador pela antropóloga na prática dessa pesquisa. Nessa perspectiva, a experiência pode ser entendida como um evento “que não ocorre fora de significados estabelecidos, mas tampouco está confinada a uma ordem fixa de significado (Ávila, 2014, p.36). Dessa maneira, é possível aplicar ambas as reflexões e usar o relato de experiência como a verdade e a evidência para essa pesquisa etnográfica, justificando, dessa forma, o uso do termo “experiência transgênero”.

A respeito das experiências transgênero no Brasil, há etnografias clássicas que abordam a questão da travestilidade. Ainda em 1993, Hélio R. S. Silva publica *Travesti: a invenção do feminino*, trabalho pioneiro na imersão nesse campo.

Entre 1996 e 1997, Don Kulick realiza seu trabalho de campo, morando em uma casa com treze travestis na cidade de Salvador. O livro fruto deste trabalho, intitulado *Travesti*, só veio a ser publicado no Brasil em 2008. Pensar nas nomenclaturas e em seus usos é importante não só visando a melhor representação das pessoas envolvidas, mas também em virtude do papel político que os termos adquirem. Neste caso, Kulick não tem interesse ou preocupação em inserir as protagonistas-título dentro de um contexto de estudos de gênero ou de teorias *queer*. As travestis são retratadas como sendo parte de uma realidade específica brasileira e o autor o faz “sem pressupor que sabemos

³¹ Do original: “Cuando la evidencia ofrecida es la evidencia de la “experiencia”, su reclamo de referencialidad se ve aún más fortalecido, pues ¿qué podría ser más verdadero, después de todo, que el relato propio de un sujeto de lo que él o ella ha vivido? [...] Cuando se toma a la experiencia como el origen del conocimiento, la visión del sujeto individual (la persona que tuvo la experiencia o el historiador que la relata) se convierte en el basamento de evidencia sobre el que se construye la explicación”.

de antemão o que são ‘homens’ e ‘mulheres’ (ou mesmo se essas categorias existem como tais)” (KULICK, 2008, p.28).

De toda forma, a definição de travestilidade é fluida, uma vez que esse conceito diz respeito a processos identitários variados, bem como diversas experiências de construção e desconstrução do corpo, visando a criação do feminino (DUQUE, 2012, p.175). A travesti não é quem se veste de mulher (SILVA, 1993, p.117) mas para elas a “produção do feminino seria um processo contínuo, uma luta cotidiana contra traços/ excessos masculinos que sempre *dão um jeito de aparecer*” (VENCATO, 2003, p.199). É possível perceber que da década passada em diante, os trabalhos com essa temática passam a incorporar conceitos relacionados as experiências transgênero. Marcos Benedetti (2004) e Berenice Bento (2004; 2009) mencionam travestis e transexuais. Em relação à transexualidade, os sujeitos são citados sob o ponto de vista da psiquiatria, a ser desconstruído. Para as ciências psi, uma pessoa transexual é alguém que não está satisfeita com o próprio corpo, o que pode ser desmentido, uma vez que “A afirmação de que as pessoas transexuais odeiam seus corpos está baseada em tropos metonímicos. Toma-se a parte (as genitálias) pelo todo (o corpo). É como se a genitália fosse o corpo” (BENTO, 2009, p. 97). Esse tipo de discurso também reforça a ideia da existência de comportamentos e vivências adequados e padronizados para cada gênero:

A visão de que o desejo de se tornar um homem ou um transhomem ou de viver transgenerificado é motivado por um repúdio à feminilidade presume que cada uma das pessoas nascidas com uma anatomia feminina está, portanto, em posse de uma feminilidade adequada (seja inata, simbolicamente assumida ou socialmente designada) (BUTLER, 2004, p.9, tradução minha)³².

O termo “transexualismo”, ainda com a partícula final indicando uma doença, foi usado pela primeira vez em 1910, por Magnus Hirshfeld. As primeiras teorias a seu respeito foram desenvolvidas ainda no início do século XX. Foi o psiquiatra estadunidense David O. Cauldwell quem sugeriu o nome *psychopathia*

³² Do original: “The view that the desire to become a man or a transman or to live transgendered is motivated by a repudiation of femininity presumes that every person born with female anatomy is therefore in possession of a proper femininity (whether innate, symbolically assumed, or socially assigned)”.

transexualis, após ter estudado casos de pessoas que passaram por trânsitos em gênero, no final da década de 1940. Cauldwell considerava a transexualidade uma psicopatia porque relacionava o desejo por cirurgias que alterassem o corpo, que considerava mutiladoras, a um desequilíbrio mental provocado por experiências da infância. Para ele, esse tipo de vivência era categorizada de forma diferente do que aquelas que pessoas intersexo ou homossexuais tinham (MURTA, 2013, p.66).

Segundo o psicanalista Robert Stoller, um indicativo de “sexualidade anormal” seria o fato de a criança gostar de brincadeiras ou roupas comumente associadas a outro gênero, sendo que tal gosto se originaria na relação da criança com a mãe (BENTO, 2004). Nessa perspectiva, a performatividade de gênero das pessoas transexuais também é interpretada como um distúrbio. Para ele, o tratamento eficaz é aquele que faz a criança desenvolver hostilidade em relação à mãe, para encontrar sua feminilidade ou masculinidade (BENTO, 2004).

Já para o endocrinologista alemão Harry Benjamin, a partir da década de 1950, o sexo é composto por vários sexos: cromossômico (genético), gonádico, fenotípico, psicológico e jurídico. O cromossômico é que determina o sexo e o gênero (MURTA, 2013, p.67). Quando o sexo psicológico se opõe a ele, acontece o que ele entende por uma enfermidade, que seria resultante de uma variação biológica do sexo (MURTA, 2013, p.67). Benjamin defendia o autodiagnóstico e cria que intervenção cirúrgica seria a intervenção terapêutica adequada, já que representaria a única solução para o conflito entre o corpo e subjetividade dos sujeitos (BENTO, 2004).

Segundo Murta, para o diagnóstico, Benjamin dividiu o que ele chamou de “travestismo masculino” em três grupos distintos. O primeiro incluía aqueles que se identificavam como mulheres, se vestiam como tal, mas tinham no pênis um órgão de prazer ainda em uso. O segundo incluía aqueles que, além do vestuário, desejavam fazer alterações em seus corpos, mas não na genitália. O terceiro é o que chamava de transexualismo verdadeiro, em que as pessoas expressam ojeriza ou desgosto em relação a seus órgãos sexuais (MURTA, 2013, p. 68).

Em 1987 o termo “transexualismo” foi incluído no Manual diagnóstico e estatístico das desordens mentais (*DSM-III*), sendo substituído em 1994 por “desordem de identidade de gênero) e em 2001 por “transtorno de identidade de gênero” (ÁVILA, 2014, p.95). Hoje, desde 2013 sob o nome “disforia de gênero”, a transexualidade ainda consta no DSM; e no Código Internacional de Doenças (CID), que lista transtornos de personalidade e comportamento em adultos (BENTO; PELÚCIO, 2012, p.560). Para a medicina, a transexualidade é considerada um transtorno de identidade de gênero, marcado por essa “disforia de gênero”, que seria o desconforto em relação a características físicas entendidas como de outro gênero que não aquele com o qual o indivíduo se identifica: “Para o Conselho Federal de Medicina (CFM), transexual é a pessoa qualificada como paciente portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência a automutilação e autoextermínio” (BARBOZA, 2003, p.554).

A tentativa das ciências biomédicas de reduzirem a transexualidade ou a transgeneridade a um diagnóstico falha diante da impossibilidade de criar uma identidade transgênero universal, tendo em vista as diferentes experiências dos sujeitos, bem como discursos e tecnologias de que fazem uso.

Pelo histórico de patologização relacionado ao termo e pelo fato dele não abarcar a ideia de uma construção de gênero, mas sim se pautar em um sexo anterior vinculado a um corpo biológico, que necessariamente precisa ser modificado, não utilizarei o termo “transexualidade”, a não ser em caso de auto-identificação. Faço uso de “transgênero” em seu lugar.

Além dos termos “homem trans” e “mulher trans”, também é comum o uso de *MtF (Male to Female)* e *FtM (Female to Male)*, que significam que um corpo que era entendido como masculino transicionou para características e atributos socialmente vinculadas ao feminino e vice-versa, respectivamente. Transhomens e transmulheres também são termos utilizados, vindo do francês *transhomme*, como utilizado pela teórica *queer* Marie-Hélène Bourcier (ÁVILA, 2014, p.34).

A transgeneridade também é acompanhada de forte discurso político, o que pode ser percebido pela articulação do transfeminismo. Sonia Maluf escreve

um relato sobre um evento acadêmico em 2005 em que, algumas semanas antes de seu começo, circularam *e-mails* discutindo a participação de pessoas transgênero. A questão, segundo a autora, é que elas sempre participaram, mas a novidade vinha da reivindicação de participar enquanto “identidade política” (MALUF, 2007, p.33). Essa reivindicação de espaço tem acontecido tanto na academia como na militância, criando tensões e levantado questões a respeito do protagonismo, bem como das identidades. Conforme Maluf, esse é:

[...] um exemplo paradigmático, talvez extremo, de questões que têm perpassado outros momentos do feminismo, tanto militante quanto acadêmico: o lugar político/teórico do sujeito no campo feminista – e, sobretudo mais recentemente o lugar da teorização e da conceitualização discursiva no interior do movimento sobre quem são seus próprios sujeitos e quais são os lugares políticos qualificados e qualificadores do discurso feminista; e os modos como esses sujeitos e subjetividade vêm sendo constituídos no interior do movimento, ou seja, os regimes políticos de subjetivação no interior do movimento (MALUF, 2007, p.34).

O debate dentro dos movimentos feministas se polariza entre aquelas que creem que a transexualidade reforça estereótipos e performances de gênero a respeito do que constitui o “ser mulher”; e as que afirmam que a separação radical entre o feminino e corpo biológico interpretado como tal seria o ápice do feminismo, já que reforçaria a separação entre sexo e gênero, pretendida desde as primeiras correntes acadêmicas (ÁVILA, 2014, p.193).

Além das chamadas “transexuais”, pessoas intersexo também são patologizadas por não se enquadrarem nos discursos médicos correntes. Elas são descritas como “corpos que apresentam ‘características’ dos dois sexos, ou que eventualmente poderiam apresentar uma evolução para o sexo oposto ao sexo aparente” (PRECIADO, 2014, p.127). Conforme já falado, crianças que nascem com cromossomos XX são consideradas meninas pela medicina, e com cromossomo XY, meninos. Mas para que sejam assim aceitos, seus corpos, especialmente suas genitálias, precisam estar alinhados com os cromossomos. Há casos em que as crianças nascem com genitálias que tornam dúbias a maneira como são interpretadas e, conseqüentemente, *generificadas*. Clitopênis (órgão pequeno, que parece um clitóris, mas pode vir a ser um pênis), micropênis

(pênis plenamente formado, mas pequeno), microfalo (pênis pequeno e malformado) e pênis-clitóris (clitóris grande) são alguns desses casos (PRECIADO, 2014, p.134). Geralmente, na ausência de um pênis bem formado, sendo o bebê XX ou XY, ele é identificado por médicos e responsáveis como sendo do gênero feminino. Mas caso um bebê XX tenha nascido com um pênis bem formado, provavelmente será deslocado para o gênero masculino, uma vez que a “castração” não é vista com bons olhos. (PRECIADO, 2014, p. 140). Essas escolhas por parte das autoridades não permite a autonomia dos sujeitos de crescerem e expressarem formalmente sua identidade.

Se o gênero é uma prática cultural e discursiva, segundo Butler (2000), é possível identificar nesses discursos de patologização a tentativa de tornar abjetas essas identidades.

O “abjeto” designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito (LEITE JUNIOR, 2012, p. 560).

Dessa forma, o abjeto é o vil e desprezível. São os limites do que se cria como “humano” demarcam o que é “inumano” e o que se entende por um sexo aceito e legitimado que estabelece o que deve ser excluído e ojerizado:

[...] o humano é produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais estritamente falando recusam a possibilidade de articulação radical. Portanto não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. (BUTLER, 2000).

Sonia Maluf (2002) menciona identidades variadas, como travestis, *drag queens*, transformistas, entre outros, mas já chamando atenção para o que ela chama de “experiência transgênero”, como já mencionado. Da mesma forma, Tiago Duque (2012), ao falar sobre travestis, menciona “trânsitos trans”. Essa abertura de possibilidades é extremamente importante, uma vez que a emergência de novas formas de auto-identificação é constante.

As *drag queens* são artistas que se “montam” para performance. Tal montaria pode levar horas para ser concluída e o objetivo final não é ficar parecida com mulheres (VENCATO, 2003, p. 198). Elas se diferenciam das demais identidades transgênero em virtude da transitoriedade de suas montagens³³.

O que diferencia a drag dos outros transgêneros, a meu ver, são aspectos como temporalidade, corporalidade e teatralidade. Temporalidade porque a drag tem um tempo “montada”, outro “desmontada” e, ainda, aquele em que “se monta”. Diferente de travestis e transexuais, as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem. A corporalidade drag é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender esses sujeitos (VENCATO, 2003, p. 196).

O mesmo ocorre com *crossdresser*, que, também não buscam ser mulheres, mas nelas se inspiram para que possam se montar por um período de tempo determinado. Em resumo, *crossdresser* é:

[...] alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do sexo oposto ao sexo com que se nasceu. *Crossdressers* não são mulheres e não se veem como tal. De forma rápida, poder-se-ia dizer que são homens que se vestem de mulher, ou que efetivam o desejo de se vestir com roupas e acessórios femininos, embora o *crossdressing* seja um tanto mais complexo que isso. [...] De modo geral, as *crossdressers* se inspiram e buscam realizar em suas *montagens* aquilo que observam e que admiram nas mulheres, ou o que elas veem nas mulheres e acham bonito ou interessante (VENCATO, 2013, p.32-33).

No Brasil, o movimento de militância transgênero faz parte do movimento LGBT. Simone Ávila relata sua experiência residindo na França, onde, segundo ela, o “T” age de maneira independente em relação aos grupos de lésbicas, gays e bissexuais (ÁVILA, 2014, p.187). A inclusão da letra na sigla na militância ocorreu em 1995, no VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. Neste momento o T funcionava como sigla apenas para as travestis. Mesmo dentro da militância, a abertura desse espaço não ocorreu sem controvérsia e debate. Em 2000, com a criação da Associação Nacionais de Travestis, Transexuais e

33 Montaria, ou montagem, é o termo utilizado para definir o processo de composição da personagem, que incluem a vestimenta, a maquiagem, o nome, o falar, etc. (VENCATO, 2005, p.232).

Transgêneros a letra passou a englobar essas outras identidades (ÁVILA, 2014, 189-191).

Ainda é preciso lembrar que algumas dessas identidades existem apenas em contextos específicos. Assim como as travestis na América Latina e as *hijras* na Índia, existem outras vivências comuns em determinados meios que permitem trânsitos de gênero. Jack Halberstam lembra de que em certas localidades da Índia, China e Leste Europeu crianças que foram designadas como meninas podem ser criadas como meninos caso seja vantajoso para a família, como no caso de necessidade de mão de obra para o trabalho rural, por exemplo. Nesse caso, essas meninas costumam ter mais liberdade e acesso à educação do que outras mulheres da família, mas em algum momento, geralmente quando é chegada a idade de casar, são empurradas novamente para a experiência de ser mulher. Mas na Albânia, elas podem continuar vivendo como homens e até mesmo tomar esposas para si (HALBERSTAM, 2012, p. 127). Outro exemplo citado pelo autor é *onabe*, um termo utilizado exclusivamente no Japão para se referir a pessoas que foram designadas como mulheres que se identificam como homens e trabalham como recepcionistas em bares e casas noturnas cujo público alvo são mulheres heterossexuais (HALBERSTAM, 2012, p.130).

Por fim, o autor relata que em 2006 esteve na Croácia para uma conferência sobre gênero e que houve reclamações por parte de ativistas tanto do país quanto da Eslovênia a respeito do termo “transgênero” nas fichas de inscrição. Acontece que localmente não era dessa forma que pessoas transgênero se referiam a si mesmas. Em uma das apresentações que ocorreram no evento, ativistas do Quirguistão explicaram que os nomes utilizados variavam de acordo com a idade, classe social e também do grau de trânsito de gênero, sendo pelo menos quatro palavras diferentes. O uso da palavra transgênero apagou as diferenças percebidas pelos sujeitos e invisibilizou as categorias (HALBERSTAM, 2012, p.134). Essas especificidades locais de práticas e nomenclaturas demonstram que o próprio binarismo feminino-masculino como conceito fixo é uma variável cultural, possivelmente ocidental e que a forma como cada local experiencia o que chamamos de experiência transgênero também será diversa.

Categorias como gênero fluído, agênero, gênero não binário e outras tem

aparecido recentemente em ambientes de ativismo como maneiras de fugir de identidades binárias. Com isso, não se nega a existência anterior de pessoas com essas identidades, apenas se sinaliza para o fato de que termos específicos surgem visando novas identificações. Em um vídeo da série *Diversidade na USP*, Chalu Oliver Chalom afirma: “O não binário na verdade é quando você lembra que não existe só dois tipos de pessoas no mundo, são vários” (CHINELLI, 2013)³⁴. O não-binário diz respeito a uma identidade que se constrói com elementos que não se fazem exclusivos da feminilidade e nem da masculinidade.

O sítio Espectrometria Não-Binária³⁵ dá conta de alguns dos termos utilizados para auto-identificação de gênero não-binário. De acordo com a página, agênero “é uma identidade não binária de pessoas que vivenciam a ausência de gênero ou que se identificam fora dos outros gêneros”. Já pessoas *genderfluid* são aquelas que transitam constantemente entre gêneros, mas não se identificando com mais de um gênero ao mesmo tempo. *Genderfuck*, por sua vez, seria uma identidade política, que visa desafiar normas e paradigmas de gênero.

As categorias não-binárias desafiam a visão cartesiana e dualista predominante e reforçam a percepção de que gênero é um construto, que não pode ser limitado a conceitos tradicionais de masculinidade e feminilidade. É por este motivo que Paul Preciado fala a respeito da violência desse binarismo, que força os corpos falantes a se enquadrarem em padrões específicos, que se disfarçam de naturais (PRECIADO, 2014, p.168).

Conforme já mencionado, os termos utilizados para identificação de pessoas transgênero são de extrema importância e devem ser respeitados, tomando, especialmente, o cuidado em relação ao uso adequado de pronomes. Mas, justamente pelo caráter político e transitório dessas palavras é que elas não devem ser tomadas como sedimentadas: “Essas categorias identitárias não devem ser tomadas como “verdades”, seja no âmbito da pesquisa acadêmica, na luta por políticas públicas ou nos contextos de aplicação de ações

³⁴ CHINELLI, Ana Paula. Perfil Diversidade Episódio 4: Chalu. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIa7rc6m6Mk&hd=1>. Acesso em 23 de julho de 2015.

³⁵ ESPECTROMETRIA Não-Binária. Disponível em: <espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/>. Acesso em: 23 de julho de 2015.

governamentais” (DUQUE, 2012a, p.495). Ainda, segundo Joan Scott:

Tratar a emergência de uma nova identidade como um evento discursivo não é introduzir uma nova forma de determinismo linguístico nem privar os sujeitos de agência. É recusar uma separação entre a “experiência” e a linguagem e, em seu lugar, insistir na qualidade produtiva do discurso (SCOTT, 2001, p.65)³⁶.

Dessa forma, é possível chamar atenção para o surgimento de novas nomenclaturas sem desmerecer as identidades que dela fazem uso e entendendo que essa emergência faz parte de um processo discursivo de produção de sujeitos políticos.

³⁶ Do original: “Tratar la emergencia de una nueva identidad como um evento discursivo no es introducir una nueva forma de determinismo linguístico ni privar a los sujetos de agencia. Es rehusarse a una separación entre la “experiencia” y el lenguaje, y en su lugar insistir en la cualidad productiva del discurso”.

1.4 Entrada no campo: conhecendo as interlocutoras, dificuldades e reflexões

A seguir apresento um quadro que resume os dados referentes às interlocutoras e interlocutores da pesquisa. Os dados foram obtidos através das conversas ocorridas durante o período de campo. O dado mais importante, claro, é aquele da auto-identificação de identidade de gênero, que demonstra a variedade de formas de expressão de identidade. Os demais dados criam um panorama em que é possível entendê-los em uma perspectiva interseccional, ou seja, levando em conta também questões étnico-raciais, de classe e etárias. As idades variam entre 18 e 40 anos, portanto, são pessoas jovens. Em termos étnicos, há equilíbrio entre aquelas que se identificam como negras e como brancas. Somente uma se identificou como parda. Pode-se dizer que todas são pessoas pertencentes a camadas médias urbanas, com acesso à educação, sendo que em alguns casos o ensino está em andamento e em outros tratam-se de profissionais já com formação.

Esse dado é importante, porque é um recorte bastante específico da pesquisa. É claro que nem todas as pessoas transgênero da cidade de Manaus pertencem às classes médias, mas talvez isso se deva ao contato predominantemente feito através da *internet*. Com isso também veremos que as interlocutoras e os interlocutores são pessoas que acessam bens culturais e também, em maior ou menor grau, tem contato com páginas e/ou grupos de militância política, especialmente LGBT. Isso transparece no uso corriqueiro que fazem de termos como “não-binário”, “transfobia”, entre outros que são de uso comum nos espaços de militância, especialmente na internet. Com isso se confirma o que Maria Luiza Heilborn (1999) chama de “difusão da ideologia moderna numa presumível cultura holista vigente nos segmentos médios”.

Para o antropólogo Gilberto Velho, que fez uma etnografia de dois grupos com idades distintas, compostos por pessoas que faziam uso recreativo de drogas, as camadas médias brasileiras seriam uma “área de estudo importante e, até certo ponto, desprezada” (VELHO, 1998, p.11). Para o autor, a pesquisa nesse caso consiste na tentativa de análise de estilos de vida e visões de mundo

dos grupos. Minha preocupação vai menos no sentido de estilo de vida e mais no que Heilborn chama de “construção da pessoa” em uma “sociedade complexa e heterogênea” (HEILBORN, 1999). A antropóloga ainda afirma que;

A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas (HEILBORN, 1999).

Desse modo, o contexto da pesquisa em classes médias urbanas traz na fala das interlocutoras e interlocutores valores a elas relacionados, que acrescentam ao conjunto das pesquisas já existentes que trazem relatos de experiências transgêneros, mas raramente com esse recorte de classe específico.

Sobre as identidades de gênero, como à princípio pretendia abordar performatividades femininas, a maior parte dos perfis são de mulheres transgênero. Os homens se somaram às colaboradoras nas etapas finais e por isso são em menor número. Infelizmente apenas uma pessoa com gênero não binário participou da pesquisa.

Quadro 1- Interlocutoras e interlocutores da pesquisa

Nome*	Idade	Etnia	Escolaridade	Profissão	Identidade de gênero (auto-identificação)
Priscila**	-	-	Superior incompleto (cursando)	Estudante universitária	Mulher transgênero
Sara	40	Negra	Superior completo	Programadora	<i>Crossdresser</i>
Suellen**	-	-	-		Mulher trans
Rebeca	38	Branca	Superior incompleto (cursando)	Estudante universitária	Mulher transexual
Lucas/Isadora	-	-	Técnico	Técnico em Enfermagem	Homem, achou que era transex, deixou de ser travesti
Carla	19	-	Superior incompleto (cursando)	Estudante universitária	Gênero não-binário
Marcella	35	Branca	Superior incompleto	Programadora	Mulher transexual
Samuel**	28	Negro	Ensino médio	Garçom	Homem
Fernando**	23	Branco	Superior incompleto	Autônomo	Homem
Leonardo	22	Negro	Superior incompleto (cursando)	Estudante universitário	Homem trans
Thomas	27	Pardo	Pós-graduado	Nutricionista	Homem trans

***Nomes fictícios**

****Indica pessoas que após um primeiro contato, não deram continuidade à participação no trabalho.**

Sara tem 40 anos e conheceu o *BCC* em 1996. Expliquei a ela que tinha a ver com o tema da minha pesquisa no mestrado, onde queria entender “o papel que a roupa tem na vida de pessoas com identidades trans”, mas que estava com dificuldades de conseguir pessoas para conversar. E foi então que o campo veio até mim. Sara se mostrou muito solícita, disse “vou tentar te ajudar” e ao longo do tempo me passou o contato de diversas pessoas com quem conversei, como explicarei depois.

Em virtude do sigilo que geralmente envolve a vivência de ser *crossdresser*, Sara disse que preferia não se encontrar pessoalmente e pediu compreensão a esse respeito. De toda forma, entabulamos longas conversas desde então, através do *Facebook* e, mais tarde, ela solicitou o número de meu celular para que pudesse me adicionar no *Whatsapp*.

Uma das coisas que me revelou é que não gosta do comportamento das participantes da *BCC*, pois as considera machistas por não se identificarem com mulheres fortes e que “hoje muitas *CDs*³⁷ tem como exemplo mulheres que não representam a subserviência das princesas dos contos de fadas”. Também critica o uso desse tipo de feminilidade estereotipada por mulheres trans³⁸.

Os primeiros contatos que ela enviou foram perfis no *Facebook* de Fernanda, Suelen e Isadora. Enviei mensagens privadas para as três, juntamente com um pedido de amizade. Fernanda não aceitou a solicitação de amizade, Suelen aceitou, mas se mostrou reticente em participar do trabalho. Isadora aceitou a solicitação de amizade em 12 de janeiro de 2015 e aceitou participar da pesquisa. Na verdade, Isadora agora atendia pelo nome Lucas. Ele afirmou que não se importava que o chamassem pelo outro nome, mas agora se identificava como homem, e no passado pensou que era transexual.

Lucas: Olá, Srta. Isabel. Bem, não sei como posso ajudar você hoje. Apesar de ter tido um passado onde achei que seria uma transex primária, hoje em dia não vivo mais assim, mas claro que se eu puder ajudar você, farei com todo prazer. É só me dizer o que precisa...

Isabel: Obrigada! E desculpe pelo engano, a Sara me passou o contato falando

³⁷ *Crossdressers*, na grafia comumente utilizada para abreviar a palavra.

³⁸ Inclusive a foto de seu avatar no *Facebook* é uma imagem de uma personagem de um famoso desenho animado da década de 1980, com quem tem em comum o nome pelo qual se apresenta. Sara afirma admirá-la e que o desenho marcou sua infância. A personagem é valente e sempre procura proteger os demais.

que você era trans. O que você quer dizer com "transex primária"? Se não se importar, poderia me dizer o que aconteceu? Porque você se identificava e agora não mais? Desculpe qualquer transtorno e só precisa responder se quiser. Isso pode ajudar a aumentar o entendimento na minha pesquisa. Obrigada

Lucas: Não sei se você já teve conhecimento das grandes pesquisas que identificam o transtorno de gênero... deve ter sim. O fato é que a cada 2 ou 3 mil pessoas, uma nasce um verdadeiro transexual primário, que não deixa de ser uma transex como as outras. A única diferença é aquela que não se influenciou pela mamãe, como dizem, ou foi molestado quando criança como ocorre. A transexual primária é aquela que se descobre ser portadora de uma prisão sem muros, de uma realidade a qual não pertence. Reconhecer uma transexual assim não é nada fácil, acho que no Brasil um dos casos mais conhecidos foi de Roberta Close.[...] Passei mais de seis meses atrás de emprego, com um ótimo currículo, com uma boa apresentação pessoal. Modéstia à parte sou muito desinibido, sei conversar sobre qualquer coisa, sempre adorei estudar. Mas isso não é suficiente em um momento feito de pessoa hipócritas que se dizem não ser preconceituosas, em um mundo onde na casa dos outros é legal, mas na própria *gay* não existe. Essa é a primeira parte do grande peso, que me levou a deixar de ser travesti. A segunda metade, foi com relação a relacionamento. Era muito fácil sair com qualquer rapaz a noite, ir ali, mas assumir uma relação com uma travesti aqui na nossa cidade, isto nunca foi e nunca vai ser algo "normal". Deste modo, os carinhos que se diziam me amar, me queriam apenas onde ninguém via. Outros me faziam de troféu, me queriam para fazer diferente, como se eu não fosse uma pessoa dotada de amor

Isabel: Mas você não se sente desconfortável de abrir mão disso?

Lucas: Desconfortável sei que sempre vou me sentir, mas hoje sei que eu tive coragem o suficiente para me adaptar em um mundo tão cruel, sem ter que deixar levar por impulsos, ou sem me desvalorizar. Aquilo que fazemos sem plateia nem se compara àquilo que fazemos com uma grande plateia. Não me arrependo de nada, sinto falta de umas coisas e outras nem tanto, mas sei que tive um pouco daquilo que nasci para ser. Mas não adianta eu querer nadar contra a correnteza sozinho, não da forma que eu estava, tentando ser digno, honesto e sensato [...]. Pois no fundo, quando estamos sozinhos, quando estamos em um lugar o qual não fazemos parte, a consciência pede passagem. A solidão, as injustiças, os preconceitos, tudo isso, faz parte da vida de uma travesti. As Injúrias com nomes e documentos, às vezes a resistência da própria família. Cada caso tem suas particularidades, além do *glamour* e do prazer de ser uma travesti. Tudo tem seu preço. (16/01/2015).

Lucas foi uma personagem que me marcou profundamente. Tive a oportunidade de falar com ele apenas uma vez, mas foi uma conversa longa e dolorosa. Chama a atenção o uso de termos patologizantes, como explorarei mais em frente, a respeito de suas próprias vivências. É como se ele próprio reforçasse sua vivência dentro de um contexto de abjeção. Bastante jovem, calculo que em torno de 20 anos, compartilhou comigo fotos de sua época de travesti, quando participava de concursos de beleza LGBT. Os problemas com a família e a dificuldade de lidar com o fato de ter "deixado de ser" travesti

transpareceram.

Além disso, a falta de aceitação da sociedade pesa. Mesmo tendo curso técnico, não conseguia emprego na área enquanto era travesti. Tentou todo tipo de enquadramento. Lucas se expressa muito bem, é comunicativo, mas buscou por emprego em vão por seis meses, tendo, segundo ele, um ótimo currículo e uma boa apresentação pessoal. Uma loja de uma grande rede de telefonia celular chegou mesmo a avisá-la que o emprego era dela se cortasse o cabelo e se apresentasse como homem.

A negação da identidade de gênero e da subjetividade de pessoas transgênero é recorrente e lembra o relato ouvido por Don Kulick (2008) de que policiais, quando detinham as travestis em Salvador, não as liberavam usando trajes femininos. Essa é uma forma velada e cotidiana de violência:

[...] até recentemente, em casos de prisão, a polícia não permitia que elas saíssem da delegacia em trajes femininos. As travestis tinham conhecimento disso e costumavam enfiar na bolsa, toda noite antes de sair para o trabalho, uma camiseta e uma bermuda (ou short e às vezes calça comprida), já prevendo a eventualidade (KULICK, 2008, p.222).

Desse modo, Isadora decidiu voltar a ser Lucas. É interessante pensar no que implica esse trânsito que efetuou, uma vez que desconstrói a imagem de uma identidade de gênero fixa e mostra a possibilidade de deslocamentos.

Anna Paula Vencato, referindo-se a travestis, transexuais e *drag queens*, afirma que “é com a construção plural e não estática do corpo, da identidade e do gênero que essas pessoas brincam todo o tempo. Faz parte do universo transgênero permanecer em mudança” (VENCATO, 2003, p.184), ou ainda seriam, como afirma Larissa Pelúcio, “Corpos que não cansam de ser nômades” (PELÚCIO, 2009, p.77)

É nesse sentido que, em entrevista, Cassius Cavalcante afirma que “é impossível ser ex-transexual”, uma vez que é algo que “vem de dentro. E tudo o que tem dentro as pessoas não veem. Ou você é transexual ou não é. Externalizar é apenas uma decisão. Retroceder também”³⁹.

³⁹ Entrevista concedida ao sítio NLucon: ““É impossível ser ex-transexual”, diz Cassius Cavalcante, que passou pela retransição”, disponível em:

As violências citadas por Lucas, que se repetem em tantos outros relatos e artigos sobre a vivência trans* (DUQUE, 2012; PELÚCIO, 2005; PERES, 2012) se encaixam em um contexto maior, afinal, conforme Don Kulick “o Brasil é uma sociedade violenta” (2008, p.46). Esses relatos, por sua vez, remetem aos trabalhos de Veena Das. Nas palavras da autora:

Como se pode expressar a relação entre a possibilidade e a ocorrência, e mais ainda, entre o factual e o eventual, se a violência quando acontece de modo dramático, encerra uma relação com o que está acontecendo de forma repetida e não melodramática, como dizê-lo, não numa narrativa única, mas na forma de um texto que é constantemente revisado, revisto e acrescido de comentários (DAS, 1999, p. 31).

Certamente, não há forma de alcançar essa violência verdadeiramente sem ter passado por ela: essa seria a maldição do conhecimento a que Das se refere (2011, p.37). Os relatos de vivências violentas são preenchidos pelos silêncios, por aquilo que não se pode falar. Traçando paralelos com o exercício da filosofia, Das cita Lefebvre e estabelece que ao buscarmos essa compreensão devemos “eliminar explicações prematuras, posições limitadas que possam impedir de penetrar e apreender o conteúdo formidável de nosso ser” (1999, p.31).

É fácil perceber que, como no caso de mulheres vítimas de violência em virtude da partição da Índia, a violência aqui acontece em virtude dos “limites do humano” (DAS, 1999, p. 38). Pode-se dizer que pessoas transgênero são vistas como abjetas em nossa sociedade, e que uma vez assim, se tornam facilmente alvo de violência, como aquela entre muçulmanos e hindus, usada como exemplo pela autora.

Tentei conversar com Lucas algumas vezes depois, mas não tornou a responder. Cerca de duas semanas depois, apagou o seu perfil do *Facebook*. Eventualmente eu procurava por seu nome, até perceber que tinha voltado, mas deletou todos os contatos. Respeitei sua vontade de afastamento. Sara posteriormente comentou que “Essas coisas assim quando acontecem com a gente.... são bem complicadas. E a gente demora a digerir. Um ex-namorado dela que conheci me disse que ela era muito indecisa, mesmo a família dela

<<http://www.nlucon.com/2014/09/impossivel-ser-ex-transexual-cassius-cavalcante-entrevista.html>>. Acesso em: 19 de abril de 2015.

apoiando tudo que ela fizesse” (SARA, 22/07/2015).

Mais tarde, em 7 de novembro de 2015, Sara apresentou-me a Marcella e Rebeca. Marcella relatou que se identifica como “mulher transexual, gênero feminino binário mesmo” (07/11/2015) e é do interior de São Paulo, mas mora em Manaus desde 2014. Se mudou para a cidade porque é a cidade natal de sua namorada. As duas se conheceram em um grupo do *Facebook* voltado para travestis lésbicas, mas, segundo ela, a namorada é cisgênero “mas tem uma quedinha por trans”. Curiosa, perguntei sobre a origem de seu nome e ela relatou que sua mãe era fã de um ator italiano e registrou-a com seu nome. Por isso utiliza a forma feminina de seu nome de registro, alterando apenas o final para a letra “a”.

Rebeca é a única das interlocutoras que, apesar de ser de Manaus, não reside na cidade e sim em São Paulo. Ela relata que se assumiu mulher transgênero mais tarde do que geralmente acontece:

Eu sabia, mas nem era cogitado assumir nada. Morria de medo de alguém descobrir. Era um segredo que guardei dolorosamente durante a vida toda. É, assim... Comecei estudar o meu caso com 37 anos e fiquei lendo, lendo e falando com um monte de gente pela *internet*, *facebook*, porque em Manaus não tinha muitas trans. Até hoje não tenho amizade com muitas trans. Eu sou meio reservada em relação a isso, né? Não fico me expondo, achando isso, não vou pra balada, pra *night*, nunca fiz programa nem nada. Nunca imaginei que isso pudesse acontecer, mas então hoje eu assumi, né. Assumi com 37, foi em julho de 2014. Foi na cara e coragem, eu falei ‘que que vai acontecer, vou...’ Que eu não queria mais viver, né Isabel? Não queria mais viver. Aí, bom, já que eu vou morrer, que eu ia me jogar da parte de 47 da ponte do Rio Negro. Aí falei ‘pronto, já que vou [morrer], por que que eu não vou tentar? Tentar ver como eu me saio, entendeu? Que se dane, uai. Aí eu pensei... parei e pensei ‘ué, porque que vou ficar com vergonha. De quem, entendeu? Das pessoas hipócritas, que não tão nem aí, que não pagam minha conta nem nada? Eu vou fazer e acabou, quem gostar de mim vai gostar. Quem for minha amiga vai ficar sendo minha amiga e quem não for, dá licença, tchau, entendeu? Foi essa a decisão que eu tomei, foi em julho de 2014, com 37 anos. Hoje estou com 38. Aí eu senti que era eu mesma ali. E não o fato de ter sido um homem que achava que era mulher mas sim de uma mulher num corpo de homem (REBECA, 10/11/2015).

Em 19 de abril de 2015 conheci Carla, uma pessoa não binária, através de um amigo em comum, que, assim como eu, é integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades (GESECS). Apesar de sua identidade, prefere que usem o pronome feminino ao se dirigirem a ela e

afirma estar ainda “dentro do armário” para diversas pessoas de sua convivência. “Estar dentro do armário” significa não ter assumido publicamente sua identidade. “Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEDGWICK, 2007, p.22). Sua trajetória, desde criança, é marcada pelo desejo de não se identificar como mulher.

Quando eu era pequena... Bom, sempre me trataram como menina. Quanto a minha cabeça quando criança, lembro que eu constantemente desejava o "poder" de "mudar de sexo" quando eu quisesse. Um dia seria garoto, outro, garota etc.” (CARLA, 06/04/2015).

A co-orientadora da pesquisa, professora doutora Fátima Weiss de Jesus, me indicou o telefone de Samuel, identificado como homem, com o qual já havia conversado e tinha interesse em ajudar. Em 16 de janeiro de 2016 adicionei seu telefone ao meu *Whatsapp* e entrei em contato com ele. Muito solícito, ele prontamente se disponibilizou a marcar um encontro comigo na Ponta Negra, bairro de Manaus, no domingo seguinte.

Isabel: Olá! Tudo bem? Meu nome é Isabel e eu faço mestrado em Antropologia na UFAM. A professora Fátima me passou esse contato para que eu entrasse em contato com você. Eu estou conversando com pessoas sobre questões relacionadas a gênero e corpo pra minha dissertação e ela disse que talvez você pudesse ajudar. 😊

Samuel: Olá, posso sim. Conheço outros Homens trans se quiser marcar uma roda da conversa com a gente pra fazer entrevista, nós vamos ajudar com certeza (SAMUEL, 16/01/2016).

Logo nessa primeira conversa ele passou o telefone de Fernando e Leonardo, identificados como homem e homem trans, respectivamente, que também iriam nesse encontro. No dia acordado, Samuel mandou uma mensagem avisando que não poderia comparecer. Conversando com os demais, o encontro acabou sendo marcado para o dia 24 de janeiro, na praça de alimentação do Millenium Shopping. Samuel não poderia ir e Fernando, posteriormente, avisou que também não. Mas Leonardo levou ainda outro amigo seu junto, Thomas, também um homem trans. Leonardo disse que tem 22 anos

e “tinha 19 anos quando isso aconteceu. Que até então eu já tinha, assim, eu achava que eu era lésbica, né, e aí depois veio aquela coisa, assim, de que ‘não, eu não sou isso’, mais de aceitação, sabe? Eu não posso ser isso” (LEONARDO, 24/01/2016).

Sara, talvez por ter sido a primeira pessoa com quem conversei para o trabalho, foi aquela com quem tive o maior número de conversas além dos temas propostos (sobre filmes, tentativas de emagrecer, viagens, atividades cotidianas, entre outros). Sara compartilhou comigo expectativas e desabafos e, no final, acabei fazendo o mesmo com ela.

Por isso, muitas vezes senti, também, peso na consciência, porque as aproximações sinceras também geravam material para a pesquisa e não queria parecer que estava apenas abusando de sua solicitude. Em um momento especialmente crítico da vida de Sara, em que se afastou para refletir sobre questões pessoais, me preocupei quando deixou de responder mensagens no *Whatsapp*. Lembrei-me do relato de Simone Ávila a respeito de interlocutores seus que flertaram com a ideia de suicídio (ÁVILA, 2014, 126). Quando finalmente consegui contatá-la, senti um grande alívio.

Isabel: Oi Sara! Tô preocupada! Tá tudo bem? Manda um sinal de fumaça. Bjos

Sara: Oi, amada... não fica preocupada... apenas estou passando por um momento daqueles. E obrigada pela preocupação... fiquei sem celular e sem whatsapp.

Isabel: Ah, por isso. Mandeí umas mensagens mas vi que nem foram visualizadas. Mas tá tudo bem?

Sara: Tá tudo bem, miguxa. Meu celular deu problema de novo aí desisti e vou comprar um novo. E meu volume de trabalho aumentou... as coisas na faculdade apertaram. Ou seja, aconteceu tudo em curto período de tempo, mas nada que dê pra se assustar (11/07/2015).

Foi nessa época que, conversando com ela a respeito da saída de Lucas do *Facebook*, acabei por desabafar sobre minhas próprias dúvidas em relação à pesquisa.

Isabel: Eu ainda tô me acostumando com essa coisa de ser antropóloga. A gente precisa conversar muito com as pessoas, pra saber dos temas. Tirando tu, que eu converso sempre, talvez até porque tu que fizeste o primeiro contato, tenho muito receio de invadir o espaço dos outros. Não que eu não tenha de invadir teu espaço, mas é que já tá natural. ahahaha

Sara: Você não invade meu espaço. Acho até que você pergunta muito pouco sobre minha vida. E isso me dá confiança de falar tudo que penso sem rodeios ou sem me preocupar em me "expor". E acho que você tem o jeito certo de abordar os temas (27/07/2015)

Nesse momento, de maneira não premeditada, descortinei a vulnerabilidade que sentia no processo de pesquisar e tive minhas capacidades reafirmadas por Sara. É nessa prática que percebemos que o campo é movediço: novamente não existe pesquisador neutro, somos seres humanos contatando outros seres humanos, trocando experiências e subjetividades em um grande diálogo. As fronteiras imaginárias entre pesquisador e pesquisado se anulam.

O que resta são as fronteiras identitárias. Esta sim, se processam de forma relacional. Conforme Stuart Hall:

... a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de "efeitos de fronteiras". Para consolidar este processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2000, p. 106).

Um pesquisador, assim, mergulha no campo e está dentro dele, mas nunca fará parte integralmente desse contexto. Nós nos relacionamos, e novamente me colocando como mulher cisgênero, tenho como imaginar e criar empatia com as experiências de interlocutores e interlocutoras, mas não tenho realmente como saber o que é viver isso. É nesse momento em que o "outro" volta a aparecer na etnografia. Vale ressaltar que o fato de o pesquisador se envolver com o campo é o que permite maior acesso a ele e às informações nele contidas, sem que haja contradição entre esses fatos.

CAPÍTULO 2
TECNOLOGIAS DE GÊNERO: DISCURSOS, LIMITES E
PERFORMATIVIDADE

2.1 Gênero: subjetividade e construção

As discussões apresentadas neste capítulo partem de concepções acerca de gênero, segundo Teresa de Lauretis (1987) e Judith Butler (2003), bem como da ideia de experiência transgênero, discutida por Sônia Maluf (2001) e de espaço biográfico, conforme Simone Ávila (2014), já mencionadas no capítulo anterior.

Para Lauretis o gênero, assim como a sexualidade, não é originado em algo pré-existente nos corpos humanos, mas é, sim, o conjunto de resultados produzidos sobre esses corpos, sobre comportamentos e relações sociais. Por isso, ela o trata como uma tecnologia política, originada de forma tecnosocial e biomédica (LAURETIS, 1987, p. 3). Desenvolvendo essa proposição, Lauretis parte do princípio de que gênero é uma representação que possui implicações sociais e subjetivas para a vida das pessoas. Para ela, a própria representação do gênero é que o ajuda a se construir e, por isso, a Arte Ocidental funciona como a história dessa mesma construção. Novamente, essa construção se faz pelos meios esperados: mídia, escola, legislação e família; mas também, de maneira menos óbvia, na academia, nas práticas artísticas, na comunidade intelectual e, claro, no feminismo (LAURETIS, 1987, p.3), compondo um espectro de discursos institucionalizados e práticas críticas e cotidianas, conforme já citado (LAURETIS, 1987, p.2). De maneira resumida, pode-se dizer que o gênero consiste em representação e auto-representação, composto através de diversas tecnologias, sejam discursivas ou de ordem prática. Além disso, a própria desconstrução do que se entende por gênero ajuda a construí-lo, conforme explicitado pela autora:

Paradoxalmente, portanto, a construção do gênero é também efetuada por sua desconstrução; ou seja, por qualquer discurso, feminista ou não, que o descarte como deturpação ideológica. Porque gênero, como o real, não é apenas o efeito da representação, mas também seu excesso, o que permanece de fora do discurso como um trauma potencial que pode romper e desestabilizar, se não contido: qualquer representação” (LAURETIS, 1987, p.3, tradução minha)⁴⁰.

⁴⁰ Do original: “Paradoxically, therefore, the construction of gender is also effected by its deconstruction; that is to say, by any discourse, feminist or otherwise, that would discard it as ideological misrepresentation. For gender, like the real, is not only the effect of representation but

É fácil traçar paralelos entre a visão de Teresa de Lauretis e a de Judith Butler, para quem a própria criação de regras de gênero ajuda a materializar o entendimento a respeito deste. Além disso, como explicado no primeiro capítulo, a materialidade dos corpos das pessoas está vinculada à performatividade de gênero (BUTLER, 2000). Por isso, pensando na conjunção de fatores responsáveis pela criação da performatividade de gênero que podem ser entendidos como tecnologias de gênero, dividirei esse capítulo em três sessões: escola e família, mídia e vestuário. Todos esses elementos aparecem nas falas das interlocutoras e interlocutores, marcando momentos importantes de suas vidas e da reflexão que fazem sobre suas experiências e trajetórias. A legislação, citada por Lauretis, será abordada posteriormente no capítulo 3.

2.2 Infância, escola, família e a normalização das pessoas

A escola tem forte papel de controle e normalização dos sujeitos. Foucault (1986) estabelece um paralelo entre os mecanismos coercitivos presentes em instituições como escolas, hospitais e hospícios, que, através de padrões de comportamento com limites rigorosamente explicitados e mesmo estruturas que desindividualizam, tratam de criar indivíduos adequados às regras implícitas e explícitas da sociedade, ou então isola-los do convívio dos demais. Conforme Simone Ávila:

Práticas escolares como uniformes diferentes para meninas e meninos, divisão entre meninos e meninas nas filas, banheiros masculinos e femininos, etc., ainda se fazem presentes em muitas escolas e ensinam de modo nem tão explícito, o que é ser “normal”, e como você tem de ser ou se comportar para ser aceito/ socialmente (ÁVILA, 2014, p. 114).

É na escola que começam as primeiras socializações das crianças, mas é lá, também, que são submetidas às primeiras regras a respeito de si e do

also its excess, what remains outside discourse as a potential trauma which can rupture or destabilize, if not contained: any representation”.

mundo. Entre essas regras, aparecem aquelas relacionadas ao gênero e ao comportamento: é nesse momento que o que é diferente é rechaçado. Hoje temos um nome para o “caráter violento da socialização escolar”, conforme Richard Miskolci: *bullying* (2013, p.41). Para o autor, que se dedica a pesquisar especialmente as relações entre teorias *queer* e a educação, a diversidade, bastante presente nos discursos, é pautada na tolerância, enquanto a diferença representa o reconhecimento do outro enquanto sujeito, que pode mudar as relações de poder (MISKOLCI, 2013, p. 15). Por isso ele reflete sobre os discursos que dizem respeito a diversidade em ambiente escolar e a valorização da diferença.

Na minha visão, as demandas sociais são de reconhecimento da diferença, mas o filtro político as traduz na linguagem da tolerância da diversidade. Tolerar é muito diferente de reconhecer o Outro, de valoriza-lo em sua especificidade, e conviver com a diversidade também não quer dizer aceita-la. Em termos teóricos, diversidade é uma noção derivada de uma concepção muito problemática, estática, da cultura. É uma concepção de cultura muito fraca, na qual se pensa: há pessoas que destoam de uma média e devemos tolerá-las, mas cada um se mantém no seu quadrado e a cultura dominante permanece intocada por esse Outro. Na escola, seria como se disséssemos: estaremos na mesma sala, mas você não interfere na minha vida e eu não interfiro na sua e não interferiremos na de fulano. Além de ser impossível ocupar o mesmo espaço sem se relacionar e interferir, a retórica da diversidade parece buscar manter intocada a cultura dominante, criando apenas condições de tolerância para os diferentes, os estranhos, os outros (MISKOLCI, 2013, p.48).

Assim, enquanto as escolas valorizarem a diversidade, e não a diferença, noções pré-estabelecidas de identidade permanecerão inalteradas, bem como as vidas dos sujeitos e o próprio *status quo*⁴¹. Leonardo e Thomas evidenciam isso quando pergunto sobre suas infâncias.

Isabel: Como foi, assim em relação à infância, como é que vocês foram tendo a percepção de que realmente é a identidade de vocês? Como foi acontecendo em relação a família e escola, também?

Leonardo: Pra mim foi desde criança. Desde que eu entrei... desde que eu tenho

⁴¹ Para uma reflexão sobre questões étnico-raciais e diferença em ambiente escolar, o relato “Crianças negras, escolas brancas”, da historiadora e feminista interseccional Giovana Xavier é bastante apropriado. XAVIER, Juliana. Crianças negras, escolas brancas. Disponível em: <<http://pretadotora.blogspot.com.br/2016/02/em-meio-confetes-e-serpentinhas-salve.html>>. Acesso em: 14 de março de 2016.

uma percepção, assim, que eu existo.

Isabel: Aham.

Leonardo: Eu já sei que eu não tava na caixinha certa, entendeu?

Isabel: Aham.

Leonardo: Aí o que acontece? Quer dizer... banheiro. Quando eu era criança eu usava o banheiro masculino. Olhava pro bonequinho, não sabia ler ainda na época, né... Era tipo 3 anos, 4 anos. Pegava mais pelos símbolos nessa fase...

Isabel: Sim... Aham.

Leonardo: Aí eu olhava, assim, banheiro masculino é aquele ali aí eu ia nesse banheiro.

Isabel: Aham.

Leonardo: E eu ia nesse banheiro. Aí as professoras começaram a reclamar e eu estudava num colégio de freiras.

Isabel: Nossa!

Leonardo: Aí a professora disse "não, isso aqui não é, o seu banheiro é esse". Aí o que que eu fazia, né.... Aí eu, quando ela tava olhando, eu entrava lá no banheiro que ela dizia que era pra entrar. Quando ela não tava olhando, entrava no banheiro masculino. Ela tava olhando, então não dava pra entrar. E assim foi. Aí depois começou aquela questão de brinquedo. Brinquedo, assim, eu não sei se dá pra avaliar essa questão de gênero necessariamente pelo brinquedo. Eu não gostava muito de boneca, assim, essas coisas. Eu não gostava. Mas por exemplo eu já gostava de ursinho de pelúcia.

Isabel: Aham.

Leonardo: Mas assim, eu gostava de bola, eu gostava mais daqueles bonecos de guerra, eu brincava com os ursinhos de pelúcia e fazia eles serem vilões... Enfim. Mas eu brincava com eles, entendeu?

Isabel: Aham.

Leonardo: Não que eu não tinha uma recursividade, assim "eu não brinco com isso". Mas com boneca eu não gostava muito. [...] Mas aí tinha que salvar alguém, bota ela lá pra ser a vítima. Aí eu tinha lá.... Enfim, mas essa é a parte da infância assim... Pra dizer isso pra... pendia mais pro lado masculino (LEONARDO, 24/01/2016).

O banheiro aparece na fala como um local de forte marcação da identidade de gênero. Para Miskolsci, o ambiente, assim como a escola como um todo, é uma tecnologia de gênero que merece reavaliação, uma vez que “divisões arquitetônicas são algumas das formas que a sociedade encontra de colocar cada um no seu quadrado e, sobretudo, no caso do banheiro, no seu lugar dentro do binário masculino e feminino” (MISKOLSCI, 2013, p. 41). Ou seja, essa marcação não só força as crianças a se encaixarem em identidades que

lhes foram imputadas, como ainda filtra essas identidades de maneira limitadora.

Thomas, por sua vez, relata o desconforto em relação ao uso do uniforme.

Thomas: Quando eu era criança eu não era que nem ele [refere-se a Leonardo], que já sabia desde sempre. Eu sempre gostei de ficar que nem um moleque, tipo jogando bola, sem camiseta. Até os sete anos, que não tinha seio nem nada e não tinha, assim, uma... como é que diz... uma educação castradora por questão dos pais.... Fui criado com os avós até os sete anos, então meus avós me mimavam, né. Me deixavam fazer tudo e meu vô ia pra fazenda e tal e eu usava disso pra eu ficar vestido como eu queria: calça, bota, blusa de botão. Então eu passava a minha vida inteira com meu avô na fazenda, em cima do lombo do cavalo e etc. E no colégio, eu não gostava de usar a farda do colégio, porque tinha a farda feminina e a farda masculina. E eu ia de pijama.

Isabel: Mas era diferente, a masculina e a feminina?

Thomas: Sim, a feminina tinha uma saínda e uma blusa e a masculina era uma bermudinha e uma blusa. Eu ia de pijama, um macacãozinho inteiro, de estrelinha ainda.

Isabel: E ninguém falava nada?

Thomas: Aí todo dia vinha anotação na minha agenda: "mãe, fulana quer vim... colocar o uniforme. Continua vindo de pijama. Chamar a atenção". E tipo minha agenda era cheia dessas chamadas [...]. Fiquei com a mesma professora até a segunda série. Fui do jardim até a segunda série. A única que se dispôs a cuidar, me ensinar e me alfabetizar. E eu ia de pijama e toda festinha que tinha, festa junina etc e de dança, eu queria ser o cara da parada, queria usar sapatos bem lustrados, calça folgada, blusa de botão. Tipo, toda oportunidade que eu tive de usar roupa masculina, eu usava. E aí começou o castramento, né, pelos meus pais. Minha mãe começou a querer que eu usasse vestido, sapato feminino e etc. E eu acabei cedendo pra ela, pra não dar o desgosto pra ela, como ela me falava, né. Então por um tempo eu vivi depressivo, assim, só pra ser aceito pela família, pra não ser marginalizado pela família. E fiquei assim até meus vinte e tantos anos (THOMAS, 24/01/2016).

No caso de Thomas, já em idade pré-escolar demonstrou sua insatisfação com o uniforme escolar, sendo pouco compreendido pelas professoras. A solução para burlar a generificação do traje foi vestir pijamas, que podem ser entendidos como vestimentas neutras nesse contexto, ainda que não aceitas nas regras da escola. A família aparece em suas próprias palavras como uma entidade "castradora", que regula, juntamente com a escola, o seu desejo de livre expressão de identidade de gênero. Esses pontos são similares ao relato de Marcella.

Isabel: Como foi o processo de se perceber trans? Foi cedo, já na infância?

Marcella: Sim, já na pré-escola eu sabia que havia algo errado, as professoras me puniam pelo meu comportamento inadequado como usar as meias do uniforme como as meninas e ficar com as meninas pra brincar, certa vez a freira

me colocou de joelhos com uma bíblia em cada mão, e me fez dizer "desculpa, Deus, eu sou menino, não sou menina". A partir daí eu entendi que era "errado" e comecei a imitar os meninos e esconder minha personalidade. Foi muito torturante, mas com 30 anos eu não suportei mais, tentei me matar 18 vezes. Como não consegui, depois que me pai morreu, eu assumi meu verdadeiro gênero para minha família. Foi muito difícil, muitas brigas, mas depois de um ano mais ou menos acabaram aceitando.

Isabel: "Usar as meias do uniforme como as meninas". Como era isso? Era o modo de usar a meia? Desculpa, não entendi.

Marcella: Os meninos usavam as meias abertas, ou seja, até a panturrilha, mas meninas enrolavam elas até os tornozelos, coisa que eu imitava. Mas sempre vinha uma professora e puxava minhas meias pra cima e reclamava. (MARCELLA, 07/11/2015).

Novamente é a escola aliada à família e, nesse caso, também à religião, que ditam modos de se portar e se vestir, criando regras que trazem angústia e desconforto à criança. Nesse momento convém ressaltar que não apenas as crianças transgênero, mas todas aquelas que possuem comportamentos considerados desviantes são podadas de expressar-se dessa maneira. Em seu ensaio intitulado *A guerra declarada com o menino afeminado*, Giancarlo Cornejo trata da própria experiência de infância, enquanto homem homossexual, para discutir o tema abordado no título. Para ele, a transgeneridade é um dos motivos pelos quais a homossexualidade é hoje um pouco menos temida em ambiente escolar, já que é entendida como menos respeitável (CORNEJO apud MISKOLCI, 2013, p.74). Do mesmo modo, o comportamento de meninos e meninas é rigidamente observado e controlado, independentemente de orientação sexual.

Além de manter o impulso normalizador, apenas ampliando o número de possibilidades para um conjunto restrito de identidades disponíveis no presente, essa forma de educar passa a exercer ainda mais pressão social sobre crianças e adolescentes, pessoas em formação, para que se definam logo e adotem uma identidade. [...] a escola tenta, pelos mais diversos meios pedagógicos, criar meninos masculinos e meninas femininas. Portanto, o ensino escolar participa e é um dos principais instrumentos de normalização, uma verdadeira tecnologia de criar pessoas "normais", leia-se, disciplinadas, controladas e compulsoriamente levadas a serem como a sociedade as quer (MISKOLCI, 2013, P.18-19).

É fácil perceber não apenas nos relatos já citados, mas também no nosso convívio social, a maneira como as brincadeiras, trajes e modos de se portar das crianças são moldados desde muito cedo, atendendo a demanda de separá-las em identidades binárias: homens e mulheres futuros com papéis previamente estabelecidos. Nesse contexto, um brinquedo passa a ser uma ferramenta discursiva poderosa.

Leonardo: Elas [as pessoas em geral] educam as crianças pra que elas sejam cisgêneras.

Isabel: É.

Leonardo: Tipo, ela já vê como uma ameaça, né, um menino que brinca de boneca.

Isabel: Ah, sim!

Leonardo: Elas já vem como "pô, o cara vai ser... ou ele vai ser". Até com as crianças não pensa que ele vai ser trans, porque pra eles, pra muita gente ainda não tem essa distinção: identidade de gênero e se é *gay*. Vai pensar "vai ser *gay*", "vai ser sapatão", vai pensar "isso não é algo que eu quero pro meu filho". Então se botar ele no futebol, às vezes não adianta porque a criança não vai se adequar. E às vezes isso vai depender da identidade de gênero e da orientação sexual da criança.

Isabel: Aham.

Leonardo: Porque ele pode até ser um menino hétero um pouco mais delicado. De alguma forma ele vai tar fora do padrão que se pede de um menino cisgênero heterossexual, se ele gostar por exemplo de... sei lá... se ele não gostar de futebol, se for um menino, assim, mais magrinho, que não gosta de malhar, já vão dizer que ele é *gay*. Mas ele pode também ter uma namorada. Mas vão dizer assim "ah, mas tá fazendo isso só pra afastar o...".

Isabel: Só pelas aparências.

Leonardo: Se torna uma questão de gênero (LEONARDO, 24/01/2016).

Gênero e sexualidade, portanto, se confundem na mente dos adultos em torno das crianças, que vêm comportamentos não normativos como indicativo de homossexualidade, mesmo que não seja esse o caso. O temor causado por comportamentos não normativos ou não-binários partindo de crianças pode ser vinculado ao heterossexismo e a heterossexualidade compulsória.

Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveria ser, heterossexuais. Um exemplo de heterossexismo está nos materiais didáticos que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher. A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. Ela se expressa, frequentemente,

de forma indireta, por exemplo por meio de disseminação escolar, mas também midiática, apenas de imagens de casais heterossexuais. Isso relega à invisibilidade os casais formados por dois homens ou duas mulheres (MISKOLCI, 2013, p. 46).

Em virtude da exclusão sistêmica proveniente do ambiente escolar, a evasão é uma constante, especialmente entre as travestis, que muitas vezes vêm na prostituição um caminho para a aceitação e, por isso, tem baixa escolaridade (BENEDETTI, 2004). Leonardo afirma que a população transgênero em geral tem na escola um local de transfobia e por isso “larga” os estudos, seja no ensino fundamental, médio ou superior e que tal ato pode depender do momento em que a pessoa “se assume”. Para ele, a faculdade é um ambiente mais fácil de lidar, uma vez que todos são adultos e um adulto “já não se deixa abater tanto”. Já no ensino médio, o adolescente está tentando encontrar seu espaço e é difícil lidar com a ridicularização. Por fim, a evasão, segundo ele, prejudica na obtenção de emprego, porque a pessoa “não entra no mercado formal, trabalha na informalidade, vendendo alguma coisa, tal”. Pode-se dizer que a rejeição das crianças em ambiente escolar venha de um sentimento de abjeção em relação aos seus comportamentos, especialmente quando questões de gênero ou modificações corporais estão envolvidas “o que frequentemente, torna meninos femininos, meninas masculinas e, sobretudo, travestis e transexuais vítimas de violência” (MISKOLCI, 2013, p.44).

O receio gerado pelas micro-agressões se estende até a faculdade, entre aqueles que a frequentam. Leonardo, que ainda não possui carteira de nome social⁴², diz que é um bom aluno e que se destaca, e por isso os professores

⁴² O nome social é aquele que é usado no dia-a-dia, adequado à identidade de gênero, mas que não consta no registro civil. O Artigo 16 do Código Civil garante a todos “direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome”. Apelidos e nomes notórios também são reconhecidos, de acordo com a Lei nº 10.406 do Código Civil. Portaria Nº 002/2014, da Secretaria de Justiça do Estado do Amazonas (SEJUS) que determina, em seu artigo 1º, “a inclusão do nome social de travestis e transexuais em fichas de cadastros, formulários, instrumentais, prontuários e documentos congêneres do atendimento prestado aos usuários de todas as subsecretarias e unidades”. A resolução nº 33/2013 do Conselho Estadual de Educação também determina o uso de nome social nos registros escolares internos das escolas pertencentes à rede estadual. Na Universidade Estadual do Amazonas (UEA) o uso do nome social foi aprovado em dezembro de 2014. Por fim, o Conselho Universitário da Universidade Federal do Amazonas aprovou o mesmo em 15 de maio de 2015. **CONSUNI regulamenta o uso do nome social na UFAM.** Disponível em: <<http://www.ufam.edu.br/index.php/2013-04-29-19-37-05/arquivo-de-noticias/3997-consuni-regulamenta-o-uso-do-nome-social-na-ufam>>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

gostam dele. Segundo Thomas, esse tipo de comportamento é “um cala-boca”, ou seja, funciona como validação, uma vez que o bom desempenho acadêmico é uma maneira de se tornar visível e aceitável aos olhos da sociedade. Leonardo ainda afirma que para a maioria das pessoas é como se fosse “ah, ele é assim [transexual], mas pelo menos ele é assim [aluno dedicado]” e mesmo os professores tem essa percepção e por isso o respeitam. Entre os colegas, o respeito às vezes vem de maneira sincera e outras, segundo Leonardo “porque sabem que vão precisar de mim em algum momento da faculdade. Até por uma questão assim, eu sei que eles não concordam com isso, tem um monte de gente que não concorda. Mas é por uma questão assim (LEONARDO, 24/01/2016).

Marcella, por sua vez, relata que quando cursava faculdade os professores em geral respeitavam seu nome social, bem como a maior parte dos alunos. Ela não chegou a remover o nome de registro na matrícula, mas diz que era fácil de corrigir, uma vez que os professores só substituíam o “O” do final pelo “A”. Já Rebeca nunca contou para ninguém em sua faculdade que é transexual. “Ninguém sabe, não pela minha boca. Se elas acham, acham” (REBECA, 10/11/2015). Fica claro que mesmo para os adultos, a experiência transgênero em ambiente escolar é marcada por negociações e ocultamentos.

A escola se configura, então, como um dos primeiros espaços de socialização das pessoas em que elas são rigorosamente controladas quanto aos seus comportamentos e padrões e este controle se manifesta fortemente quando se trata de gênero, como os relatos deixam claro. A família deveria ser o local de apoio e acolhimento dos sujeitos, mas nem sempre acontece desta forma. Os relatos dos interlocutores e interlocutoras tratam de questões relacionadas à rejeição ou à aceitação por parte dos familiares, e às consequências pessoais. Lucas, que, conforme citado anteriormente, se identifica ora como alguém que se traveste, ora como transexual, afirma que explorava atributos femininos desde criança. Entre os oito e dez anos já usava o cabelo comprido e roupas justas e relata ter sido constantemente confundido com menina. Aos treze anos começou a “se travestir”, em suas próprias palavras, e foi quando passou a atender por Isadora. As agressões se tornaram mais constantes e isso a levou a uma tentativa de suicídio. Ao ser questionado sobre como ele se definia na época, afirma que não tinha um termo, mas que as

peessoas o chamavam de “viadinho”. Com as constantes brigas, fugiu de casa para ir morar com uma tia, mas se reconciliou com a mãe, que passou a apoiá-la. Vinda de uma família “com costumes tradicionais, de dormir cedo, de dar benção, essas coisas”, nas suas próprias palavras, Isadora nunca entrou no mundo das boates e festas do meio LGBT. Sua mãe dizia que “travesti é como uma mulher, se não se der valor homem nenhum quer”. Assim, os primeiros entraves para a expressão de sua identidade de gênero vieram de sua mãe, mas também foi ela, juntamente com a tia, que a acolheram e ajudaram. Mesmo assim, um discurso moralizante, que controla o comportamento definindo o que seria inadequado perpassa essa aceitação.

Sara também menciona a falta de compreensão por parte da família, mas mesmo assim mora com sua irmã. Entre os dez e catorze anos adorava se vestir com as roupas da irmã, já que ambas tinham o mesmo manequim. Nessa época, a irmã a viu algumas poucas vezes montada e a reprimou. Na última vez, contou para sua mãe. O castigo de Sara foi lavar toda a louça da casa por um mês. É interessante a construção discursiva desse episódio: ao quebrar expectativas de sua família, Sara foi punida justamente através de papéis atribuídos a seu gênero. Ao explorar sua feminilidade, sua mãe a puniu fazendo com que assumisse plenamente uma tarefa doméstica associada ao âmbito do feminino, como se tivesse que aceitar por inteiro esse papel social. Por esse motivo, raramente se monta em casa hoje em dia e sua irmã não sabe que ainda mantém o hábito. As relações familiares são saudáveis, mas ela omite a prática do *crossdressing* para aqueles que a conhecem. Novamente, nesse relato, há, por parte da família, a reafirmação de valores tradicionais, assim como o que ocorreu com Lucas. Mas ele é o reforço do fato de que o ambiente familiar pode trazer repressões, mas também é onde se processam as primeiras experimentações. É o que relata Rebeca, de maneira similar, pois a partir dos oito anos de idade começou a brincar com batons, roupas e brincos de pressão quando ninguém estava em casa.

Além disso, a religiosidade dos membros da família parece ter grande peso nesse sentido. No caso de Thomas, criado em meio judaico, quando contou para a mãe sobre seu interesse afetivo e sexual por mulheres, ela só afirmou compreendê-lo quando encontrou textos espíritas que abordavam o tema.

O que eu acho estranho é a necessidade de reconhecimento científico pra encaixar alguma coisa, tipo "ah tá explicado, então agora eu te aceito". Pra minha mãe me aceitar, na época que eu que eu falei que gostava de mulheres, "Ah não, eu procurei várias reportagens do espiritismo pra entender, então agora eu te compreendo". Não compreende. Não compreende. Foi atrás dum conhecimento científico avulso pra tentar aceitar (THOMAS, 24/01/2016).

O que o incomoda é a falta de uma empatia imediata e a necessidade de buscar na religião uma maneira de entendê-lo e classificá-lo. E se isso foi possível quando se tratava de sua sexualidade, o mesmo não aconteceu em relação à identidade de gênero:

Thomas: Com dezoito anos eu me assumi, porque eu sempre tive uma certeza, que eu gostava de me relacionar com mulheres e não gostava de me relacionar com homens. E tipo eu tentei, tentei...

Isabel: Aham.

Leonardo: Queria saber.

Thomas: É, e também teve uma outra questão que é que eu fui violentado por um homem quando eu tinha cinco anos de idade e aos quinze anos fui violentado de novo por outro homem. E isso me causou problemas psicológicos, né. Fiz acompanhamento, etc. E minha mãe achou que era por causa disso que eu só... que eu gostava de mulheres. Que era...

Isabel: Um trauma, né?

Thomas: "Virei" lésbica. Mas, tipo, eu tinha certeza da minha relação com o outro, mas da minha relação comigo eu não tinha certeza. Até porque eu tinha medo de me aprofundar, de ir lá na ferida saber o porquê que eu ajo assim, porque eu sou assim, porque eu quero. Então eu sabia que eu gostava de mulher. Tá. Me assumi uma vez pra minha família, "olha, eu gosto de mulher, tal". E aí recente, há uns dois anos, eu comecei a tomar conhecimento da transexualidade e resolvi que eu quero exteriorizar quem eu realmente sou internamente e independente dos outros me aceitarem ou não. Eu quero me aceitar. Então, a gente tem que acabar se voltando prum pensamento meio egoísta, né, pensar na gente, porque a gente sempre é ensinado a pensar no outro antes da gente, né. Pelo menos na cultura judaica, etc.

Leonardo: Na religião.

Thomas: E então eu fui expulso de casa há uns dois meses. Quando eu fui tentar conversar com minha mãe, e ela é psicóloga...

Isabel: Nossa.

Thomas: Eu falei "mãe, é o seguinte, eu quero tua ajuda, eu não tô bem comigo mesma, comigo mesmo, e não sei mais como eu me expresso, como homem ou como mulher, mas eu me sinto melhor quando eu tô com roupas masculinas. Eu não tenho muito conhecimento de transexualidade e eu quero que tu conheça junto comigo. Eu quero teu apoio e eu espero muito que tu seja do meu lado nessa hora, que eu vou precisar". Minha mãe sempre pregou pra mim que os únicos amigos que a gente tem são pai, mãe e vó. Tipo, meu mundo caiu quando minha mãe mandou eu ir embora e "ai, se tu vai... eu tive uma filha mulher, é

uma filha mulher que eu quero e se vai fazer essas coisas, faz longe de mim".

Isabel: E até hoje tu não tá mais morando com ela?

Thomas: Não moro com ela, não falo com ela, não tenho mais contato. Falou com minha vó que tem setenta anos e a minha vó disse.. é... que pediu pra minha mãe parar de falar comigo e minha vó, tipo, ficou do meu lado e minha mãe não tentou me compreender, sabe?

Isabel: Muito foda.

Thomas: Eu acho que essa questão de "ah, era uma outra época, era um outro... uma outra convivência não existe".

Isabel: Não.

Thomas: Não existe. As cabeças mudam, o pensamento muda, tu te vê de outro jeito.

Isabel: É.

Thomas: Tu te expressa de outro jeito, a roupa que tu usa hoje não é a roupa que tu usava ano passado, então tu tá numa constância de mudança. (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2016).

Thomas nota que sempre teve certeza a respeito de sua orientação sexual, mas foi a identidade de gênero que levou mais tempo para compreender. Por sua vez, sua mãe aceitou sua orientação sexual, mas rejeitou sua identidade de gênero e expulsou-o de casa. Isso a despeito de sua fala de que os pais são os únicos amigos verdadeiros com que se pode contar. Thomas argumenta que a falta de entendimento não tem a ver com idade ou geração, uma vez que sua vó o defende, da mesma forma como Lucas foi auxiliado pela tia quando foi igualmente expulso de casa. Para Berenice Bento, é o corpo sexuado que funciona como fonte de conflito com a família.

A descoberta do corpo sexuado é um momento de atribuição de sentido para as várias surras, insultos e rejeições familiares. Ter um/a pênis/vagina e não conseguir agir de acordo com as expectativas, ou seja, não conseguir desenvolver o gênero "apropriado" para seu sexo, é uma descoberta vivenciada com grande surpresa para alguns/algumas (BENTO, 2009, p.97).

Ou seja, são as expectativas criadas em torno da genitália dos sujeitos e à performatividade de gênero que se espera que esteja relacionada a ela que, ao serem frustradas, geram os conflitos e violências físicas e psicológicas. Outra fonte de desentendimentos é o desconhecimento a respeito da identidade de

gênero dos sujeitos. É o caso de Carla, que tem dificuldades de relacionamento com a mãe, uma vez que essa não parece entender plenamente sua identidade de gênero, por isso precisou entabular uma conversa sobre seu não-binarismo.

Isabel: Aí quando você deixou claro pra ela, você passou a externar nas roupas também?

Carla: Sim. Eu já tentava antes, mas depois foi mais intenso, por mais que minha mãe tivesse relutância, por saber que as roupas que eu escolhia eram muito mais que estilo mas representavam uma identidade de gênero que ela não estava acostumada. Ela preferia que eu fosse mais uma "garota" com estilo tradicionalmente masculino/andrógino do que uma pessoa trans.

Isabel: :/ Mas chegava a ser transfóbica e tal?

Carla: Ela nunca foi transfóbica no sentido de ser agressiva e ter decepção/raiva de mim. Ela é uma pessoa de "mente aberta", mas que não tem muito conhecimento sobre o T de LGBT, então vez ou outra ela tem comportamentos cisnormativos. Também diz que vai estar sempre do meu lado e me ajudar, mas de vez em quando deixa escapar que acha que isso tudo é só uma fase minha. (CARLA, 06/04/2015).

No caso de Carla, sua mãe tenta compreendê-la, porque, segundo ela é o desconhecimento que cria a tensão dentro do lar. Bastante nova, ela representa uma geração de pessoas transgênero que, apesar de certos desentendimentos, não são expulsas de casa e tentam contornar os problemas com o diálogo e a informação. Tiago Duque já havia sinalizado essa nova realidade entre as travestis adolescentes que foram interlocutoras de sua pesquisa e que, apesar da violência encontrada nas ruas e mesmo dentro de casa, "não tem rompido os laços com seus familiares" (DUQUE, 2012, p.185). O mesmo transparece na fala de Leonardo:

Isabel: E aí, com teus pais, como é que foi... acontecendo, assim?

Leonardo: Meus pais, eles percebiam que tinha alguma coisa... alguma coisa errada.

Isabel: Errada [sinal de entre aspas].

Leonardo: É, errada. Tinha alguma coisa errada pra eles, né? Então, assim, eles viam que eu não gostava de boneca, que eles me davam boneca e eu não queria boneca, pedia carrinho com aqueles postos de lavagem de carro.

Isabel: Aham.

Leonardo: Pedia bola, gostava muito de futebol, né? Principalmente de futebol.

Isabel: Aham.

Leonardo: E aí eu pedia pra eles esses presentes. Eu não queria presente, assim, feminino. Aí eles pensavam só que eu era uma menina diferente. Aí tem a questão também da orientação sexual. Porque desde criança... Eu nunca fiquei com homens, por exemplo, né?

Isabel: Aham.

Leonardo: Porque nessa questão sexual, assim, eu sempre tive certeza, eu sempre gostei de mulher.

Isabel: Aham.

Leonardo: Então eu falava, "ó, mãe", aquelas coisas de criança, que se interessa pela coleguinha, pelo coleguinha... "gosto tanto da fulana". E ela me falava, assim "É..."... Minha mãe é pedagoga, né... Aí ela falava assim "essa é uma fase", na cabeça dela era uma fase, né. E é uma fase que não passou. Até hoje, né, eu nunca passei a me interessar sexualmente e afetivamente pelo gênero masculino. (LEONARDO, 24/01/2015).

A mãe de Leonardo, embora tenha pensado que suas experiências de infância eram apenas uma fase, hoje aceita e dá total apoio ao filho, entendendo sua identidade de gênero. Ainda a respeito de sua mãe, com quem mantém uma boa relação, ele acrescenta:

Leonardo: Porque a minha mãe, por exemplo, ela fala, porque tem eu e meu irmão e meu irmão é cis. Ela sempre teve uma filha, né. Então assim quando ela viu que eu assumi, e tal, ela criou toda aquela expectativa. E é uma coisa assim que, pô, ela esperou uma menina, né, na cabeça dela e tal. E criou pra ser uma menina e tal. Mas não deu. Ela fica aquela coisa "será que eu falhei na criação?", entendeu? Na cabeça dela ela passa isso. Será que eu falhei na criação? Mas fica aquela coisa, "eu queria uma filha então". E aí por isso os pronomes... Ela entende, mamãe tem um pouco de estudo então ela é mais... Ela é pedagoga, né, então, assim, ela tem uma visão muito diferente, ela tenta compreender. Ela me apoia e tal. Só que ela... de vez em quando eu sou o filho, de vez em quando eu sou a filha e... Isso nela eu respeito, ainda, porque como ela... Às vezes a gente é muito egoísta, nesse sentido. Não entende, assim, como é que o outro... a cabeça do outro. É a mesma coisa... a gente quer ser entendido, tipo, a gente quer ser entendido enquanto trans. A gente quer que as pessoas entendam a gente. Mas a gente exige que eles entendam, mas a gente não procura entender. Tipo, a gente não procura entender nossos pais, nossas mães. Ou que nem no caso da minha mãe, que idealizou uma filha. Ela esperou uma menina. Aí você quebra a expectativa dela e aí tu vai e quer que ela já... Precisa dar um tempo pra ela se ajustar, ver "ó, a situação é essa". Pra ela poder... conseguir aceitar. É essa tentativa que eu observo, né? Porque às vezes a gente não tem paciência, né. Com as pessoas que convivem. Não quer dizer que ela não ame a gente. "Ah, não tá respeitando a minha identidade de gênero e tal". E aí eu que tenho que entender. Os Pais, né, agora pessoa assim que a gente conhece depois, mas sabe que a gente é trans e a pessoa não se esforça pra te tratar, aí isso aí eu já não... Porque ela já me conheceu assim. No caso da mãe dele [referindo-se a Thomas], não, porque ela se depõe, mas por exemplo quando um pai ou uma mãe, ele pensa "eu vou tentar".

Isabel: Tá tentando.

Leonardo: Mas quando ele fala "eu vou tentar te ajudar", se ele tivesse um pouco de boa contigo, mas ele fala "filha", aí tu já fica com quatro pedras na mão, entendeu? Não é por mal.

Thomas: É o costume de falar. (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2015).

Thomas e Leonardo, com isso, demonstram que acham necessário respeitar o tempo de assimilação que as mães, os pais e as pessoas mais próximas têm quando percebem ou são informados que seus próximos são transgêneros, pois acreditam que muito da confusão venha do hábito de entender as pessoas como portadora de outra identidade de gênero. O uso de pronomes errados seria proveniente, portanto, do costume e não necessariamente de uma não aceitação ou de uma vontade de agredir. Isso em se tratando daquelas e daqueles que respeitam essa identidade, uma reação diferente, dessa forma, dos desconhecidos que desrespeitam sua identidade motivados por ojeriza, uma vez que pais e parceiros se preocupam com eles e querem seu bem.

Conforme Larissa Pelúcio, especificamente acerca de travestis, muitas vezes a busca pela aceitação pela família e pela sociedade como um todo passa pela reprodução de determinados padrões socialmente aceitos. Elas

[...]se referenciam nos padrões de conjugalidade e parentalidade ditos normais: monogâmicos, pautados em relações não-comerciais de sexo, centrados na família nuclear, na qual a mulher/esposa se encarregaria da administração do lar e dos cuidados com este, enquanto o homem/marido, de provê-lo (PELUCIO, 2006, p.532).

Outras vezes, de acordo com Don Kulick (2008), o que ocorre é o uso de ascensão financeira, especialmente através da prostituição, para readquirir o afeto dos parentes. Se o fato de serem travestis foi o que as levou a serem expulsas de casa e precisarem se prostituir, colocando-as em uma posição estigmatizada na família, o dinheiro proveniente dessa ação é utilizado para comprar imóveis e outros presentes para os seus progenitores reestabelece os laços. Por isso, “a incapacidade de ganhar dinheiro é um golpe devastador para a travesti, tanto no aspecto material quanto no emocional” (KULICK, 2008, p.196).

Para Leonardo, as pessoas se adequam ao que é esperado delas porque trabalham com recompensas, que podem ser materiais ou em termos de melhor

aceitação da família ou demais pessoas queridas: “Desde pequeno a gente vive a base de recompensas. Ah, se tu fizer isso daí tua mãe vai te dar um brinquedo, se tu fizer aquilo, tu vai ser a felicidade da tua vó, dos teus pais” (LEONARDO, 24/01/2015). Por isso, para ele, nós acabamos seguindo modelos já existentes, mas podemos tentar fugir deles: “tu acaba fazendo de uma forma tão automática que quando tu vai pensar com um pensamento descolonizador pra fazer essa transformação, tu vê que tu mesmo tem preconceitos contigo que tu não enxergas, tem que ficar se policiando” (LEONARDO, 24/01/2015). Nesta fala, ele acaba por concordar com a teoria de Foucault de um controle social através das instituições, nesse caso a família, mas que pode ser desfeito.

Rebeca enfrenta problemas relacionados às noções de parentalidade. Uma ex-companheira passou a impedi-la de ver o filho de ambas depois que ela começou o que chama de transição e “já tava vestida de mulher” (REBECA, 10/11/2015). É possível que essa desavença se deva às expectativas pessoais e sociais a respeito das figuras de autoridade em torno de uma criança, bem como da própria configuração familiar. Para Jack Halberstam, a solução para os problemas ligados às relações familiares para pessoas *queer* viria da mudança da própria noção de família e sua representação na mídia. Para o autor, nossos modelos de família e de criação de crianças são limitados e conservadores (HALBERSTAM, 2012, p.20). Quando as pessoas falam em “salvar a família” e “proteger a família”, geralmente estão pensando em um tipo específico e restrito, proveniente de uma classe média branca e que não representa a totalidade de vivências familiares existentes (HALBERSTAM, 2012, p.55).

E se começássemos a perceber que as famílias em que as crianças crescem são diferentes das famílias em que muitos de nós fomos criados, e que essas mudanças muitas vezes foram para melhor? A claustrofobia da família nuclear era anteriormente aliviada apenas por mais família, a grande família, por primos e tias e tios e avós. Mas agora as crianças são aptas a terem muitos adultos em suas vidas, adultos, além disso, a quem não são sequer aparentadas. [...] O que aconteceria se nós realmente começássemos a incorporar essa versão de família em nossas representações *mainstream*? (HALBERSTAM, 2012, p.54, tradução minha)⁴³.

⁴³ Do original: “What if we start noticing that the families in which children grow up are far diferente from the families in which many of us were raised, and that those changes have often been for the better? The claustrophobia of the nuclear family was formerly only alleviated by more family, extended family, by cousins and aunts and uncles and grandparents. But now, children are apt

Se novos modelos de representação familiar fossem socialmente aceitos e também reproduzidos em diversas mídias, como nota Halberstam, é muito provável que Rebeca não estivesse passando pelo desgaste emocional causado pelo afastamento de seu filho. Além da ampliação dos tipos e da representação de grupos familiares, Halberstam questiona a própria instituição do casamento, que vem sendo o objetivo de diversas campanhas pelos direitos de pessoas *queer*. Para ele, é um erro ter o casamento como meta da militância: “Uma instituição que foi definida através de tais exclusões e que tem sido aplicada como um sistema de aliança de classe, de pureza racial, de sanção religiosa, deveria certamente ser desmontada ao invés de expandida” (HALBERSTAM, 2012, p. 162, tradução minha)⁴⁴. Desse modo, o autor defende, também, novas formas de relações afetivas, que não sejam pautadas em um modelo tradicionalmente excludentes. Explorarei aspectos acerca da representação midiática das pessoas transgênero no próximo item.

2.3- Mídias, representações e interações: espelhos de si

As representações midiáticas são importante filtro para perceber de que maneira pessoas e grupos são percebidos em uma sociedade. É comum, também, que reflitam um olhar dominante, geralmente do homem branco heterossexual e cisgênero. Conforme Jonathan Culler, a respeito da crítica literária e da recepção:

A hipótese de uma mulher leitora (...) reverte a situação habitual em que a perspectiva de um crítico homem é tomada como sexualmente neutra, enquanto uma leitura feminista é vista como um caso de apelação especial e uma tentativa de forçar o texto em um molde predeterminado (CULLER, 1989 apud OLIVEIRA 2007, p.87).

to have many adults in their life, adults, moreover, to whom they are not even related. What would happen if we actually began to incorporate this version of the family into our mainstream representations?”

⁴⁴ Do original: “An institution that has been defined through such exclusions and that has been enforced as a system of class alliance, of racial purity, of religious sanction, should surely be dismantled rather than expanded!”

Para o autor, o homem leitor é entendido como neutro e toda forma de tentar feminizar essa leitura é vista como ideológica. O mesmo, acrescento, acontece com outras formas de mídia para além da escrita e outras representações que não são apenas as de masculinidades e feminilidades. Por isso, ao olharmos com outros olhos para as imagens e textos apresentados, forçamos novas formas de interpretação do mundo. É especialmente importante perceber, nesse caso, que tipos de retratos existem a respeito das populações transgênero na mídia *mainstream* e, também, quais são suas reflexões a respeito delas.

2.3.1 Reportagens: exploração de experiências

Em se tratando de reportagens em veículos escritos da cidade de Manaus, por exemplo, é possível perceber que eles se dividem entre textos de cunho policial e aqueles sobre direitos. No primeiro caso, predominam relatos de crimes, geralmente assassinatos, cometidos contra pessoas transgênero, especialmente travestis. É o que acontece em A Crítica (2015a), Lucas (2015), Motta (2016), Gomes (2015), Oliveira (2015a; 2015b). São excertos de histórias que não contextualizam a trajetória de vida daquelas que são citadas e constroem um discurso que as vincula com as drogas, a prostituição e a vulnerabilidade das ruas. Muitos deles sequer respeitam as identidades de gênero de suas protagonistas, tratando-as pelo nome de registro. Além disso, seus corpos às vezes são exibidos sem vida, de maneira desrespeitosa, objetos para o olhar do leitor.

Já o segundo tipo de reportagens geralmente diz respeito à aceitação do uso do nome social e às legislações e às reivindicações relacionadas ao ambiente escolar e/ou universitário. Nesse caso as pessoas transgênero são apresentadas como agentes que lutam pelos seus direitos. É o caso de matérias como Alves (2016), Anselmo (2015), Guimarães (2015a) e A Crítica (2015a; 2016). A respeito da cobertura midiática sobre experiências transgênero, Sara declara:

Vou tentar te passar a minha impressão sobre o tratamento na mídia sobre o assunto: atualmente, precisamos levar em consideração que a mídia tradicional representada pelos jornais/rádio e TV aberta possui uma predominância conservadora que vem desde os seus editores principais e chega até os jornalistas mais jovens. E isso aponta na direção de condenar todas as abordagens que levem em consideração a formação de gênero das pessoas. E também provoca a não-aceitação do gênero das trans na maior parte da mídia convencional. Contrariamente a estas veiculações e a partir dos excessos cometidos na abordagem de assuntos que interessam ou envolvem pessoas trans, as novas mídias sociais, que ganharam importância depois da popularização da internet nos smartphones, enfrentam o problema dos preconceitos trazendo à tona abordagens de situações sob o ponto de vista direto das trans. Há algum tempo o Cazé⁴⁵ em um programa da Globo fez uma reportagem sobre *Crossdresser* que vale a pena ser vista. Em termos mais locais existem grupos que buscam promover a visibilidade trans na UFAM (SARA, 10/06/2016).

Para Sara, portanto, o que chama atenção é o conservadorismo da mídia e como seus retratos reprovam comportamentos e experiências não hegemônicos. As mídias sociais acabam funcionando como alternativas às tradicionais. A reportagem mencionada, feita pelo apresentador Cazé Peçanha, na verdade foi na emissora Band. Ele foi submetido a um processo de montaria e o foco da cobertura foi na dor que sentiu durante a depilação e como chamou atenção, já montando, andado pela noite de São Paulo. Ainda sobre reportagens, acrescenta:

A maioria das reportagens sobre trans na TV e no rádio (e também nos jornais impressos) trata o assunto trans sempre associado a temas como drogas, prostituição, assassinato, etc. E é um assunto explorado principalmente em programas "mundo cão" (aqueles programas tipo Datena⁴⁶). E isso aumenta o preconceito que está na formação opinativa da sociedade dos tempos atuais. Dessa forma, considero que a exposição é sensacionalista e não ajuda em nada na visibilidade que seria salutar para promover a liquidação do preconceito em relação às pessoas trans. Em relação aos jornalistas - é uma pena ter que falar isso - mas a maioria está mais interessada em manter seus empregos agradando a seus patrões do que buscar exercer o jornalismo como comunicação social (SARA, 10/06/2016).

Sua fala reforça que em geral, as reportagens só trazem a transgeneridade à tona quando se trata de fazer sensacionalismo, com

⁴⁵ A reportagem citada foi feita para o programa A Liga, da emissora Band, em 22 de abril de 2014, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ASu0QsV3RVA>>, a partir dos 17:13min. Acesso em: 11 de junho de 2016.

⁴⁶ Refere-se ao apresentador José Luiz Datena, do programa Brasil Urgente, conhecido por fazer cobertura jornalística de notícias policiais de maneira sensacionalista.

coberturas pouco informativas e estigmatizantes das personagens abordadas.

Na grande mídia nacional e internacional, por sua vez, além das questões relacionadas aos direitos humanos, destaca-se o uso exemplar de vivências de celebridades, utilizando-as como símbolo de luta e, assim, esclarecendo aspectos sobre a transgeneridade. O fato de serem pessoas com visibilidade e com palco para externarem sua fala, ajuda a transmitir suas mensagens. Laverne Cox, por exemplo, é a primeira atriz transgênero a ser indicada ao Emmy e chamou a atenção de uma apresentadora de televisão que a entrevista sobre o quanto era invasivo e grosseiro focar no feito ou não de cirurgias transexualizadoras quando se conversa com pessoas transgênero (CAPARICA, 2014). As diretoras Lana e Lilly Wachowski, da trilogia Matrix, também assumiram a sua transgeneridade recentemente, em 2012 e 2016, respectivamente. Lilly, em uma carta aberta, afirma que precisou informar a todos antes do que pretendia, pois estava sendo veladamente chantageada por um repórter de um tablóide (STEDMAN, 2016).

Também cresce o número de relatos a respeito de crianças transgênero. Em janeiro de 2016 foi noticiada uma menina de nove anos que foi a primeira no Brasil a ter autorização judicial para alterar o nome e o gênero nos documentos (FARIAS, 2016). Nos Estados Unidos, um *reality show* chamado “I am Jazz” acompanha a vida familiar de Jazz Jennings, uma menina transgênero de 14 anos. Uma das crianças do famoso casal Angelina Jolie e Brad Pitt foi designada como menina ao nascer e nomeada Shiloh. Aos oito anos, em 2014, os pais revelaram que a criança pediu para ser chamada de John (SANGHANI, 2014) e atende por esse nome e pede para usar roupas masculinas pelo menos desde os dois anos de idade. Embora John não tenha publicamente estabelecido seu gênero, é bastante provável que ele seja uma criança transgênero e a mídia foi da crítica aos pais pela forma que a criança se vestia a aceitação em poucos anos, como nota Marie Parker Molloy (2014) em sua reportagem.

Esses e outros casos de exposição midiática de famosos, como a ex-decathlete olímpica e participante de reality show Caitlyn Jenner; a cartunista Laerte Coutinho; o advogado Chaz Bono, conhecido por ser filho da cantora Cher; o empresário e ator Thammy Miranda, filho da cantora Gretchen, entre outros, por um lado exploram as experiências dos indivíduos em busca de

curiosidades que rendam acesso aos veículos jornalísticos, mas por outro permitem a divulgação cada vez maior das vivências e subjetividades específicas dos sujeitos.

As reportagens televisivas seguem o mesmo padrão: muitas vezes explorando seus protagonistas de maneira sensacionalista. Jack Halberstam (2012) critica especialmente um programa da famosa apresentadora Oprah, nos Estados Unidos, que mostrou a história de Thomas Beatie, apresentado como o primeiro homem grávido. O episódio abordou sua gestação, a paternidade e sua luta com o sistema médico pouco preparado para lidar com uma gravidez masculina. O autor afirma que o que se seguiu foi um espetáculo midiático que foi prontamente esmiuçado por outros apresentadores de viés político conservador de direita. Métodos reprodutivos menos convencionais, famílias *queer* e a própria transgeneridade foram postos sob os holofotes. Halberstam (2012) critica especialmente o fato de Beatie ter aceitado a alcunha de “primeiro homem grávido”, uma vez que não é incomum homens transgênero não fazerem a histerectomia (cirurgia de retirada do útero) e outros antes de Beatie já haviam passado por esse processo, mas sem o alarde das câmeras. Para Halberstam (2012) pouco importa quem foi o primeiro, já que este não deveria ser entendido como um fenômeno individual, mas como uma pista a respeito da emergência de novas políticas reprodutivas (HALBERSTAM, 2012, p.65).

2.3.2 Internet: intercâmbio no ciberespaço

Em se tratando de páginas na internet ou nas redes sociais, existe a possibilidade de troca e disseminação de informações. Foi pensando nisso que a pesquisadora Simone Ávila criou o sítio *Sou transhomem, e daí?*, que contém notícias, galeria de fotos, vídeos, dicas de livros, legislação, entre outros e também serviu como ponto de contato entre ela e os interlocutores de sua pesquisa (ÁVILA, 2014). Da mesma forma, uma das interlocutoras do meu trabalho criou uma página no *Facebook* chamada *T-Factor*, com a descrição “Notícias e artigos sobre transexualidade e a luta por direitos iguais”, justamente para agregar conteúdo para aqueles e aquelas que buscam se informar. A

página tem mais de quinhentas curtidas⁴⁷. Mas ela também tentou diálogo com correntes do feminismo radical que são trans-excludentes. Muitas feministas radicais pautam a vivência de gênero no modo como cada pessoa foi socializada e, por isso, acreditam que mulheres transgênero, ao serem criadas como meninos durante a infância, foram beneficiadas com os privilégios masculinos na sociedade. Além disso argumentam que as violências que mulheres cisgênero sofrem desde a infância, como o controle do comportamento, do corpo e da sexualidade, mutilação genital, estupro e violência sexual, entre outros, estão vinculados justamente às suas genitálias e/ou capacidade reprodutiva. Por isso a cisgeneridade é vista como a única forma de ser mulher. Ao frequentar uma página chamada *Feminismo Bucetista* e tentar diálogo com suas participantes, ela recebeu denúncias em seu perfil, como tentativa de apaga-lo da rede. A respeito da socialização, ela debate “que socialização masculina é apanhar na escola, ser expulsa da escola, aliciada pra prostituição e viver a margem da sociedade?”.

O sítio Transfeminismo também funciona desde junho de 2011 com postagens que abordam temas como educação, saúde e corpo, cultura e comportamento, trabalho e economia, sexo e sexualidade, raça e etnia e militância, além do compartilhamento de livros e artigos. Outra página citada como fonte de informação é a IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades), que, assim como a *Sou transhomem, e daí?*, é uma fonte de informações, mas neste caso composta por uma equipe de homens transgênero. Meus interlocutores e interlocutoras também mencionam que utilizam grupos fechados em redes sociais ou aplicativos de comunicação, como o *Whatsapp*, para a troca de dicas, mas sem dar muitos detalhes de como essas redes anônimas se processam.

2.3.3- Cinema e seriados: identificações e narrativas

⁴⁷ As curtidas são a maneira que usuários da rede social *Facebook* utilizam para acompanhar seu conteúdo. Funcionam como uma assinatura, para demonstrar interesse na página e passar a receber as postagens em sua linha de tempo.

Por fim, é necessário citar o cinema, mídia que se baseia na criação de narrativas, que por sua vez podem ser biográficas e também influenciam a percepção de seus espectadores e espectadoras sobre os temas apresentados. Simone Ávila afirma que muitos dos seus interlocutores se autodeterminaram transhomens depois de terem vistos filmes ou vídeos com personagens que também eram e, assim, conseguem se identificar (ÁVILA, 2014, p.85). Entre as interlocutoras e interlocutores desse trabalho, não houve nenhum relato similar, já que a autodenominação foi, geralmente, um processo que aconteceu aos poucos. Mas a identificação, em maior ou menor grau, com as narrativas e situações perpassam suas falas, como será mostrado.

Segundo Teresa de Lauretis é possível pensar não só como o gênero é representado em determinada tecnologia, mas também como ele é, conseqüentemente, incorporado pelo público a quem ela (a tecnologia) se dirige. Além disso, a experiência de quem assiste é intrinsecamente relacionada à sua subjetividade (LAURETIS, 1987, p.15). Nesse caso específico, a identidade de gênero se liga intimamente à experiência:

[...] a leitura do espectador sobre o filme (incluindo respostas interpretativas e afetivas e estratégias cognitivas e emocionais) é mediada por sua existência em, e sua experiência de um universo particular de discursos sociais e práticas na vida diária (LAURETIS, 1987, p.96, tradução minha)⁴⁸.

Dessa forma, assim como as demais tecnologias de gênero, é possível inferir que o cinema reproduz o gênero, através de elementos já existentes na sociedade e no *zeitgeist*, mas também o cria, rompendo com esses padrões e sendo absorvido e reinterpretado pelo espectador.

Filmes de comédia *mainstream* às vezes utilizam os protagonistas homens praticando *crossdressing*, visando efeito cômico para a plateia. Os personagens vestem-se de mulher geralmente com o intuito de disfarce, ou seja,

⁴⁸ Do original: “[...] the spectator's reading of the film (including interpretive and affective responses, cognitive and emotional strategies) is mediated by her existence in, and experience of, a particular universe of social discourses and practices in daily life”.

não é uma prática que venha de um desejo íntimo ou identitário. É o que acontece em *Quanto mais quente melhor* (Wilder, 1959), *Tootsie* (Pollack, 1982) e *Uma babá quase perfeita* (Columbus, 1993), por exemplo. Nesses filmes, o humor é obtido justamente pela falta de conhecimento dos sujeitos em relação às práticas corporais que definiriam o “ser mulher” neste contexto diegético⁴⁹. O objetivo não parece ser a criação de nenhum tipo de conscientização em torno de papéis ou identidades de gênero, embora em alguns momentos possam haver discursos que chamem a atenção para esses pontos. É interessante a escolha de criar humor com a prática de *crossdressing*, uma vez que o que ocorre cotidianamente com suas praticantes é a violência. Conforme já mencionado, Sara, que pratica *crossdressing*, afirma que mulheres transgênero e também *crossdressers* tem a sua identidade feminina negada de forma rotineira.

Da mesma forma, filmes com mulheres utilizando roupas consideradas masculinas foram feitos visando a comicidade, geralmente vinculada a um possível romance que se descortina, como em *Quase igual aos outros* (Gottlieb, 1985), *Ela é o cara* (Fickman, 1996) e mesmo a animação *Mulan* (Bancroft; Cook, 1998). Uma exceção à essa abordagem é *Rainha Christina* (Mamoulian, 1938), pois a protagonista, rainha da Suécia no século XVII, apresentada como uma mulher bissexual, se veste de homem quando precisa sair do castelo para fugir da corte. Sua ação não é apresentada com nenhum tipo de comicidade e nem a trama é pautada exclusivamente em torno de um romance. Pelo contrário, seu disfarce é mostrado como uma faceta de sua personalidade forte e espírito independente e como uma solução para a falta de liberdade que enfrentava por ser uma mulher naquela época e local.

Em contrapartida, o diretor Ed Wood aborda sua própria vivência de *crossdresser* em *Glen ou Glenda* (Wood, 1953), um filme precursor na abordagem do tema e que tenta, através de discursos psi, explicar a subjetividade das personagens-título, interpretadas pelo próprio diretor. Ele foi,

⁴⁹ A diegese implica tudo aquilo que está dentro do universo criado para o filme. “A diegese é, portanto, em primeiro lugar, a história compreendida como pseudomundo, como universo fictício, cujos elementos se combinam para formar uma globalidade. [...] Por isso, é possível falar de universo diegético, que compreende tanto a série de ações, seu suposto contexto (seja ele geográfico, histórico ou social), quanto o ambiente de sentimentos e de motivações nos quais elas surgem”. AUMONT, Jacques et al. *A estética do filme*. Campinas: Papyrus, 1999, p.114.

posteriormente, homenageado no filme *Ed Wood* (Burton, 1994), em que foi interpretado por Johnny Depp.

Na década de 1990, houve a popularização da arte das *drag queens*. O documentário *Paris is burning* (Livingstone, 1990), filmado entre 1985 e 1989 nos bailes *queer* do Harlem, em Nova York, marca esse período nos Estados Unidos. Seus protagonistas são os participantes dos bailes, majoritariamente compostos por homens *gays*, *drag queens* e mulheres transgênero, negros e latinos.

O filme possibilita a reflexão sobre as exclusões sistêmicas de cunho étnico-racial e de classe a que seus personagens são submetidos. Sonhando com riqueza, aceitação e uma vida melhor, eles competem em desfiles de *drag* em categorias como “empresário”, “estudante universitário”, “magnata do campo”, entre outras, mostrando que se ainda não ocupavam esses espaços, pelo menos poderiam se mostrar capazes de imitar a aparência que os caracterizavam. É a aí que surge o conceito de *realness*, que é vinculado à passabilidade de cada um e cada uma dentro das categorias escolhidas. Com cortes que mostram os competidores e as pessoas de classe média andando pela cidade, o filme trata de estabelecer que todos igualmente montam um personagem.

Com a assimilação das *drag queens*, vieram filme de comédia protagonizados por personagens *drags*, como *Priscilla, a rainha do deserto* (Elliott, 1994) e *Para Wong Foo, obrigada por tudo! Julie Newmar* (Kidron, 1995). No primeiro, Hugo Weaving e Guy Pearce interpretam as *drag queens* Mitzi e Felicia e Terence Stamp interpreta a mulher transgênero Bernadette e o segundo conta com a participação de RuPaul e tem Wesley Snipes como Noxeema, Patrick Swayze como Vida e John Leguizamo como Chichi. Em comum, eles possuem a atmosfera leve e a glamourização das vivências de suas protagonistas.

Da virada do século para cá, a comédia deu lugar ao drama, retratando a transfobia e as violências vinculadas às relações familiares, as experiências de infância e a busca pelo amor. A temática da transfobia é mais evidente em tramas como *Meninos não choram* (Peirce, 1999), em que Hilary Swank interpreta Brendon Teena e *Clube de compras Dallas* (Valleé, 2013) em que

Jared Leto é Rayon. Se refletirmos sobre as tecnologias de gênero, é possível que filmes como esses se favoreçam da ampliação das discussões em torno dos direitos das pessoas transgênero e ao mesmo tempo aumentem a visibilidade do debate em torno delas.

Transamérica (Tucker, 2005) fala da relação entre uma mulher transgênero e o filho biológico adolescente que ela descobre ter. Rebeca diz que esse filme é bom, porque reflete mais ou menos a realidade do que as mulheres transgênero passam. Bree, a personagem principal, é interpretada Felicity Huffman, que recebeu uma indicação ao Oscar pelo papel. Rebeca afirma que “Aquele *Transamérica* foi um filme que eu gostei, mostra mais ou menos o que a gente passa” (REBECA, 16/11/2015).

Em *Minha vida em cor-de-rosa* (Berliner, 1997), George de Fresne é Ludovic, uma criança que gosta de se vestir como as bonecas que vê na televisão. Já em *Tomboy* (Sciamma, 2011), a jovem atriz Zoé Héran interpreta uma criança chamada pelos pais de Laure, mas que se apresenta aos demais como Mickäel. Ambos são representações de infâncias *queer* e da reação dos familiares aos comportamentos das crianças.

A personagem-título de *Hedwig-Rock, amor e traição* (Mitchell, 2001) está em constante busca pelo par romântico ideal. Após o sucesso do filme musical, ele foi adaptado em uma peça na Broadway. Já em *Uma Nova Amiga* (Ozon, 2014), Romain Duris é David, que, ao praticar *crossdressing* passa a atender pelo nome Virginia e posteriormente revela que suas vivências vão além dessa prática, ao mesmo tempo em que se apaixona por Claire, melhor amiga de sua falecida esposa. São dois exemplos de histórias com protagonistas que buscam um romance.

No Brasil, o curta-metragem *Vestido de Laerte* (Marques; Priscilla, 2012) criou uma narrativa bem-humorada protagonizada pela cartunista Laerte. A narrativa fala a respeito de sua jornada e sua relação com o vestuário desde a infância (as roupas das *misses* e os vestidos das meninas na primeira comunhão). O gênero do filme é subvertido: o que começa como um documentário baseado em relatos em primeira pessoa, passa a adquirir tons cômicos através do uso de elementos distópicos. O figurino muda: no começo,

o vestido do título é simples e, ao final, adquire formas exageradas, que o aproximam de um traje de ficção científica retrô. Uma repartição pública aparece para tornar a conclusão da jornada da heroína não só difícil, mas impossível. A questão que fica é: como uma pessoa transgênero pode se sentir aceita na sociedade se os menores atos cotidianos lhe são dificultados?

Em 2015 dois filmes com protagonista transgênero foram muito comentados pela crítica de cinema e não poderiam ser mais opostos: o primeiro é *Tangerine* (Baker, 2015) e o segundo, *A Garota Dinamarquesa* (Hooper, 2015). O primeiro, um filme com baixo orçamento filmado com câmeras de celular, foi bem recebido nos circuitos dos festivais. Trata-se da história de Sin-Dee, uma mulher transgênero que trabalha se prostituindo nas ruas, que volta para seu bairro após uma breve detenção na cadeia e, ao ouvir boatos sobre uma possível traição, quer descobrir com quem seu namorado andou nesse meio tempo. Para isso, conta com a ajuda de sua melhor amiga, Alexandra e os caminhos que ambas percorrem descortinam um universo de personagens que vivem às margens. Ambas são interpretadas por atrizes transgênero, Kitana Kiki Rodriguez e Mya Taylor, respectivamente, e a abordagem do filme é humana e respeitosa. Apesar de não ter ampla distribuição, o filme foi sucesso de crítica e alcançou visibilidade suficiente para que a *Academia de Artes e Ciências Cinematográficas*, responsável pelo prêmio conhecido como *Oscar*, anunciasse que suas atrizes seriam consideradas para votação de acordo com sua identidade de gênero, feminina (LOWDER, 2015). Aqui a tecnologia de gênero claramente influenciou uma alteração no *status quo*.

O segundo é uma adaptação romanceada de um livro de ficção baseado na história de Lili Elbe, uma pintora que morou em Paris no início do século XX. Lili viveu muitos anos como Einar Wegener, e casou-se com Gerda, também pintora. No filme a relação entre elas é apresentada como sendo uma de amor romântico e com uma vida sexual plena, até que Lili revela sua transgeneridade e subitamente deixa de ter interesse na esposa. Dessa forma, identidade de gênero e orientação sexual são apresentadas de forma entrelaçada e confusa, o que pode levar o espectador a ter entendimentos incorretos a respeito de ambos. Lili e Gerda já estavam divorciadas quando Lili morreu, em 1931, mas na película, se faz questão de mostrar que Gerda permaneceu ao seu lado até

o último momento. Além disso, Gerda pintava quadros de teor erótico com temática lésbica, fato que foi omitido. Com isso é possível concluir que o filme estava menos interessado em um retrato rico e próximo do real de suas protagonistas e mais interessado em criar uma fábula romântica.

Para piorar, Lili foi interpretada pelo ator cisgênero Ed Redmayne, que construiu a personagem de maneira nada sutil e realista. Lili é toda sorrisos languidos, mãos que se movimentam quase que como numa dança e gestos tímidos e delicados. Redmayne constrói uma caricatura do que acha que é ser mulher. O filme tem um momento interessante, que é quando Gerda ensina Lili a andar de salto, mostrando que são técnicas a serem aprendidas e não um atributo natural da feminilidade. Marcella diz, justamente, que não gosta muito dos filmes existentes com mulheres transgênero como protagonistas, porque “[...] o resto dos filmes eu fico muito chateada que colocam um baita homem feito pra fazer papel de trans, acho uó. Acho que pra fazer papel de trans tinha que ser uma trans ou uma mulher cis” (MARCELLA, 10/11/2015).

O filme teve ampla distribuição e gerou muitos debates. Já há algum tempo a militância LGBT reivindica espaço para atores e atrizes transgênero, uma vez que atores cisgênero interpretando personagens transgênero seria algo como o *blackface*, prática comum no cinema na primeira metade do século passado em que pessoas brancas se pintavam para interpretar pessoas negras, com trejeitos caricatos e para fins cômicos. A obra conseguiu quatro indicações ao Oscar: melhor *design* de produção, melhor figurino, melhor ator e melhor atriz coadjuvante. Com isso se levantou a questão de porquê atores e atrizes que interpretam pessoas LGBT são constantemente indicados, como Tom Hanks, Greg Kinnear, Hilary Swank, Ed Harris, Charlize Theron, Philip Seymour Hoffman, Heath Ledger, Felicity Huffman, Jake Gyllenhaal, Sean Penn, Annette Bening, Glenn Close, Christopher Plummer, Jared Leto, Benedict Cumberbatch e, por fim, o próprio Eddie Redmayne, apenas para citar os mais notáveis nos últimos vinte e cinco anos. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, responsável pelo prêmio, demonstra, desse modo, que considera atributos vinculados à orientação sexual e à identidade de gênero não cis-hetero-normativas um desafio na arte de representar. As críticas se intensificaram esse ano justamente em virtude da indicação de Redmayne e, somada a ela, o fato

de que pessoas realmente LGBT, especialmente transgênero, batalham para conseguir espaço e visibilidade em Hollywood. Justamente esse ano, em virtude de nem todos os intérpretes de canções originais indicadas ao prêmio terem espaço para se apresentarem, o compositor Antony Hegart, primeira pessoa transgênero a receber indicação em trinta anos, foi excluído da cerimônia (OPPENHEIM, 2016).

Leonardo e Thomas trouxeram o filme para a conversa sem que eu o tivesse mencionado. Ambos falaram que, apesar dos problemas, se emocionaram com o filme.

Leonardo: O filme da Garota Dinamarquesa, que vai estrear. Mas eu já assisti porque tava super disponível na internet.

Thomas: É, eu também já vi. Chorei horrores

Isabel: Eu não vi.

Leonardo: Aí... Eu não chorei não, não chorei não, mas tipo...

Isabel: Vocês gostaram?

Thomas: Eu gostei.

Leonardo: Gostei. Mas uma coisa que... Que assim, o filme fica muito em torno dessa questão da cirurgia, né? E assim, só comparar com a gente. Porque na época dela a cirurgia da vagina era experimental.

Isabel: Ela foi a primeira, né?

Leonardo: Ela foi a primeira. E, assim, a nossa hoje ainda é meio que assim ainda. Mas... (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2015).

Leonardo se referiu ao fato de que Lili foi a primeira pessoa a se submeter a cirurgias transgenitalizadoras⁵⁰ e veio a morrer em virtude de complicações no quarto procedimento, que ainda era experimental na época. Comentei com eles sobre o pedido por parte de uma mulher transgênero chamada Sally Jane Black de que o público boicotassem o filme nos cinemas, pois considerava um retrato ofensivo e transfóbico⁵¹.

⁵⁰ A cirurgias transgenitalizadoras são popularmente conhecidas como cirurgias de mudança de sexo. É importante perceber o erro conceitual em que se pauta o nome popular, uma vez que vincula o sexo e, por consequência, o gênero, à genitália.

⁵¹ A crítica está em sua resenha publicada no sítio *Letterboxd*, uma rede social voltada para o cinema. Em poucos dias ela se tornou o texto com o maior número de "curtidas" do sítio, mostrando o grande número de pessoas que concordaram com o conteúdo. Pode ser lida na íntegra no endereço <http://letterboxd.com/glazomaniac/film/the-danish-girl/>. Acesso em 10/04/2016.

Isabel: Agora.. Eu tinha visto uma mulher trans pedindo na internet o boicote do filme da Garota Dinamarquesa, né? Que as pessoas não fossem ao cinema, não pagassem o ingresso e não dessem dinheiro pro filme. Porque ela tinha achado a abordagem extremamente problemática, assim. Eu não assisti ainda, mas ela disse "Ah porque a esposa dela que parece que é um guia, como se a esposa fosse levando ela a ter uma percepção de si mesma". E que a esposa fica, é... tem atitudes transfóbicas, e fala "ah, eu quero meu marido de volta e não sei o que lá".

Thomas: Hmm, eu não vi por esse lado.

Leonardo: Eu assisti esses dias e conversei com uma menina, né? Que ela... ela tinha assistido esse filme. É uma amiga minha, né? Daí ela assistiu esse filme, aí ela falou... Aí eram 3h da manhã um dia lá e ela mandou uma mensagem "Poxa, vi A Garota Dinamarquesa e lembrei de ti, achei demais".

Isabel: Aham.

Leonardo: Então, assim, ela falou "eu me emocionei muito, eu fiquei muito ...".

Isabel: Aham.

Leonardo: Aí, assim, quando ela falou da abordagem, ela disse "eu quero que tu assista pra gente poder discutir mais sobre o filme, quero conversar contigo sobre ele". Aí foi por isso que eu assisti. Aí uma das coisas que ela falou que achou problemática, que dava a entender que ele passou por uma... por um conflito. Por que tem um esquema... Assim, ela falou que foi uma das coisas que incomodou ela, né, porque assim a... Ele vivia como um homem normal e tal e aí foi um negócio assim que a mulher dele precisava fazer uma pintura, precisava de um modelo, ela ficou sem modelo, né?

Isabel: Aham.

Leonardo: E aí desse... Daí que ela começou...

Isabel: Essa coisa da roupa, né? Que ela botou ali a roupa de bailarina, que eu vi no trailer, né, e parece que "ah, agora eu sou mulher".

Leonardo: Pra quem não tem uma visão da sexualidade...

Thomas: Parece um pouco tosco.

Isabel: Isso.

Leonardo: Por exemplo, alguns psicólogos que tem essa visão patologizante, eles vão olhar e dizer que ela tinha algum transtorno de personalidade, entendeu?

Isabel: Aham.

Leonardo: E tu pode dar a entender isso, eu achei que poderia dar a entender isso. Porque lá não parecia firme, parecia que era porque ela tinha a roupa.

Isabel: É. Foi isso que ela falou, que parecia que a personagem só vestiu a roupa e decidiu ser mulher.

Leonardo: Agora a história real não foi assim, entendeu? A gente sabe que não foi assim, mas enfim, eu não sei porque eles abordaram dessa forma e ficou

estranho. (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2015).

Com isso eles deixam claro que consideram problemática a abordagem de Tom Hooper, diretor do filme, que parece fetichizar o vestuário na experiência de Lili. Quando Gerda fica sem uma modelo para completar um quadro, insiste que Einar vista-se de bailarina. Ao fazê-lo, Eddie Redmayne interpreta um momento de grande emoção, como se agora o contato com o tule e o cetim tivesse funcionado como um gatilho para uma identidade adormecida. A roupa é utilizada, então, como uma ferramenta que praticamente induz a transgeneridade. Comentei sobre o fato de ser um homem interpretando a personagem.

Isabel: E a outra questão que eu li é sobre o ator, né, que é um homem cis.

Thomas: Ah, é, isso aí.

Leonardo: É, isso aí é porque a gente tem uma exigência muito grande, né, porque botar... Porque por exemplo *Boys Don't Cry*, tudo bem que a Hillary Swank atuou muito bem no filme, mas por exemplo, poderiam ter botado um homem trans.

Isabel: Sim. Tranquilamente.

Leonardo: Entendeu?

Isabel: Aham.

Leonardo: É porque ainda se coloca. Mas acho que é essa escassez, né? Mesmo no meio artístico não tem tanto ator. Poderia ter botado aquela lá que faz *Sense8*⁵².

Thomas: Nossa, ela é...

Leonardo: Ela é legal, né? Só que tinha que ter, assim, como ele tem... a personagem faz um antes e um depois, poderia ter um ator cisgênero pra fazer o antes, né?

Isabel: Aham.

Leonardo: Parecido com ela, não sei. Pra mim isso é o de menos, entendeu?

Isabel: Foi isso que fizeram no *Orange is the New Black*, porque ela tem o irmão gêmeo. Ficou incrível. Eu fiquei super confusa quando eu vi o *flashback* que mostrava o irmão. Eu fiquei "Meu deus, mas é muito parecido"⁵³.

⁵² Refere-se à atriz transgênero Jamie Clayton, uma das estrelas do seriado *Sense8*, produzido pelo serviço de *streaming* de vídeos *Netflix*.

⁵³ Referência à atriz transgênero Laverne Cox, que interpreta a personagem Sophia no seriado *Orange is the New Black* e que na vida real tem um irmão gêmeo, o compositor e músico M

Thomas: Era só arrumar um cara parecido.

Leonardo: Mas, tipo, tudo bem. Eu não tenho... Pra mim ele atuou super bem, entendeu? É a questão da representatividade. Quando a gente quer a representatividade, a gente quer ocupar os espaços.

Isabel: Pelo menos o personagem, né.

Leonardo: É, então filmes que vão abordar nossa temática, por que não botar atores ou no caso uma atriz que é trans? Por que botar um ator cisgênero, entendeu?

Isabel: É.

Leonardo: Porque nessa questão da representatividade... por que, assim, como é que a gente vai ter representatividade se a gente só vai ser livre assim como as pessoas cis, entendeu?

Isabel: Pessoas cis com maquiagem e figurino.

Leonardo: Às vezes as pessoas cis tem boa vontade. Tem boa vontade de aprender e tal. Mas, tipo, como ela não passa por aquela situação, ela não tem... ela nunca vai saber! Ela nunca vai saber o que é ser trans. Uma pessoa branca, por exemplo, ela pode saber o que é racismo, assim, no conceito, mas ela nunca vai sentir o que que o racismo. Na pele a gente entende, entendeu, nas mais variadas formas que tem de racismo. Ela nunca vai saber o que é e mesmo uma pessoa cisgênero nunca vai saber.

Isabel: Aham. É. Eu acho que no final das contas... é... não é nem que não tenha atores e atrizes trans no mercado. Eu acho que existe realmente é pouco espaço e pouca abertura pra elas e eles conseguirem esses papéis, né. Então... Aí ficam dando ali pro ator cis, pra atriz cis interpretar e aí fica difícil, restringe.

Leonardo: Pois é.

Thomas: A verdade é que pra abrir espaço pra minorias, alguém que representa a minoria tem que ser muito foda. Tem que ser um ator... nossa! Foda. Tem que ser um matemático foda, tem que ser um físico foda. Tem que ser alguém, muito... Alguém que chame muita a atenção.

Leonardo: Se você for mediano, mas assim, for cisgênero, ainda consegue alguma coisa. Mas se você for trans, você...

Thomas: Tu já tem que se superar em algum campo, sabe, pra compensar que tu é trans, né? (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2015).

Assim os dois chamam atenção para a necessidade de representatividade e de ocupação dos espaços midiáticos, que se torna difícil, uma vez que as pessoas transgênero precisam ter um desempenho melhor que as pessoas cisgênero em suas atividades para que chamem atenção. Leonardo em outro

Lamar. A trama da série inclui cenas em que Sophia aparece antes de se identificar como transgênero e o irmão da atriz fez uma breve aparição interpretando esse papel.

momento diz: “Eles podem não curtir, não gostar de você, mas se você for bom e tal eles acabam ‘vamos engolir’, entendeu?” (LEONARDO, 24/01/2015), referindo-se ao fato de que quando se tornam bons em algo, pessoas transgênero tornam-se necessárias para os outros e por isso acabam sendo melhor aceitas. Um ponto que ambos gostaram no filme foi mostrar o ponto de vista de Gerda, esposa de Lili.

Thomas: O filme foi visto a partir da visão da mulher dele. Porque a gente vê a problemática da pessoa trans, mas e a pessoa cis, que também vai mudar de gênero quando o parceiro mudar de gênero?

Leonardo: Mudar de gênero não.

Isabel: De orientação, porque ela se considerava hétero passa a ser lésbica.

Thomas: O que ela passou com ele, se ela deu a ideia, né? Ela teve que tipo dar asas pra ele se vestir de mulher e tal. Estimulou. Teve que aceitar porque ela era a única amiga que ele tinha. E tipo, eu passo por algo bem parecido, sabe? Nunca me dei a liberdade de me entregar pra amizades por causa daquela questão que meu pai e minha mãe são meus amigos e mais ninguém é meu amigo. E tipo, as únicas pessoas que conseguiam penetrar na questão sentimental era quem tava se relacionando comigo na época. Agora a minha namorada, ela começou assim, ela falou “ah, eu quero te vestir de homem, vamo lá comprar uma roupa”. E vesti e eu olhei no espelho e, tipo, “é assim que eu quero me vestir”. Mas não foi naquela hora que eu decidi ser homem. No fundo eu já tinha essa vontade, só não tinha coragem. Faltava um apoio. Então o parceiro é muito importante nessa parte do apoio e ela foi o único apoio que o cara teve. (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2015).

Thomas e Leonardo, com isso, novamente demonstram preocupação para com os entes queridos de pessoas transgênero, que passam por um período que pode ser entendido como de adaptação. Além disso, para Thomas, espelha sua própria trajetória pessoal, uma vez que foi o incentivo da namorada para usar roupas masculinas que o levou a assumir sua identidade de gênero.

Em se tratando de programas de televisão, Thomas relata que gosta do seriado *Transparent* (Soloway, 2014), que tem recebido críticas positivas ao abordar, de maneira delicada e bonita, a relação de três irmãos com uma mulher que assumiu tardiamente sua identidade transgênero e os criou como pai. Com apenas duas temporadas até agora, ele já ganhou dois prêmios Globo de Ouro e cinco Emmys. Para Thomas e Leonardo o diferencial da série é a idade avançada da protagonista, mostrando que há outras formas de viver e descobrir

a própria transgeneridade.

Thomas: É um cara que depois de velho, né, com os filhos criados, resolve se assumir.

Leonardo: É interessante, né, porque tem pessoas trans também que...

Thomas: É porque tem o tempo, né, porque todo mundo já coloca que todo trans tem que se conhecer criança, né?

Isabel: Desde cedo.

Leonardo: É, até isso.

Thomas: Foi uma questão... Foi uma questão que minha mãe colocou, tipo, se tu fosse trans tu saberia desde que tu nasceu, desde pequeno. Não existe isso. Cada pessoa é uma pessoa...

Leonardo: E às vezes a pessoa não teve...

Isabel: É, é a jornada pessoal, né, mesmo.

Thomas: Nem todo mundo se permite um auto-conhecimento desde cedo. (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2015).

Já *Orange is the New Black* (Kohan, 2013) foi igualmente elogiada pelo retrato de uma das personagens principais, Sophia, uma mulher transgênero interpretada pela atriz Laverne Cox. A série é produzida pela Netflix⁵⁴, que também produz *Sense8* (Wachowski; Wachowski, 2015), série de ficção científica em que uma das protagonistas é Nomi, uma *hacker* de computador interpretada pela atriz Jamie Clayton. Marcella afirma que “eu assisti *Sense8*, tem uma trans interpretada por uma trans, achei muito legal” (MARCELLA, 10/11/2015), reforçando a importância da escolha de quem vai atuar e também de se ver representada no programa. Com isso, a Netflix possui duas produções que são co-protagonizadas por mulheres transgênero interpretadas por atrizes também transgênero, o que é um verdadeiro marco televisivo.

Além disso, há o programa de competição *RuPaul Drag’s Race*, criado e apresentado pela *drag queen* RuPaul, em que as *drags* participam de provas de talento e as com pior desempenho são eliminadas semana a semana. O *reality show* é responsável pela popularização de diversos termos êmicos da cena *drag*

⁵⁴ A Netflix é um serviço de *streaming*, ou seja, um serviço que disponibiliza conteúdo em vídeo, entre filmes e séries produzidos por ela ou por terceiros, via *internet*. O assinante tem acesso a um catálogo, escolhe qual título assistir, e ele será reproduzido *on demand*, ou seja, na mesma hora, no dispositivo da escolha do usuário (televisão, computador, *tablete*, celular, etc).

que eram mostrados no documentário *Paris is Burning* (Livingstone, 1990).

Por fim, Rebeca ainda me indicou uma minissérie britânica em seis capítulos que não tive oportunidade de assistir, chamada *Hit & Miss* (Abbott, 2012). A protagonista é Chloë Sevigny, que interpreta uma mulher transgênero que é assassina de aluguel e trabalha para um chefe da máfia. Ela descobre que tem um filho de onze anos durante o desenvolvimento da trama e, nas palavras de Rebeca, é “Muito bacana, uma série sensacional, adorei, me emocionei muito e mostra muito mesmo o nosso drama” (16/11/2015).

Para Teresa de Lauretis, para que o espectador possa olhar o produto do cinema (e, acrescento, da televisão), é necessário que primeiramente haja o olhar da câmera sobre os atores e cenários e locações. Embora o cinema clássico negue o olhar da câmera, ele permanece lá, marcando a autoralidade⁵⁵ do diretor (LAURETIS, 1987, p.98). Em se tratando de narrativas *queer* e de sua representatividade, é importante perceber como esse controle constrói o que o olhar do espectador vai apreciar sobre a temática. Para Rosana Kamita, as discussões que o cinema estabelece e a relação entre ele e o próprio gênero se encaminham para a criação de novos sentidos e questionamentos a respeito de masculinidades e feminilidades (KAMITA, 2007, p.78).

2.4 Vestuário: externalização performativa da identidade

A roupa tem um papel importante na representação de identidade, não só de gênero, mas de grupo, de classe social, entre outras. A vestimenta, assim, estabelece categorias de sujeitos (SANTOS, 1997, p. 147), uma vez que é

⁵⁵ A ideia de autoralidade está vinculada à crítica. “Entre 1954 e 1964, os *Cahiers du cinema*, por exemplo, tentaram estabelecer e defender uma ‘política dos autores’. Essa ‘política dos autores’ designava-se a um duplo objetivo: revelar alguns cineastas (a maioria americanos), considerados pelo conjunto da crítica diretores de segundo plano, e fazer com que se os reconhecesse como artistas completos e não operários sem qualificação, técnicos sem inventividade pagos pela indústria hollywoodiana. [...] A noção implica que o autor tenha um caráter, uma personalidade, uma vida real e uma psicologia e até uma ‘visão de mundo’ que centrem sua função sobre sua própria pessoa e soa sua ‘vontade de expressão pessoal’” (AUMONT et al, 1999: 110). Dessa forma, o profissional seria tão autor do trabalho de sua responsabilidade quanto um escritor de seu livro, coordenando as atividades dos demais trabalhadores sob seu cuidado, para a criação de uma obra com sua visão artística.

facilmente lida e codificada com signos que as estabelecem e limitam. Nesse sentido, pode ser considerada mais uma tecnologia de gênero, como prática cotidiana (LAURETIS, 1987, p.2), produzindo e desconstruindo o próprio gênero.

Se o corpo e a forma como o utilizamos é parte essencial da performatividade de gênero, as roupas que nos cobrem costumam auxiliá-la de maneira marcante⁵⁶.

[...] as vestimentas teriam um valor protetor (instrumental) tão relevante quanto sua forma (valor expressivo), sendo que 'é por meio dos trajes e acessórios que os acompanham que se estabelece o primeiro estágio de reconhecimento social'" (VENCATO, 2005, p.235).

Thomas se expressa, nesse sentido, afirmando que “a gente precisa da roupa pra dizer quem a gente é sem palavras, sem precisar de palavras”, ou seja, que o vestuário exprime uma mensagem fácil e direta a respeito da identidade de gênero, uma vez que é filtrado pelo conhecimento pré-existente das pessoas de um determinado local sobre os códigos vigentes. Para ele, o reforço do já existente pode ter efeitos negativos:

Mas aí eu tava pensando se a gente não reforça esses estereótipos, porque, tipo, ah, eu era uma mulher magra, quero ser um homem trans bombado. Então vou seguir o estereótipo de que homem tem que ser fortinho. O homem não pode ser magro? Ter o cabelo grande? A gente acaba reforçando alguns estereótipos, por necessidade, até (LEONARDO, 24/01/2015).

Muito se falou em termos de vestimentas enquanto códigos, com valores e significados específicos a serem compreendidos no contexto sociocultural. Desse modo, poderiam ser entendidas como uma forma de comunicar algo sobre a pessoa que as utiliza. É o que escreve Umberto Eco:

É claro que a roupa serve principalmente para nos cobrirmos com ela. Mas basta fazer uma autoanálise honesta, mesmo breve, para verificarmos que, no nosso vestuário, o que serve realmente para cobrir (para proteger do calor ou do frio e para a ocultar a nudez que a opinião pública considera vergonhosa) não supera os cinquenta por cento do conjunto. [...] O vestuário é

⁵⁶ Vide o caso recente da cartunista Laerte, que, começando como *crossdresser*, aderiu integralmente ao vestuário tido como feminino, passou a atender também pelo nome Sônia, para depois abandoná-lo, voltar a se chamar Laerte, mas reivindicar sua identidade de mulher transgênero.

comunicação (ECO, 1989, p.7).

Por outro lado, é preciso entender que essa comunicação não se estabelece como uma linguagem, uma vez que esta traz termos precisos que podem ser compreendidos certamente dentro do contexto empregado, o que não acontece com o vestuário.

[...] os códigos do vestuário existem, embora muitas vezes sejam fracos. Mas fracos quer dizer que mudam com uma certa rapidez, pelo que é difícil estender até eles os respectivos “dicionários” e o código é frequentemente reconstruído no momento, na situação dada, sendo inferido a partir das próprias mensagens (ECO, 1989, p.18).

Por isso, embora tenha um conjunto de significados que podem ser lidos, o vestuário não pode ser entendido como uma linguagem propriamente dita, já que a forma como seus signos são interpretados são constantemente alterados. De acordo com Daniel Miller, o problema de interpretar a roupa como uma mera linguagem é que isso a coloca como refém dos humanos:

O problema da semiótica é que ela faz das roupas meros servos, cuja tarefa é representar o imperador – o sujeito humano. As roupas obedecem às nossas ordens e nos representam no mundo exterior. Em si mesmas, são criaturas sem valor, superficiais, de pouca consequência, simples trechos inanimados (MILLER, 2013, p.22).

O autor explica que o fato de a cultura ocidental entender a roupa como uma expressão externa, oposta a um verdadeiro eu interno, faz com que tenhamos a percepção de que pessoas que se preocupam com a aparência são superficiais. Citando seu trabalho de campo em Trinidad, afirma que a população local está longe de ter a mesma ideia: para eles a verdade da subjetividade do sujeito está na superfície e é aquilo que pode ser facilmente apreendido, uma vez que é no interior que escondemos tudo aquilo que não queremos que os outros saibam. Por isso, os trinitários têm grande preocupação com suas roupas, não as repetem em ocasiões especiais e as desfilam orgulhosamente na rua. O que importa não é que uma tendência seja seguida ou o que é vestido, mas o “estilo”, ou como é vestido (MILLER, 2013).

Mas se para os trinitários a roupa seria uma expressão de nosso exterior e não de um interior, essa percepção passa longe do entendimento que encontramos em nossa própria sociedade. Sara, ao ser perguntada sobre sentimentos que nutre em relação à roupa, fala de um eu interior que pode se expressar quando está montada:

Meu sentimento [a respeito de suas roupas] é uma mistura de harmonia e encantamento. As roupas tornam o meu Eu interior mais harmônico com o meu Eu exterior e fico absolutamente encantada com a beleza do mundo que fica a minha volta quando estou montada (SARA, 04/04/2015).

Essa harmonia, segundo sua fala, faz parte desse sentido de externar quem se é de verdade, expressado por Miller (2013). Mas a prática do *crossdressing* não é uma constante. De acordo com ela, ao longo do tempo teve várias *urges* e *purges*⁵⁷ e já chegou a ter o guarda-roupa composto por 70% de roupas femininas. No momento de nossas primeiras conversas, estava saindo de uma *purge* e, portanto, com o repertório de trajes entendidos como femininos reduzido. Relatou que suas *purges* são leves, mas que ainda assim doa uma boa parte de suas coisas, ficando só com as que tem algum tipo de ligação. Segundo ela, as *urges* podem ser bem longas, mas as *purges* duram cerca de dois a três meses. Muitas vezes envolve zerar os contatos em seu celular e se afastar das redes sociais. A ligação com suas roupas é facilmente percebida em sua fala, na sequência da mesma pergunta:

A minha ligação [com a moda] é enorme pois a minha realização feminina é exatamente através do uso do meu vestuário. Sigo um verdadeiro ritual quando me monto. Nesse ritual esta incluída a depilação (que, no meu caso precisa ser frequente), a *make* e por fim o uso propriamente de vestidos, saias, shorts, blusas, calças, sapatos e os acessórios. O sentimento principal que tenho por algumas é de apego completo por representarem datas, eventos e acontecimentos que marcaram minha vida. O detalhe é que algumas não cabem mais em mim... aí ficam apenas guardadas mesmo (SARA, 02/04/2015).

Como muitas pessoas, Sara toma objetos como símbolos de momentos importantes. Nesse caso, as próprias roupas ocupam esse papel, mesmo que não sirvam mais. Esses momentos também podem estar ligados a datas

⁵⁷ Urge é o período de intensificação do processo de montagem e purge é o período de negação. (VENCATO, 2013, p.23).

especiais. Em uma conversa, Sara se referiu ao desejo de usar um vestido em sua formatura, que se aproximava. Mas como nem todos sabem sobre sua prática do *crossdressing*, decidiu tirar fotos com o vestido somente depois da cerimônia, à guisa de satisfação de sua vontade.

Sara: Imagina meu vestido. Eu vi naquela loja do Vieiralves⁵⁸, azul claro de cetim com detalhes no busto e costas de rendinha e tule.

Isabel: Como tu faz com as vendedoras? Elas sabem que é pra ti? Ah, sei como é. O tule é daqueles cor de pele, né?

Sara: Isso msm, cor de pele. Sim...elas sabiam, Tiraram medidas e tudo. Disseram pra eu caprichar na malhação, pra fazer cinturinha.

Isabel: Aaah que queridas hahahaha

Sara: Foi semana passada. Passei o fim de semana sonhando com ele.

Isabel: Imagino! O meu de formatura era feinho, preto, curto, de alcinha, meio balonê. Mas não teve festa, era só pra usar debaixo da beca e depois na casa da minha vó onde minha família comemorou. Poxa, mas se tás sonhando assim com ele, acho que tinha que se jogar. ahaha

Sara: kkkkk. Não quero forçar. Vou fazer fotos depois de formada para guardar (16/09/2015).

É fácil notar como o rito de passagem que marca a formatura aparece quase que materializado na ideia do vestido que o representa. São as amarras sociais que impedem Sara de expressar seu desejo. Mas o processo de montaria não consiste somente das peças de vestuário: os acessórios, a maquiagem e mesmo intervenções cosméticas no corpo ajudam a construir a imagem desejada. Mesmo assim, afirma que o vestuário atende apenas a necessidade de uma expressão visual para ela e outras pessoas, porque sua identidade de gênero “gera muitas expectativas e a maior parte não é visual”:

[as roupas] ajudam essencialmente a manter minha identidade. Elas complementam minha feminilidade, não criam nada. São essenciais para que eu consiga me ver como realmente sou, mas não são indispensáveis. Eu considero que meu gênero está mais ligado à minha psique (SARA, 04/04/2015).

Ou seja, que o vestuário é usado como um signo, um instrumento de manutenção da sua identidade de gênero, que externa o verdadeiro Eu de Sara (destacado pelo termo “essencialmente”), mas não cria nada que já não esteja

⁵⁸ Bairro da cidade de Manaus.

lá. As roupas são utilizadas como uma ferramenta que auxilia a expressão de sua feminilidade, mas não são o que a tornam mulher e nem são parte determinante de sua identidade. A fala de Sara é similar à de Rebeca:

Sobre a minha relação com roupa, ela vai muito além do objeto de cobrir a nudez, eu vejo a roupa como moda e estilo. A roupa acaba sendo a expressão da identidade de certa forma. "O habito não faz o monge"? Não sei, mas falando de mim, Isabel, é assim. Eu acho que eu tenho uma relação muito íntima com a roupa feminina. Então pra mim a roupa feminina é a minha expressão de que eu sou uma mulher, logo quero me sentir feminina. Então ela é importante, essa é a relação que eu tenho. Eu não busco moda, etiquetas, assim. Eu gosto de andar elegante, entendeu? De uma maneira, pode ser básica, pode ser um pouco mais, sabe? Um pouco mais chamativa, sensual, tal, mas eu não busco muito, muitas, como eu posso dizer... Acho que médio, assim, no meu caso. Eu tenho, eu preciso de roupas femininas, porque eu sou mulher, eu tenho necessidade de me vestir bem gosto de me sentir confortável, de me vestir bem feminina. Essa que é a relação que eu tenho, mas eu acredito que ela faz... Pra uma mulher trans, acredito que ela desempenhe um grande papel. Acho que pra mim, falando de mim, ela desempenha um grande papel na expressão da minha identidade como mulher, né. Mas eu... Isso... Essa roupa pode desempenhar um papel desde básico, tá de shortinho, camisetinha e chinelo, até mais, estendeu (REBECA, 10/11/2015).

Rebeca novamente reafirma a expressão de sua identidade enquanto mulher através das roupas, sendo específica ao citar que isso independe do estilo utilizado. Por isso também é possível afirmar que, de certa forma, a generificação do vestuário também auxilia a passabilidade. Para Thomas, a "roupa ajuda a confundir". Leonardo vai além:

Quando eu me visto, né, assim, as pessoas elas pensam... Elas não pensam que eu sou uma menina, andando assim no dia à dia, assim. Tanto que eu tô aqui no shopping e por enquanto não tem ninguém olhando, né. Se eu me levantar e for comprar alguma coisa, não vai ficar ninguém olhando. As pessoas pensam assim "ah, é um rapaz", no máximo pensam que eu sou bem mais novo. Aí pela voz elas ficam na dúvida, mas no máximo acontece de achar que é gay. Se eu não tiver que mostrar a identidade, então... Então assim, pela questão da roupa, entendeu? Por exemplo, como eu me visto, ela não deixa duvida de que eu sou homem. Eu não uso mais roupa feminina. [...] Pois é, corte de cabelo, às vezes a roupa, entendeu? E tu acaba adquirindo essa passabilidade. Que pra gente é até mais fácil de conseguir que pras meninas. Porque assim, as mulheres já tão acostumadas com homens que tem traços mais delicados. Mas os homens, com traços masculinos é um pouco mais complicado. Então elas não tem a passabilidade. Às vezes até demoram pra adquirir essa passabilidade que a gente já tem. Então quando a gente vai comprar roupa, no dia a dia é mais fácil, é mais aceitável, é mais tranquilo. É bem de boa, assim. Banheiro, eu até entro no banheiro masculino, eu não entro é no mictório, né. Mas tipo nenhum homem fica olhando e nem fica assim tipo "será que é...". Não, eu entro no banheiro masculino (LEONARDO, 24/01/2015).

Sua fala reforça a ideia de que o vestuário, aliado a outros elementos, como o corte de cabelo, seria facilmente interpretado pelos demais, ajudando no entendimento a respeito de si. Mas enquanto Leonardo busca essa compreensão, uma das maiores preocupações de Sara é “chamar atenção de quem não deveria”. Nesse sentido, pelo fato de ter ingerido hormônios femininos, visando arredondar as formas, acreditou estar “perdendo muitas características masculinas” e, por isso, pessoas, até mesmo em seu local de trabalho, poderiam perceber a prática, o que motivou a *purge*. Essa preocupação se estende para a vida familiar, uma vez que mora com membros de sua família que não sabem de suas práticas. Mesmo assim, a prática segue e quando mencionei a negação de identidade de gênero que muitas mulheres transgênero, crossdressers e travestis passam, ela refletiu:

A busca pelo visual feminino é intensa e causa muita dor. Exatamente porque a sociedade, desde sua própria família, nega essa feminilidade. A roupa é a primeira busca... mas não é a única. Porque a pessoa passa a pensar em sua feminilidade como uma doença. Como um cancro. E passa a culpar os outros por todas as mazelas da vida. E busca a solução para o sentimento de rejeição criando uma barreira enorme com o próprio núcleo social em que vive (SARA, 29/12/2014).

Sara confirma que a busca pela aparência feminina, seja através da roupa ou de outras intervenções, é uma primeira preocupação ao externar a identidade de gênero. Perguntei como foi a experiência de infância em relação ao ideário de ser entendido como menino e querer roupas de menina. O seu relato de como começou a experimentar as roupas femininas foi dessa maneira:

Que eu me lembre a primeira vez que usei as roupas da minha irmã eu tinha uns 8 anos de idade. Eu achava o máximo porque as roupas dela sempre ficaram bem em mim... Como eu te falei nossa diferença de idade é pequena. Mas eu só usava as roupas dela até os 14.... Depois passei a usar apenas roupas de menino. Até os 18, quando conheci meu primeiro namorado. Ele morava sozinho e passei a ir para a casa dele todos os dias. Ele me dava roupas de presente... e eu amava o gosto dele. Ele descobriu que amava minissaias e passou a comprar muitas. No guarda-roupas dele dividíamos espaço para nossas roupas. Eu era magra e era fácil escolher roupas para mim. Ele ficava prestando atenção nas roupas que eu ficava olhando quando passávamos em frente alguma loja. Aí alguns dias depois ele comprava aquela roupa para mim.... Quando eu ia sozinha nas lojas, ficava com um pouco mais de coragem e pedia para experimentar, algumas vendedoras não ligavam, mas outras não permitiam e eu ficava frustrada e nunca mais ia naquela loja (SARA, 31/03/2015).

Foi a relação com esse namorado do passado que fez com que Sara se sentisse à vontade para se montar com mais frequência. Embora escondendo de seus familiares e entre *urges* e *purges*, afirma que usou somente roupas femininas em duas épocas de sua vida e que estava muito feliz nesses momentos. Hoje em dia, por motivos profissionais, precisa manter uma “vida social masculina”, segundo ela, e as saídas em público montada são muito restritas. Considera que as roupas masculinas a ajudam a ser aceita nos lugares frequentados por pessoas que já a conhecem quando desmontada.

Recentemente, Sara relatou que não se sente mais tão confortável frequentando lojas, pois fica um longo tempo olhando e pegando roupas e bijuterias, imagina-se vestindo, mas ao pensar em experimentar, percebe que a atendente estranharia. Por isso só experimenta quando é uma loja em que já comprou antes. Trata-se de uma mudança em relação às nossas conversas iniciais. Comentei que mesmo essas lojas em que ela já experimentou tiveram que ser frequentadas por uma primeira vez. Concordou, mas disse que “ultimamente tenho ficado bem arredia, diferente de como era antes. Antes eu não me importava muito e se tivesse de experimentar, eu perguntava se podia. Hoje penso muitas vezes antes de pedir”, reforçando que não se sente mais à vontade nesses ambientes. Perguntei se era pela presença das vendedoras que ficava desconfortável. Respondeu que algumas já foram grosseiras, mas entende que isso acontece por recomendação de superiores e que o que incomoda agora é a exposição.

Como já relatado, Lucas também passou por desentendimentos com a família e chegou a sair de casa. Quando voltou, já como Isadora, a mãe passou a ajudá-la a se montar:

No meu guarda roupa, ou melhor, na minha pequena cômoda de madeira, onde ficava minhas roupas, já não havia mais nenhum rastro de roupas de rapaz. Tudo era da Isadora, um nome que eu me identificava. Vestidos, bolsas, tudo que possa imaginar, até minha mãe que era contra passou a escolher minhas roupas. Começou a comprar roupa para mim, me transformar numa filha, com um estilo bacana, que ninguém me julgasse pelo que sou: vestidos longos, saias, calças, eu aceitava os conselhos dela. Pois ela sempre dizia que o travesti é como uma mulher, se não se der valor homem nenhum quer (LUCAS, 16/01/2015).

Havia uma preocupação por parte da mãe de Isadora de vesti-la de forma a ser melhor assimilada pela sociedade. Para isso, fazia-se uso do *estilo* citado por Miller (2013), que nesse caso, deveria se enquadrar em padrões tradicionais de feminilidade, tanto no que diz respeito ao trajar quanto ao agir.

Embora muitas peças de roupas tenham se tornado unissex⁵⁹, tal fato ocorreu mais facilmente com roupas tidas como masculinas usadas por mulheres do que o oposto. A marcação de gênero em relação às roupas ainda é forte. Além disso, mesmo que muitas peças tenham se tornado de uso comum no guarda-roupa de diversos gêneros, ainda assim há marcadores específicos que sinalizam sua adequação na sociedade. Em *Sapos e Princesas*, sua etnografia a respeito das praticantes de *crossdressing*, Anna Paula Vencato questiona a fala de suas interlocutoras, que afirmam que mulheres praticando *crossdressing* e mesmo *drag kings* não são interessantes, já que as mulheres podem usar roupas masculinas sem que haja nenhum tipo de estigma.

É interessante pensar que ao dizer que *uma mulher pode usar calças e ninguém fala nada* não se preste atenção ao fato de que não é qualquer *boné, calça e tênis* que podem, de fato, ser usados por mulheres, assim como não é possível para qualquer mulher, com qualquer corporalidade ou performance de gênero, fazer uso de roupas e acessórios femininos e ser socialmente aceita (VENCATO, 2013, p.168).

A autora estabelece que mesmo que haja uma maior aceitação desse trânsito de signos quando feito por mulheres cisgênero⁶⁰, ainda assim existem certos códigos de vestimenta e de conduta que marcam essa aceitação. Quando perguntei para Carla a respeito do desejo que afirmava ter quando criança de poder alternar a sua identidade de gênero entre masculina e feminina e como seus pais reagiam, respondeu de forma a demonstrar o papel de marcação do

⁵⁹ No mês de março de 2016 a rede de lojas C&A lançou uma coleção de roupas largamente propagandeada por ser unissex. O vídeo promocional exhibe modelos nus correndo em direção às peças. Uma moça veste uma cueca, várias pessoas vestem calças jeans e um rapaz exibe um vestido estampado. Apesar disso, na loja virtual da marca as peças seguem divididas entre femininas e masculinas. (SOUSA, Felipe. Para ele e para ela! C&A lança sua primeira linha de moda “sem gênero”. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/para-ele-e-para-ela-ca-lanca-sua-primeira-linha-de-moda-sem-genero/>>. Acesso em: 16 de março de 2016.

⁶⁰ Em seu texto a questão da cisgeneridade não se apresenta, sendo essa um acréscimo meu, em virtude das discussões da pesquisa.

gênero que as roupas, aliadas ao discurso, possuem:

Meu pai nunca ligou muito sobre minha identidade ou a forma que me vestia. Minha mãe por outro lado, sempre foi bem ativa nisso. Ela sempre comprava roupas tradicionalmente femininas, saias, coisas rosas, por mais que eu nunca tenha gostado desse tipo de roupa. Ela também sempre me tratava por apelidos como "menininha", "garotinha", "florzinha". Não lembro de em algum momento da minha vida ter me sentido bem com esses apelidos e lá pelos meus 13/14 anos ela parou porque percebeu que eu não gostava desse tratamento. Meu pai mora longe então ele não sabe de nada, mas suspeita (da minha sexualidade, não do meu gênero). Deixei meu não binarismo bem claro para minha mãe quando tinha 17 anos, mas ela nunca entendeu direito e acha que quero ""ser homem"". [...]Até ano passado eu tinha um estilo mais "masculino". Cabelo beeem curto, camisa social e sutiã esportivo para diminuir o tamanho dos seios. Esse ano estou mais "feminina" mas continuo usando as roupas de antes vez ou outra (CARLA, 09/04/2015).

Ao ser perguntada se considerava neutras as roupas que são entendidas como masculinas, já que dava preferência a elas, Carla respondeu:

Só consigo responder partindo de dois pontos de vista, já que gênero pode envolver muito o EU com a relação com os outros (por exemplo, a aceitação social da minha identidade de gênero). Bom, pessoalmente, num nível particular, considero qualquer roupa que uso neutra, mas sei que pra outras pessoas não é assim. As únicas vezes que sentia que para os outros a roupa era neutra era quando eu me vestia da forma mais andrógina possível, de resto, tanto as roupas essencialmente masculinas quanto as essencialmente femininas, eu sentia que eram vistas com forte marcação de gênero (CARLA, 09/04/2015).

Ou seja, é na mistura de elementos que ela alcança uma estética que consegue ser lida como neutra. Perguntei se essa forma de se apresentar como gênero não-binário tinha, então, mais a ver com a percepção dos demais do que da maneira como ela mesma vê suas roupas. Ela respondeu:

A minha percepção das roupas também é importante. É a partir da minha visão de que para mim todas as roupas podem ser neutras que tento mudar a sociedade ao meu redor e tento desmontar essa ideia fixa de que saia=mulher ou terno=homem. Para muitas pessoas a marcação de gênero nas roupas que elas usam é importante e tudo bem, mas como eu disse, isso não pode ser uma ideia fixa, a neutralidade das roupas também deve ser respeitada (CARLA, 09/04/2015).

Carla parte da desconstrução da ideia de roupas como marcadores de gênero. As peças seriam não só unissex como não-binárias, ou, melhor ainda, neutras. Para Leonardo, a roupa não tem gênero, mas ela expressa o gênero no

contexto da sociedade e isso pode ser negativo porque, segundo seu exemplo, uma menina que vista cueca ou roupas masculinas, porque gosta do estilo ou se sente mais confortável assim, vai ser lida como “lésbica masculina” ou homem transgênero. Pare ele, essa é uma leitura da sociedade, que acaba por nos informar que na prática a roupa tem gênero.

Essa realidade reflete-se facilmente na hora de comprar roupas, especialmente porque modelagens e tamanhos não são iguais para roupas masculinas e femininas. Thomas reclama que as calças masculinas são muito retas e por isso não vestem bem. Leonardo concorda e diz que elas marcam e deixam o quadril maior. Por isso, o primeiro compra calças femininas e o segundo dá preferência para bermudas e as utiliza com camisas masculinas para obter a aparência desejada. Sapatos masculinos, por sua vez, tem uma numeração que começa geralmente no número 38. Como Thomas usa 36, precisa comprar sapatos infantis ou maiores que seu pé. Rebeca tem o mesmo problema, mas porque calça 42 e raramente encontra sapatos femininos com essa numeração. Observou que em Manaus há uma loja com tamanhos maiores e com isso conseguiu encontrar alguns.

De todo modo, nem sempre a experiência de comprar em lojas é fácil. Leonardo só compra roupas pela internet, para facilitar o processo. Thomas afirma que vai a lojas de departamento junto com a namorada, que o ajuda a escolher as peças. Ele tem receio de estar sendo observado e não se sente seguro para ir só. Também usa o provador feminino, porque tem medo de sofrer transfobia nesse processo.

CAPÍTULO 3
O CORPO NASCE DA IDENTIDADE: REFLEXÕES
SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CORPO

3.1- Corpo natural: sujeito inexistente

Neste capítulo reflito a respeito da construção da corporalidade relacionada às vivências de minhas interlocutoras e interlocutores. Nossos corpos, mesmo que nos pareçam tão seguros dentro do conceito de individualidade do mundo ocidental, são questionáveis, já que a interpretação do que é corpo e Eu (indivíduo) pode variar conforme as referências culturais. Além disso, devem ser entendidos para além de seus aspectos biológicos. Conforme Sônia Maluf:

Um sentido comum às várias abordagens antropológicas sobre o corpo — por diferentes e às vezes antagônicas que possam ser — é o de pensar o corpo como uma construção social e cultural, e não como um dado natural. A antropologia busca desnaturalizar o que é visto como dado pela natureza — seja isso uma regra de comportamento e de classificação social (a proibição do incesto por exemplo), seja a própria noção de corpo — e mostrar as dimensões sociais e simbólicas desses fenômenos (MALUF, 2001, p.87).

O corpo também está diretamente conectado a aspectos diversos da subjetividade e da identidade e ocupa local privilegiado nas relações e representações, como desdobramento da própria reflexividade dos sujeitos. Sobre ele, Miriam Adelman e Lennita Ruggi escrevem que inclui a: “possibilidade de moldar o corpo, o construindo e reconstruindo dentro dos processos de formação do eu e da identidade- ou seja, como arena de atividade criativa de práticas e significações” (ADELMAN; RUGGI, 2007, p 280).

Os sujeitos pós-modernos são múltiplos e são um reflexo de sua própria multiplicidade. É possível perceber isso na diversidade de experiências das interlocutoras e interlocutores desse trabalho. Além disso, os corpos também fazem parte de relações de poder, que tratam de disciplina-los e controla-los, como pode ser percebido nos escritos de Judith Butler (2000, 2003, 2004) e Foucault (1999). Tratam-se de construções hierárquicas e discursivas que ajudam a criar regulações, regras e hierarquias. Portanto, o corpo, como resultado da subjetividade, é um processo em constante devir, assim como ela. Segundo Anthony Giddens:

Como o eu, o corpo não pode mais ser tomado como uma entidade fisiológica fixa, mas está profundamente envolvido na reflexividade da modernidade. O corpo era tido como um aspecto da natureza, governado de maneira fundamental por processos apenas marginalmente sujeitos à intervenção do homem. O corpo era 'dado', o assento muitas vezes inconveniente e inadequado do eu. Com a crescente invasão do corpo pelos sistemas abstratos isso é alterado. O corpo, como o eu, torna-se o lugar da interação, apropriação e reapropriação, ligando processos reflexivamente organizados a conhecimento especializado sistematicamente ordenado (GIDDENS, 2002, p.200-201).

O gênero, conforme já explicado, pode ser entendido como uma performatividade (BUTLER, 2004, p.30). Sonia Maluf ainda afirma que a experiência transgênero nos coloca frente a artificialidade das diferenças de gênero, que são fabricadas em termos sociais, culturais e políticos (MALUF, 2002, p.148).

A experiência transgênero, apesar de não ser um fenômeno recente, tem adquirido visibilidade e tem provocado um questionamento de alguns paradigmas teóricos sobre a construção do sujeito e da subjetividade contemporâneos, assim como tem proporcionado novos elementos para a abordagem antropológica do corpo e da corporalidade" (MALUF, 2001, p.95).

As pessoas transgênero performam as diferenças de gênero de forma que o que tínhamos como dado, agora passa a ser visto como construído. Uma interpretação mais recente sobre gênero, engloba a própria definição de corpos "femininos" e "masculinos" como também socialmente construídos (NICHOLSON, 2000, p.9). Dessa forma, o próprio sexo passa a ser visto como gênero. Joan Scott deixa bem claro ao definir que:

[...] gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas ou naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais [...]. Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos (SCOTT, 1988 apud NICHOLSON, 2000, p.10).

Portanto, mesmo que determinado atributos físicos possam ser considerados como biologicamente masculinos ou femininos, essa atribuição se dá por meio de critérios que são, por sua vez, histórica, cultural e socialmente construídos. O mesmo pode ser dito da divisão binário dos sexos, uma vez que obriga pessoas com corpos biológicos em desacordo com os padrões estabelecidos a buscarem adequação⁶¹.

De acordo com Mauss (2011, p.407): “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo”. É o corpo que usamos como ferramenta. É o corpo que aprendemos a usar de acordo com técnicas precisas e próprias para cada ação. É o corpo que construímos e moldamos de acordo com a época e o local que em vivemos, adequando-o às expectativas e aos padrões vigentes.

Segundo Goldenberg (2011, p.545) os corpos são construídos através de imitação dos atributos que são valorizados dentro de uma sociedade, muitas vezes de forma inconsciente.

Pode-se pensar, neste sentido, que, além de “o corpo” ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é “o corpo” que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É “o corpo” que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e a exposição deste corpo da moda: “o corpo” (GOLDENBERG, 2011, p.548).

Mas vivemos em um momento em que diversos mecanismos estéticos e cirúrgicos podem ser acessados para que adequemos os corpos aos padrões de beleza vigentes na sociedade (SVENDSEN, 2010, p.91). Para Lars Svendsen, o corpo “natural” pode ser questionado, uma vez que adorná-lo, vesti-lo e moldá-lo são processos presentes nos mais diversos contextos.

[...] não existe nada que possa ser chamado de corpo completamente “nu”, pois o corpo nu estará sempre “vestido” em razão de suas definições sociais. E quanto mais significado é atribuído ao vestuário, mais significado terá sua ausência visível

⁶¹ A bióloga Anne Fausto-Sterling concedeu uma entrevista interessante sobre pessoas intersexuais e a variedade de características sexuais dos seres humanos. Disponível em: <<http://azmina.com.br/2016/05/nao-e-so-o-genero-que-e-socialmente-construido-o-sexo-biologico-tambem/>>. Acesso em: 04/05/2016.

(SVENDSEN, 2010, p.89).

Dessa maneira, é possível dizer que os corpos são moldados a partir de “imitação prestigiosa” (GOLDENBERG, 2011) e os espartilhos da moda feminina do passado, por exemplo, jamais foram eliminados, pois foram convertidos “em outros tipos de roupa de baixo e finalmente no corpo moderno bem exercitado (SVENDSEN, 2010, p. 93). O corpo é a matéria prima a ser moldada para a expressão de si.

Larissa Pelúcio (2005b, p.98) cita o caso das travestis, que podem passar por etapas que envolvem maquiagem, remoção de pelos, ingestão de hormônios, uso de vestuário feminino e injeção de silicone. A respeito das travestis, mas podendo se estender para diversas identidades transgênero, Tiago Duque afirma: “Entre as travestis, as possibilidades de construção do feminino têm trazido novas implicações identitárias e tornado os corpos ainda mais plásticos na construção e desconstrução do que se deseja para si” (DUQUE, 2012, p.175).

Ainda assim há as que optam por não fazer intervenções cirúrgicas. De acordo com Marcos Benedetti (2004), parte importante da construção subjetiva da feminilidade é “conhecer as formas corretas de andar no salto alto, de mostrar movimentos leves e suaves, de olhar de determinada maneira, de mover o cabelo ou andar à moda travesti”, sendo que todos esses elementos podem ser considerados técnicas do corpo (MAUSS, 2011, p.401). Com essas reflexões podemos concluir que, entre técnicas corporais, cirurgias e outras intervenções, o corpo jamais é natural: é técnica, ciência e cultura trabalhando em conjunto.

3.2- Corpo-ciborgue e corpo-prostético

Se tomarmos que os corpos humanos adultos jamais são naturais e pensarmos na dicotomia entre natureza e cultura ou natural e artificial, podemos relacionar com as teorias de Donna Haraway a respeito da ciborguização. Para a autora, em seu *Manifesto Ciborgue*, a ciborguização do corpo, ou seja,

hibridização entre orgânico e inorgânico, é uma realidade, já que, através de ferramentas farmacológicas e mesmo prostéticas, rompemos a barreira dos nossos corpos levando-os para além do limite da pele.

A cultura high-tech contesta – de forma intrigante – esses dualismos. Não está claro quem faz e quem é feito na relação entre o humano e a máquina. Não está claro o que é mente e o que é corpo em máquinas que funcionam de acordo com práticas de codificação. Na medida em que nos conhecemos tanto no discurso formal (por exemplo, na biologia) quanto na prática cotidiana (por exemplo, na economia doméstica do circuito integrado), descobrimo-nos como sendo ciborgues, híbridos, mosaicos, quimeras. Os organismos biológicos tornaram-se sistemas bióticos – dispositivos de comunicação como qualquer outro. Não existe, em nosso conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico (HARAWAY, 2000, p.91).

Com a ciborguização é impossível distinguir o que é corpo e o que é máquina e, desta forma, essa dicotomia é contestada (HARAWAY, 2000). Em sua definição “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2000, P.36). Essas teorias dialogam diretamente com a noção de contrassexualidade de Paul Preciado, que seria estudo das transformações tecnológicas dos corpos sexuados. Para ele, o gênero é a materialização prostética das normas da sociedade (PRECIADO, 2014).

A respeito das travestis, é possível que possam vir a fazer uso de implantes de silicone ou de aplicação de silicone em seus corpos, visando moldá-los. Pessoas intersexo, por sua vez, passam por alterações em seus corpos antes mesmo de terem qualquer consciência a respeito de sua subjetividade: estão a mercê das decisões dos pais e dos médicos, pautadas nas convenções sociais a respeito de corpos masculinos e femininos. Já pessoas transexuais podem ou não recorrer à cirurgia de transgenitalização, como é chamado o procedimento de faloplastia ou vaginoplastia⁶². Para Preciado, essas e outras intervenções fazem parte de uma busca da sociedade pela coerência com o

⁶² A faloplastia é “construção cirúrgica do pênis com a ajuda de um enxerto de pele proveniente de outra parte do próprio corpo, como o antebraço ou coxa” e a vaginoplastia é, por sua vez, “a reconstrução cirúrgica da vagina” (PRECIADO, 2014, p.129).

discurso cis-hétero-normativo⁶³, uma vez que a própria existência de pessoas transexuais já o coloca em cheque. Por isso, corpos que fogem à regra precisam ser submetidos a ela:

Esses performativos de gênero são fragmentos de linguagem carregados historicamente do poder de investir um corpo como masculino ou como feminino, bem como de sancionar os corpos que ameaçam a coerência do sistema sexo/gênero até o ponto de submetê-los a processos cirúrgicos de “cosmética sexual” (diminuição do tamanho do clitóris, aumento do tamanho do pênis, fabricação de seios de silicone, refeminilização hormonal do rosto, etc) (PRECIADO, 2014, p.28).

Para Preciado, não deveria haver o monopólio e o controle da medicina e do Estado sobre os corpos, uma vez que esses dispositivos também são responsáveis pela criação do gênero. Afirma que sua noção de contrassexualidade:

[...] tirando partido dos ensinamentos de Donna Haraway, apela para a *queerização* urgente da “natureza”. As substâncias chamadas “naturais”, (testosterona, estrógeno, progesterona), os órgãos (as partes genitais macho e fêmea) e as reações físicas (ereção, ejaculação, orgasmo, etc.) devem ser consideradas como poderosas “metáforas políticas”, cuja definição e controle não podem ser deixadas nem nas mãos do Estado nem na das instituições médicas e farmacêuticas heteronormativas⁶⁴ (PRECIADO, 2014, p.40).

Se, afinal, somos ciborgues, criaturas de base orgânica moldada com drogas, próteses, lentes e outros dispositivos, discursos pautados na naturalidade dos comportamentos são facilmente desconstruídos. Se nossos corpos não são naturais, se nossa biologia jamais é deixada intocada pela cultura que a rodeia, não há porque aceitar que ela somente possa ser responsável por padrões, comportamentos, hierarquias e ditames.

⁶³ Discurso que alinha atributos a respeito da identidade de gênero e da orientação sexual adequados aos modelos hegemônicos de cisgeneridade e heterossexualidade.

⁶⁴ “A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2013, p.15). Ou ainda “[...]é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (MISKOLCI, 2013, p.47).

Haraway (2000) se preocupa especialmente com aspectos reprodutivos vinculados à sexualidade. A autora analisa essas questões sob o seu ponto de vista feminista-socialista, já que a reprodução é entendida na sociedade como um trabalho generificado, marcado como obrigação das mulheres. Já a antropóloga Marika Moisseeff defende que o fato de as mulheres serem responsáveis quase que exclusivamente pela gravidez cria assimetrias inconciliáveis na relação entre homens e mulheres e que esse desequilíbrio só teria fim com a equivalência de papéis maternos e paternos (MOISSEEFF, 2005, p.237). Conforme Simone Ávila:

O ciberfeminismo – não é um termo que Haraway utilize – está baseado na ideia de que, em conjunção com a tecnologia, é possível construir nossa identidade, nossa sexualidade, até mesmo nosso gênero, exatamente da forma que quisermos (ÁVILA, 2014, p.26).

Pode-se dizer, assim, que as novas biotecnologias corporificam, estabelecem relações e criam conjunturas e trajetórias que afetam os sujeitos políticos.

3.3- Falos, vaginas e hormônios: gênero, corpo, auto-imagem e performatividade

Um dos assuntos que constantemente vem à tona quando se trata da experiência transgênero diz respeito à materialidade dos corpos de seus sujeitos, especialmente no que diz respeito a características sexuais primárias e secundárias. Sabemos, conforme já mencionado, que determinados atributos são valorados e interpretados como masculinos ou femininos, dentro de uma visão binária que interpreta aspectos físicos através de ditames culturalmente estabelecidos. As pessoas transgênero, pela sua própria existência, desafiam essas regras e desnudam a artificialidade que lhes é inerente. Se todos os corpos adultos, políticos e sexuados são ciborgues, não deveria causar nenhum estranhamento que uma pessoa transgênero opte por fazer alterações em seu corpo de maneira a torná-lo mais próximo ao que idealiza para sua identidade

de gênero, já que esse tipo de construção é feita por toda a sociedade de maneiras diversas, embora por vezes possa-se esquecer disso. Sobre isso Berenice Bento reflete que o:

... processo de reconstrução do corpo é marcada por conflitos que põem às claras as ideologias de gênero e colocam os/as transexuais em posição de permanente negociação com as normas de gênero. Essas negociações podem produzir as normas de gênero, assim como desestabiliza-las ao longo dos processos de reiterações (BENTO, 2006, p.89).

A autora deixa claro que “ideologias de gênero” diz respeito justamente ao *status quo* cis-hétero-normativo⁶⁵, não a qualquer caráter discursivo da transgeneridade enquanto oposta a ele⁶⁶. Corpos que desafiam as regras vigentes da sociedade são questionados e forçados a se adequar em maior ou menor grau desde a infância. Meninos e meninas transgênero, além de intersexuais, são avaliados por médicos e outros profissionais que definirão que a presença de uma vagina implica na vivência de mulher, enquanto um pênis conota a vivência de homem. Isso ocorre por mais que possam existir incoerências biológicas à prática, além daquelas de cunho subjetivo. O olhar do médico, assim como os aparelhos de ultrassonografia, usados para ditar masculinidades e feminilidades antes mesmo que os bebês sejam paridos, são chamados por Simone Ávila de “tecnologia visual de identificação de sujeitos” (ÁVILA, 2014, p.80). Nessa leitura e significação se constroem sexo e gênero e se produzem os sujeitos ainda na infância, por terceiros alheios à sua própria experiência.

Mas, dependendo da situação, os corpos infantis podem ser entendidos como neutros. Muitas vezes é na adolescência, com a chegada da puberdade, que o descompasso entre expectativas externas e as das próprias pessoas se manifestam. Leonardo relata que quando criança, sabia que era um menino, mas sabia também que não tinha um pênis. Para ele, isso era algo secundário, porque andava constantemente sem camisa e as pessoas o viam e o tratavam como um

⁶⁵ O termo “cis-hétero-normativo” é um acréscimo meu ao debate da questão, pois não foi utilizado na época pela autora.

⁶⁶ Ao contrário do que escreve Berenice Bento, o termo “ideologia de gênero” tem sido utilizado por grupos conservadores de maneira pejorativa, de maneira a semear o desconhecimento sobre os estudos de gênero e sexualidades, especialmente no que tange ao ensino e à educação.

menino. Foi a chegada dos seios que dificultou sua vida, situação já discutida na etnografia de Bento (2009):

Para os transexuais masculinos, a menstruação e os seios anunciam o fim dos sonhos, da liberdade e a impossibilidade de se tornarem homens e, por outro lado, a separação definitiva dos mundos dos gêneros a partir dessas diferenças. A descoberta do corpo sexuado impõe a tarefa de relacionar-se com as partes do corpo responsáveis pela rejeição que sofrem, ao mesmo tempo em que desencadeiam uma busca para se definirem, para encontrar respostas e modelos que lhes possibilitem construir identificações. Muitos/as relataram que “depois de pensar, pensar, eu cheguei à conclusão: vou cortar” (BENTO, 2009, p.100-101).

O psicólogo infantil John Money foi o primeiro a sugerir, ainda na década de 1940, o uso de cirurgias ou terapias hormonais visando alterar características de bebês nascidos com órgãos sexuais que a ciência não conseguisse classificar como exclusivamente femininos ou masculinos. (ÁVILA, 2014, p.83). Para pessoas transgênero, muitas vezes a puberdade marca o momento em que se exterioriza o conflito entre as normas de gênero da sociedade e sua própria subjetividade. No Brasil, o assim chamado processo transexualizador pode ser feito através do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo sido aprovado em 2008 através da Portaria nº 1707 do Ministério da Saúde (ÁVILA, 2014, p.128). É importante ressaltar que o procedimento é feito em virtude da patologização das experiências transgênero e só é autorizado depois de acompanhamento durante dois anos por psicólogo, urologista, psiquiatra e assistente social e diagnóstico de disforia de gênero, comprovando que o candidato ou a candidata é transexual verdadeiro ou verdadeira, ou seja, aquele da visão hegemônica das ciências psi que tem ojeriza pelo próprio corpo (ÁVILA, 2014, p.90), que se sente angustiado com ele e está em busca de adequação.

Quando falamos de pessoas transgênero, é importante lembrar que, assim, como as pessoas cisgênero, não existe uma regra que abarque todas as experiências. É comum que mulheres transgênero desejem retirar o pênis, pois este as incomoda ou até mesmo causa asco, mas existem aquelas que estão satisfeitas com o seu corpo, como Suellen. No caso da opção por cirurgia transgenitalizadora, o próprio pênis é utilizado para a construção de uma vagina, conforme a descrição:

Primeira etapa: realiza-se uma incisão na pele do pênis e dos testículos, de tal maneira que se possa recuperar os tecidos para construir as paredes internas da vagina. Segunda etapa, ainda hoje denominada “castração”: extirpam-se os testículos, realiza-se uma incisão na parte superior do pênis, para assim fazer com que a pele deslize para baixo. O cirurgião prepara, com o dedo, um espaço para a vagina entre a bexiga e o reto. Terceira etapa: constrói-se o clitóris a partir do corpo cavernoso, esperando (com sorte) recuperar um máximo de superfície de excitação. Um cateter urinário é colocado na bexiga. Dá-se a volta na pele do pênis e se empurra ela para o interior. Completa-se, se for necessário, com um enxerto da pele do escroto. Quarta etapa: coloca-se um molde, que tem a forma de um pênis, no lugar reservado à vagina” (PRECIADO, 2014, p. 125).

A faloplastia, cirurgia que constrói pênis para homens transgênero, é experimental até os dias de hoje, nem sempre com resultados esteticamente positivos. O procedimento envolve quatro etapas: “sutura dos lábios vaginais, obtenção de tecidos da pele da perna e/ou ventre, a partir dos quais se fabricará um enxerto de pênis, obtenção de uma veia – frequentemente da perna-, e enxerto do pênis” (PRECIADO, 2014, p. 123). Durante o procedimento, é possível que haja perda da sensibilidade nos órgãos sexuais.

As cirurgias de transgenitalização raramente são feitas com o intuito de agradar parceiros ou parceiras sexuais. O desejo parte da própria subjetividade das pessoas, que querem se sentir mais confortáveis com o próprio corpo. Conforme Leonardo, que pretende fazer mastectomia no futuro, “essa cirurgia que a gente faz é pela gente mesmo, né. Não é porque a menina X não vai aceitar se você...”. Com as reticências ele dá a entender que não é pelo desejo específico de agradar possíveis parceiras e cita, em seguida, casos de homens transgênero heterossexuais que não aceitam se relacionar com mulheres transgênero ou mulheres cisgênero heterossexuais que dizem não se interessar por homens transgênero por que esses “tem voz de menina”. Ele afirma que são casos de transfobia, transfobia essa especificamente ligada às expectativas sobre os corpos dos parceiros. Berenice Bento, em seu trabalho de campo, também reconheceu o desejo de se adequar a própria imagem como motivador da busca por cirurgias:

Nenhum/a dos/as entrevistados/as respondeu: “Eu quero a cirurgia para conseguir ser penetrada ou penetrar, para conseguir o orgasmo”. Entre os transexuais masculinos, a mastectomia é a cirurgia que lhes dará o que os transexuais

conseguirão com a construção da vagina, ou seja, a liberdade. É o desejo de serem reconhecidos/as socialmente como membros do gênero identificado que os/as leva a realizar os ajustes corporais (BENTO, 2009, p.106).

Percebi algo similar conversando com Rebeca. Ela disse que deu entrada com o pedido de mudança de nome e de gênero nos seus documentos e que pretende fazer a cirurgia de transgenitalização. Para isso, já começou a fazer o acompanhamento psicológico requerido por lei.

Eu não vou fazer a cirurgia porque eu vou ser uma mulher, pros homens olharem que eu tenho uma vagina, entendeu? Pronto, que aí eu vou ser mais atrativa pra eles. Não, não é pra isso. Eu quero ficar pra mim mesma, quero me sentir bem comigo mesma. Eu não tenho mais.... Eu não tenho mais utilidade, não uso mais o meu órgão sexual... meu órgão sexual masculino não tem mais funcionalidade. A única função é excretora mesmo. Mas isso aí é pra mim mesma, não pra ninguém. Acho que quando a pessoa faz para os outros aí ela sofre, porque ela vai querer fazer... E ela espera ter a aprovação do outro, não é verdade? E aí eu acho que não é por aí. Eu tenho que tá bem comigo mesma. Eu posso nunca mais ter sexo com ninguém, Isabel. Lógico, vira pra lá essa boca. Mas vamos supor, eu posso nunca mais e eu vou me sentir feliz comigo mesma. Mas hoje, falando, tá recente. Eu não tô segura ainda. Eu desejo isso, mas eu preciso trabalhar mais esse desejo. Eu mesma eu desejo isso, mas eu me conheço que eu preciso me preparar melhor. Se fosse fazer amanhã a cirurgia, eu não faria. Eu precisaria de mais... como posso dizer... segurança comigo mesma, assim. Eu tenho que viver um pouquinho mais comigo mesma (REBECA, 10/11/2015).

Mas há também o desejo de adequar-se às expectativas de terceiros e o desejo de ser plenamente reconhecido ou reconhecida, através de signos corporificados, em sua identidade de gênero:

Portanto, é possível afirmar que, embora o *transexualismo verdadeiro* tenha como principal característica a demanda pela cirurgia de transgenitalização para a adequação da anatomia à identidade de gênero e, assim, a inserção do sujeito na normatividade sexual, o discurso das pessoas que vivenciam essa experiência revela que seu desejo de modificação é mais amplo do que a alteração da genitália. Muito além de uma normalização de seus corpos, homens e mulheres transexuais demonstram que a transformação que solicitam se refere à vulnerabilidade a que estão submetidos, sendo muitas vezes resultado não apenas de um sentimento de inadequação, mas também de dificuldades que enfrentam em seu cotidiano em função da intolerância à diversidade de gênero (MURTA, 2013, p.74).

A autora faz referência ao “transexualismo” deixando claro que o que aborda são os aspectos ainda hoje patologizados da transexualidade, tratando os dois como experiências diferentes. Para ela, portanto, o desejo de alterar o corpo pode vir da vulnerabilidade dos sujeitos, em virtude de um conjunto de fatores relacionados à negação de sua identidade de gênero.

Em se tratando especificamente dos homens transgênero, há uma preocupação maior com os seios do que com o pênis propriamente dito. São eles que são, por vezes, vislumbrados por sob as roupas e atrapalham a codificação de sua masculinidade. Por isso, antes de sua remoção, através de mastectomia, fazem uso de uma espécie de colete, chamado *binder*, que os comprime, deixando o tórax visualmente plano. De acordo com Thomas, é como “um *top* grande que pressiona os seios. Eu não consigo usar o *binder* porque eu não consigo respirar, dá falta de ar, aí eu tô usando *top*”, esclarecendo que sente desconforto porque ele é muito apertado.

No caso do pênis, Thomas manifestou preocupação de que pudesse continuar dando prazer para sua namorada. “Eu não vou ter um pinto de verdade, né, e tipo as mulheres tem prazer ou clitoriano ou vaginal com penetração. E no caso eu vou ter um pênis, mas tipo do tamanho duma cenoura” (THOMAS, 24/01/2016). Tanto Thomas quanto Leonardo relataram ter medo de realizar a faloplastia, por seu caráter experimental e também pela possibilidade de perda de sensibilidade. Além disso, o medo de que o pênis não seja totalmente funcional faz com que ela não seja prioritária. Thomas relatou que “Na internet tu não acha fotos boas, se tu for colocar faloplastia, tu vai achar umas coisas tipo *Frankenstein*, parece umas calabresas. Tudo sem cor, meio morto, pálido”. Por isso, ele comprou na internet um *packer*, que é uma espécie de pênis prostético ou, nas palavras dele “uma prótese peniana que simula um real. Bem real, tipo tem uma cinta, né, tu encaixa ele na cinta, tu veste ele, põe cueca”. A cada função adicional, a prótese se torna mais cara, especialmente se for importada, mas, conforme relataram, um homem transgênero da cidade de Curitiba conseguiu criar modelos já com duas funções e está trabalhando para conseguir com as três⁶⁷. Mas em se tratando da função sexual, ambos declaram que não

⁶⁷ Após pesquisar na internet, descobri que se tratam de produtos da marca T-Boy, produzidos por David Zimmermann. Os produtos são vendidos através de uma loja virtual, como pode ser

sentem necessidade diretamente de terem algo que possa ser usado para penetrar:

Leonardo: Eu sinto prazer no sexo mais psicológico, né.

Thomas: É, tem a questão visual, tu vê a tua parada lá.

Leonardo: É, entendeu?

Thomas: Pelo menos eu tenho isso, então a questão do órgão que tu sente, mas tu não tem. Eu sinto a penetração... Sempre senti a penetração até antes de ter um packer pra usar. Eu penetrava com dedo mesmo, mas tipo fazia posições que parecia que eu tinha um pênis penetrando e tipo eu sentia prazer.

Leonardo: Um pênis que eu não tenho. É uma coisa da cabeça.

Thomas: É, é uma coisa bem psicológica. Ou então tu visualizando.... É subjetivo, né. Não é um prazer... (THOMAS e LEONARDO, 24/01/2016)

Quando começam a fazer a hormonização, o clitóris aumenta em tamanho e em sensibilidade, podendo chegar a dez centímetros de comprimento, conforme Thomas. Leonardo contou que já existem modelos de *packer* “4 em 1”, que além das funções já mencionadas, também servem para “dar prazer” a quem o utiliza, justamente através da estimulação clitoriana. A prótese tem em seu interior “duas aspas, né, e tipo o clitóris fica no meio das duas aspas, roçando e tal”. Mas esses modelos só existem nos Estados Unidos e custam mais de mil reais quando importados, dificultando sua aquisição.

Outra maneira de manipular os corpos é através da hormonioterapia. Uma postagem intitulada *Hormônios Femininos - Travestis e Transexuais* no blog *Transexualidade* discorre sobre como deve acontecer a ingestão de hormônios e as etapas de ação e frisa a importância de procurar acompanhamento psicológico e endocrinológico, especialmente para receitar as dosagens corretas de hormônio para cada corpo⁶⁸. Nem sempre é o que ocorre e, no caso das mulheres transgênero, o procedimento costuma ser feito com a ingestão de pílulas anticoncepcionais, conseguidas facilmente nas farmácias. Além delas são ingeridos medicamentos que inibem a conversão da testosterona em DHT (di-

lido na reportagem: LOPES, Débora. *O brasileiro que manja tudo da arte de fabricar pintos*. Disponível em: <http://www.vice.com/pt_br/read/packers-tboy-david-vimmermann>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.

⁶⁸ *Hormônios Femininos - Travestis e Transexuais*. In: *Transexualidade*. Disponível em: <<http://reicla-trans.blogspot.com.br/2011/04/hormonios-femininos-travestis-e.html>>. Acesso em: 15/11/2015.

hidrotestosterona), hormônio de cunho androgênico. No primeiro contato que tive com Sara em 2014, ela relatou que já havia se hormonizado, mas tinha parado. Posteriormente, disse que foram várias vezes, sendo a última de uns cinco meses de duração, tomando o anticoncepcional Diane 35, aliado à Finasterida, que é um “é um bloqueador de andrógenos... Ou seja, ele atua diminuindo os efeitos da testosterona no corpo... também reduz a calvície”. Sobre o efeito conjunto dos dois, ela relata que o anticoncepcional é bastante forte e “faz efeito rápido em mim. E depois fico mantendo [o efeito] diminuindo a dose de Finasterida. Mas às vezes fica incontrolável e aumenta muito as características femininas em mim, arredonda meu corpo, meus seios "pulam" praticamente” (SARA, 29/03/2016). Rebecca também diz ter usado Diane 35, mas hoje em dia usa hormônios receitados por um endocrinologista.

Já Lucas afirma que foi apresentado aos hormônios por um namorado que era dono de um “*blog T lover*” que era “muito experiente” (16/01/2015). É bastante comum que informações a esse respeito possam ser encontradas nas redes de contatos, com indicações de amigos e amigas que já os utilizam. Ele tomou os hormônios femininos e, enquanto Isadora, chegou a participar de concursos regionais e nacionais de beleza LGBT. Depois, em virtude de uma série de discriminações e problemas pessoais, ingeriu hormônios masculinos e voltou a atender por seu nome de registro, que diz preferir. O trânsito que Lucas/Isadora fizeram em se tratando de gênero é interessante para analisar a não-fixidez das identidades, ainda que em suas falas transpareça saudosismo e melancolia em relação à época em que se apresentava no feminino.

A hormonização, assim como as cirurgias, auxilia as pessoas transgênero a alcançarem uma aparência com a qual se sintam satisfeitas. Assim como as cirurgias, nem todas ou todos fazem uso. Thomas, por exemplo, não ingere hormônios masculinos por enquanto e disse que conhece outras pessoas que também não fazem o uso. Mas quando há algum incômodo a respeito de características de seus corpos, eles podem auxiliar e sua falta pode gerar desconforto emocional, como relata Marcella. Ela está sem um emprego fixo, trabalhando quando pode como *freelancer*, em virtude de um problema de saúde. Sem uma fonte de renda garantida, não tem como comprar os hormônios regularmente:

Marcella: Não gosto muito de roupas com alcinha, porque tenho disforia com meus ombros largos.

Isabel: Como assim, disforia?

Marcella: Pelo menos eu acho eles largos, minha namorada diz que não são rs. Disforia é um sentimento ruim com relação ao gênero que sentimos quando algo parece ser do gênero não desejado, por exemplo, bigode é algo extremamente disfórico, ver a marca da barba pra uma trans faz ela se sentir muito mal, ou seja, se sentir disfórica.

Isabel: Entendi

Marcella: Tem várias coisas que as trans reclamam, geralmente são ombros, mãos, pés, pelos, formato de rosto, etc.

Isabel: E além dos ombros alguma coisa mais te incomoda?

Marcella: Pelos no rosto e o fato de eu não estar tomando hormônios. Não estou tomando por falta de grana, então eu me sinto muito mal, com muita disforia me achando a coisa mais feia do mundo, mesmo que digam que eu não "voltei" a parecer homem. Mas me incomoda muito não estar tomando os hormônios. Tomo bloqueador (antiandrógenos) androcur, e estrogênio (valerato e estradiol). Atualmente eu estou tomando só os bloqueadores, ainda tenho um pouco

Isabel: Desculpa perguntar, mas quanto custa isso tudo no total? Por mês, mais ou menos? O estrogênio você compra anticoncepcional ou outra forma?

Marcella: Eu compro repositores, os anticoncepcionais não são indicados, custa pouco, coisa de 50 reais mensais. Mas é que eu estou numa situação crítica que me impede de trabalhar (MARCELLA, 07/11/2015).

Além das redes informais de informações e dos hormônios obtidos diretamente nas farmácias, sem indicações médicas, existe a possibilidade de ter acompanhamento. Para isso, um psicólogo ou psiquiatra precisa gerar um laudo certificando a necessidade de tratamento, ou seja, ocorre pela via da patologização, prevista por lei:

Isabel: Daí a questão do... de hormonioterapia, que também vocês já falaram um pouco, sobre.... Eu queria saber, assim, como é que funciona, a questão de harmonizar e se vocês têm algum tipo de acompanhamento médico ou como é que funciona?

Leonardo: Hoje em dia, o que se pede no mínimo, porque tem uma lei que fala... Aí na lei fala que pode ser um laudo psicológico ou psiquiátrico. Com o laudo psicológico ou psiquiátrico você consegue começar a hormonização. Então esse, vamos dizer assim, o padrão. O padrão é você ter do lado um psicólogo pelo menos e aí começa a hormonização. Só que a gente sabe que aqui não é uma cidade grande e assim, profissionais especializados: a gente vai perceber que aqui no nosso estado... a nível de Brasil já é raro, então no estado.... Aí o [psicólogo que lhe foi indicado], com a minha história, ele se simpatizou e a partir desse instante ele quis fazer... Ele tem, assim, tentado ajudar a gente nessa situação. [...] Aí eu já tinha um laudo, mas não tinha endocrinologista e aí eu consegui achar ela e... Mas assim, por que que eu consegui? Porque eu tive o

apoio da minha família, né. E o tratamento, assim, se eu fosse fazer sozinho, assim, ainda não teria condições de arcar com o tratamento, entendeu? Tipo assim, eu consigo arcar com o tratamento porque minha família apoia. Então trans que não for apoiado pela família ou que não tem uma condição financeira boa, eles são completamente desassistidos (LEONARDO, 07/11/2015).

Ambos se queixaram dos valores dos tratamentos, informando que apenas a consulta do endocrinologista custa cerca de trezentos e cinquenta reais por mês. Uma ampola de testosterona prescrita para Leonardo, chamada Nebido, custa mais de quatrocentos reais. Essa é a dose mensal. Ele diz que tem sorte de fazer os exames necessários com plano de saúde, porque senão “Só de sangue ia gastar novecentos reais, o exame que ela fez”. Por isso, ele é grato pelo apoio que recebe dos pais, que também o auxiliam financeiramente. Segundo ele, a vantagem dessa marca de testosterona, que é o que a torna tão cara, é que ela é liberada aos poucos, gradativamente, ao longo de um mês e meio. Com a ingestão mensal, não há tempo de haver uma baixa no organismo e o efeito é mais regular.

O acompanhamento no caso da ingestão de testosterona, inclui exames da tireoide, mamas, pélvis e especificamente do útero, uma vez que o hormônio aumenta a possibilidade de incidência de câncer no órgão. Todo esse acompanhamento deve ser feito periodicamente, ainda que não haja necessidade de ser mensal, como o exame de sangue. Os efeitos aparecerem rapidamente. Em cerca de três meses, de acordo com Leonardo, a menstruação para de vir e uma barba, ainda que sem padrão, aparece.

No momento da escrita dessa dissertação, Sara passa por uma decisão importante. Ela sempre se identificou como *crossdresser*, mas, como já mencionado, fez uso de hormônios femininos no passado. Desde as primeiras vezes que conversamos ela demonstrou vontade de ter uma experiência integralmente feminina. Por isso tinha feito análise, como relatado:

Sara: Fui a umas 3 sessões ano passado. Aí parei.

Isabel: Mas você sentiu vontade de fazer análise?

Sara: Senti necessidade. Eu não tenho problemas de aceitação e convivo numa boa com os dois lados. Mas naquela época eu estava decidida a viver minha feminilidade na plenitude. Ou seja, queria chutar o pau da barraca (como dizem) e viver 100% como gosto. Mas aí vinha uma voz lá no fundo e perguntava pelo

amanhã. E, como eu não tinha a resposta pronta, busquei essa resposta na psicóloga (SARA, 29/12/2014).

Como é possível perceber por sua fala, a maior preocupação era o “amanhã”, ou seja, o sustento e sua posição no mercado de trabalho, que poderiam ser prejudicados caso assumisse outra identidade de gênero. Em julho de 2015, voltou a procurar uma psicóloga, mas não gostou da sessão. Estava confusa e em busca de uma orientação profissional. Em outubro de 2015 ela anunciou a decisão de fazer acompanhamento médico e psicológico, colocando isso como meta para o ano de 2016. Pretende perder peso, pois o ideal, segundo ela, é que ele e o Índice de Massa Corporal (IMC) estejam “controlados” para retomar a hormonioterapia. Ela disse que dessa vez pretende fazer todo o procedimento da maneira adequada, aproveitando o plano de saúde para fazer os exames. Mas também se queixou dos valores das consultas e remédios, que custariam mais de três mil reais ao ano, sem contar o psicólogo. Apesar disso, garantiu que era melhor fazer tudo “certinho”, porque “todas as meninas que evoluíram bem fizeram hormônio assistida”. Em janeiro de 2016 Sara conseguiu um psicólogo de quem gostou e agora segue em sua jornada em busca de uma versão de si que seja mais condizente com sua identidade. Perguntada justamente sobre identidade de gênero, ela respondeu:

Isabel: Desculpa te perguntar, mas e agora, como que tu te identificas? CD ou trans?

Sara: Agora ainda CD. Essas letrinhas encerram muitos significados. Não sei se vou me considerar trans antes de estar cem por cento satisfeita com meu visual.

Isabel: Entendi. E no final não muda nada como tu te sentes. É só uma definição.

Sara: Isso mesmo. As letras não mudam nada na gente. Mas olha...pela primeira vez na vida estou avançando pra sair do casulo de uma forma totalmente tranquila e segura. Tô me sentindo plena, sabia? Pensando em um futuro não tão distante em fazer algumas plásticas.

Isabel: Poxa, que coisa linda, se sentir plena. O que tu pensa em fazer?

Sara: Corrigir a frente, pra diminuir esse ossinho que fica nas sobrancelhas, afinar o nariz pra suavizar a expressão e... lógico colocar uns 200ml nos seios...kkk. (SARA, 20/10/2015).

Sara está tateando esse novo caminho e novas possibilidades em sua vida. Para isso também coloca como meta a realização de cirurgias plásticas. As

plásticas, como mencionado, estão nos planos de Leonardo e Thomas também, mas este último fala com exasperação sobre o estranhamento que esse desejo causou em sua mãe.

Isso foi o que eu falei pra minha mãe. Ela falou bem assim “Eu não sou obrigada a engolir essa mutilação que tu quer fazer em si”. Eu falei “Mãe, tu é muito hipócrita. Tu fez cirurgia bariátrica, tu colocou silicone, tu colocou bunda, tu fez lipoaspiração. Eu vou fazer a mesma coisa que você, umas cirurgias pra me sentir bem comigo mesmo fisicamente. Tu não acha uma hipocrisia da tua parte?”. Ela: “Não, não sei o quê”. Não é uma mutilação (THOMAS, 07/11/2015).

O corpo transgênero é um corpo que assume a sua artificialidade, enquanto nem sempre isso é admitido pelos demais. Ele confronta o olhar e as normas inquisidoras. Apresenta-se como “um corpo transformado, fabricado, que aparece e se afirma como corpo fabricado, não um corpo substantivo, objetificado, mas corporalidade, veículo e sentido da experiência” (MALUF, 2002, p.145-146). A mãe de Thomas exemplifica isso: enquanto cirurgias cosméticas invasivas são entendidas como decisões pessoais válidas (e devem ser), visando maior conforto com sua própria aparência e corporalidade, qualquer intervenção que diga respeito à identidade de gênero é rotulada como agressiva ou radical.

Além disso, o desejo de se enquadrar em determinados padrões de masculinidade ou feminilidade já existentes pode ser entendido como um reforço de padrões binários excludentes. Essa aparente incoerência é percebida por eles. Na fala de Thomas:

É uma quebra de paradigmas muito grande, então. Não é só a transição hormonal, física, é a transição de pensamento também. É uma modificação muito radical. Tu acaba trabalhando com o que é mais fácil pra a massa reconhecer a forma que tu quer tomar. E então tu acaba reforçando o estereótipo de homem cis-hetero-normativo, musculoso, que vai pra academia...(THOMAS, 07/11/2015).

De certa forma, então, existe a consciência de que esses padrões acabam sendo seguidos porque são mais facilmente compreendidos pelos demais. A experiência transgênero, pode, assim, reforçar os binarismos de gênero, mas seus sujeitos estão conscientes disso. Ao mesmo tempo, quebram-se padrões e expectativas relacionados ao binarismo, uma vez que seus próprios corpos, mais

ou menos trabalhados, são marcas vivas das contradições de padrões identitários rígidos e de uma base biológica pré-existente.

Com tantos relatos sobre maneiras de buscar adequação dos corpos às vivências dos sujeitos, é possível perceber que o que existe em termos de apoio é no mínimo precário. O atendimento gratuito, pelo SUS, é demorado e necessariamente patologizado. Os demais meios são caros e nem sempre acessíveis nos locais de moradia. Homens e mulheres transgênero precisam de apoio psicológico e financeiro, já que os procedimentos são longos e custosos. Não há quem se responsabilize pelo seu bem-estar e, ao final, mesmo que todo o processo tenha transcorrido, ainda estão privados de diversos direitos básicos, como até mesmo o nome social.

[...] o processo transexualizador é bioeticamente incorreto. [...] Mas isso quer dizer, então, que não era para esse processo ser executado nas unidades de saúde? Não é nada disso. Ele é bioeticamente incorreto porque você submete as pessoas a mudanças corporais intensas, a mudanças sociais e subjetivas extremamente densas e, ao final, o Estado diz: 'Te vira aí, vê como a Justiça resolve teu caso'. Portanto, é bioeticamente incorreto porque é bioeticamente incompleto (ALMEIDA, 2013, p.114).

Portanto, o que se percebe é que a rede de apoio às pessoas transgênero é duplamente insuficiente e incompleta, abandonando-as à própria sorte em busca de adequação e tratamento respeitoso na sociedade. Thomas conta que certa vez, em um consultório médico, foi chamado por seu nome de registro e cerca de trinta pessoas que estavam na sala de espera o encararam. Uma criança pequena, que estava ao seu lado brincando com um *tablet*, foi prontamente puxada pela mãe, que exclamou "cuidado!". A falta de respeito ao nome social, entre outros assuntos, coloca pessoas transgênero à mercê de comportamentos pautados na ignorância de seus direitos e na ojeriza e abjeção de suas existências.

3.4 Transfobia: discursos e práticas de ojeriza sobre o corpo

O tratamento desrespeitoso a que são submetidas é relacionado à “transfobia”, como são chamados os discursos e ações pautados no ódio e na discriminação de pessoas transgêneros. Segundo pesquisa realizada com dados de 2008 a 2014, pela organização não-governamental (ONG) *Transgender Europe* (TGEU), o Brasil ainda é o país com o maior número de assassinatos de pessoas transgênero do mundo⁶⁹. Isso acontece mesmo com as subnotificações, já que os casos costumam ser registrados como de assassinatos de homossexuais, demonstrando grande desconhecimento das diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual. A prática de violência contra transgêneros, é, portanto, rotineiramente identificada como homofobia pelo Estado.

Mas para além das violências físicas, existem outra de cunho psicológico ou emocional que são impingidas às pessoas transgênero em suas rotinas. Uma parte dessas violências vem justamente da tentativa de abarcar suas vivências e experiências em conceito hegemônicos de gênero e, como resultado, tentar força-las a se enquadrar neles. Isso pode ocorrer desde muito cedo:

Tudo começou na minha infância, onde seria clichê falar que eu brincava com bonecas ou coisa do tipo. Mas muito mais forte do que isso era o meu imenso descontentamento com meu corpo. Com minha aparência, isto tudo me levou a querer trabalhar cedo, correr atrás dos sonhos que tinha.... Ainda bem que tenho uma mãe que sempre me apoiou e sempre segurou firme quando eu ia cair nesta etapa. Os anos foram passando, meu lado feminino foi realçando cada vez mais. No início parecia algo de criança, cabelinho comprido, roupinhas sempre ficando justas, coladas, e isso sem falar na opressão das pessoas que falavam "é menino ou menina?" e outras coisas que machucam uma criança de 8, 9 e 10 anos. Quando cheguei nesta fase, minha mãe tentara diversas formas reverter o impossível. Eu já estava com desejos de me travestir mais, de usar roupas de mulher, de me sentir assim. Ela mandava cortar meu cabelo, eu chorava tanto (LUCAS, 16/01/2015).

Ou seja, desde a infância Lucas teve que lidar com as pessoas ao seu redor tentando encaixa-lo em categorias de masculinidade e feminilidade nas quais ele não se encontrava. A vontade de se adequar aos seus desejos existia, mas o impacto emocional maior vem da falta de compreensão dos demais a

⁶⁹ CAZARRÉ, Marieta. *Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>>. Acesso em: 06 de maio de 2016.

respeito do seu eu e das tentativas de encaixa-lo nos critérios arbitrários de entendimento a respeito de identidade de gênero. Ele relata que certa vez fez uma entrevista de emprego para trabalhar como promotor de venda em uma operadora de telefonia móvel. Se saiu bem e a entrevistadora lhe falou que se cortasse seus cabelos, longos à época, a vaga seria sua, senão teria que sair. É comum que pessoas transgênero se vejam coagidos a assumirem aparência alinhada com o gênero que lhes foi designado ao nascer para obter um emprego. Muitas trabalham na informalidade, mas muitas se veem sem opção. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), com dados de 2013, cerca de 90% das travestis e transexuais do Brasil vivem de prostituição⁷⁰.

A passabilidade, ou seja, a capacidade de se fazer vista ou visto de acordo com a identidade de gênero com a qual se identifica, é fator importante quando se trata de transfobia:

A transfobia ela acontece assim, quando você não tem a passabilidade. Você sente mais a transfobia quando você não tem a passabilidade. Primeiro momento assim que você vai sentir é assim. Porque que eu digo isso? Quando eu era um homem trans, mas ainda não tinha passabilidade, tinha cabelão, né, ainda não tinha o *binder* e usava só *top*, eu ainda não tinha todas as roupas, guarda-roupa mudado. Tipo usava roupas uma marca feminina, outra masculina, né? As pessoas... Tipo uma vez eu saí com um colega meu e ele falou "olha, tu acha que tu tá parecendo homem? Tu não tá parecendo homem". Tu parece uma mulher vestida de homem, entendeu? E por isso que as pessoas, tipo, olham, entendeu? (LEONARDO, 24/01/2016).

Caso as pessoas possuam características físicas ou comportamentos atribuídos a um gênero que não aquele com o qual se identificam, pessoas cisgênero às vezes fazem chacotas sobre elas. O relato de Rebeca mostra muito sobre a confusão entre identidade de gênero, orientação sexual e as expectativas em torno da aparência física. Sobre sua trajetória de vida e a construção de si enquanto mulher trans, Rebeca relata:

Olha Isabel, é assim... Minha experiência como trans é recente, mas eu sempre me preparei a vida toda assim de que isso acontecesse. Até cheguei a passar alguns meses como um *cross*, mas não era o que eu queria, né. Não me via como homem vestindo roupa de mulher. Mas sou uma mulher que tem um pênis, né. Agora em relação às transfobia.... Assim, foi tudo muito rápido pra mim. Eu sempre fui um homem muito feminino, nunca fui *gay*. Não tive uma vida de *gay*,

⁷⁰ LAPA, Nádia. *O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho*. Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>>. Acesso em 07/2016.

que fique bem claro isso. Fui casada duas vezes, tenho um filho. Eu fui homem feminino, vamos supor, eu achava que... eu gostava de mulher, fui apaixonada por mulheres. Então até hoje eu sou, mas hoje eu vejo que meu desejo sexual não é mulher, é homem. Eu gosto de homem só. Eu me considero uma pessoa de comportamento heterossexual, né. [...] Sei lá, eu sempre tive uma facilidade enorme de ser mulher, eu nunca fui um homem assim no sentido, sabe, da palavra muito estrita assim. Eu gostava... eu fingia que gostava de futebol, fingia que gostava de papo de bar, de putaria assim, desculpe o termo (REBECA, 10/11/2015).

O seu relato fala de uma performatividade que negava sua feminilidade. Se aceitar enquanto mulher transgênero aconteceu de maneira rápida, como continua:

Agora vou falar sobre transfobia. Porque que eu tô falando isso tudo? Porque quando eu resolvi fazer minha transição foi tudo muito rápido. Eu não tive um processo muito longo de transição, foi muito rápido. Como eu já era um homem assim, já tinha traços femininos assim, e não só os traços. Eu deixei o meu comportamento aflorar. Eu parei de ficar forçando ser um cara durão, ser um cara machão, mal-encarado, né. Que eu fazia força pra fazer isso. Andava de preto, de camisa de heavy metal e tal, sabe. [...] Então como aconteceu muito rápido eu sofri tipo transfobia no início da transição[...] (REBECA, 10/11/2015).

Com isso, Rebeca afirma que antes de se assumir transgênero, fazia uso de uma performatividade masculina exagerada e estereotipada. Levando-se em conta que relata que já brincava com roupas e maquiagens entendidas como femininas, essa pode ter sido uma estratégia para não chamar atenção para si e garantir sua maior aceitação no meio social em que frequentava. Ainda sobre a transfobia, segue o relato:

Comecei a tomar hormônio num mês, o segundo hormônio noutro mês, né, por conta própria, lógico, né. E aí um belo dia eu vesti roupa de mulher, uma calça jeans, uma camiseta, uma blusa feminina, um tenzinho assim, me maquiei, peguei uma bolsa e saí, falei 'oi, a partir de hoje quero me chamar de Rebeca'. [...] Minha experiência com a transição foi assim, foi como se fosse um *gay* vestido de mulher, mas na cabeça dos outros. Na minha eu não me via assim. Meu cabelo começou a crescer, tava curtinho. Aí as pessoas me chamavam ainda de senhor, de moço eles chamavam e eu falava, ficava possessa, falava 'não, meu nome é Rebeca'. E vai fazer a pessoa acreditar nisso? Tinha uma senhora que vendia salgado ali perto de casa e ela me viu como eu tava. Eu já era freguesa dela antes e depois eu fui fazendo a transição e ela viu como é que eu tava indo e chegando e tal. Comecei a pintar a unha, usar batom, já comprei vestido, fui no brechó, troquei todas as minhas roupas masculinas por roupas femininas, né. E ela tem uma filha que é trans também. Ela passou por essa experiência. Ela tem uma filha adotiva que é trans e tal, mas isso não vem ao caso. Então ela me ajudou assim bastante também. Era uma pessoa que eu podia contar se precisasse. Então, mas eu sofria isso. Não uma transfobia. Não

sofri transfobia, graças a Deus na minha vida. Eu só sofri transfobia... [...] As pessoas me chamavam no masculino, não conseguiam me chamar no feminino porque eu não parecia uma mulher. Eu parecia um gay afeminado, digamos assim.[...] Uma vez só na padaria, lembrei. A mulher me chamou de senhor e eu falei 'escuta, eu sou uma moça, uma garota'. Aí ela 'não, você não é não. Tô vendo um homem bem aqui na minha frente'. Aí eu briguei com ela. Mas eu senti que há resistência... porque assim, muitas pessoas chegavam pra mim e falavam 'eu tenho um irmão que é igual a você'. Eu falava 'ué, igual a você como? Ele se veste de mulher, tal'. Mas eu percebi que as pessoas falavam que tinham irmão que era que se vestia de mulher em ocasiões festivas. E eu 'ah, então você não tem um irmão, tem uma irmã', eu falava assim (REBECA, 10/11/2015).

Desse relato podemos perceber que o seu comportamento passado era lido como afeminado e por isso poderia haver o entendimento de que fosse homossexual, mesmo na época se apresentando como um homem que se relaciona com mulheres. Ao se assumir sem ter cabelos longos e outros traços que são entendidos como femininos, Rebeca foi novamente categorizada de maneira errônea, dessa vez como homem. Ou seja, sua postura não era suficientemente masculina para que fosse entendida como tal, mas ao se assumir mulher, também não era suficientemente feminina aos olhos de algumas pessoas. Ao permanecer, por algum tempo, em uma fronteira estética entre gêneros, sofria micro-agressões por parte daqueles que não conseguiam classificar sua existência em padrões hegemônicos tangíveis. E apesar dessas agressões, não considera que sofreu transfobia, possivelmente porque não se tratou de violência física. Marcella passa por situações semelhantes, mas relata que a transfobia, por vezes, pode vir até mesmo de outras pessoas transgênero, que compram a ideia de uma feminilidade padronizada:

Isabel: Eu ia perguntar da transfobia aqui, como era em relação aos outros lugares que você morou, mas não sei se se aplica. Nessa rotina, consegues perceber alguma coisa nesse sentido?

Marcella: Sim, é horrível, eu não sou "passável" e as pessoas parecem que fazem questão de me tratar por "senhor", "cara", "campeão", etc.

Isabel: Você acha que é pior que nos outros lugares que você morou?

Marcella: Nunca sofri algo mais pesado como violência física, mas ou é me tratarem como homem ou então assédio. Por ser trans acham que podem falar qualquer coisa pra mim, como "comia assim mesmo", "te faça mulher", etc. Aqui [em Manaus] eu senti que o assédio é pior, antes, em Marília, as pessoas pareciam envergonhadas em falar comigo, com medo de tratar "errado", aqui as pessoas parecem não ter empatia, chamam por senhor na maior cara de pau, claro que em muitos lugares me tratam bem, principalmente shoppings, restaurantes, etc. Os homens aqui são muito mais cara de pau, mexem mesmo e até pegam no braço e no cabelo.

Isabel: Nessa questão da transfobia, você acha que a visão estereotipada que as pessoas têm de feminilidade prejudica?

Marcella: Sim, eu mesma não sou estereotipada, as pessoas esperam que mulheres sejam de um jeito, as trans acabam exagerando para passar melhor, tanto que acabam exagerando tanto que as pessoas notam que não são mulheres, mas tudo por questões que não são verdadeiras, existem mulheres que calçam 40, existem mulheres com costas largas, mas essa ideia da mulher *barbi* acaba afetando tanto a visão das pessoas com relação as mulheres tanto quanto a visão das trans pelas trans. Existe até preconceito no meio trans com meninas que não colocam silicone (tipo eu), elas dizem que não é trans de verdade até pôr silicone. O peito e o cabelo são usados como formas de expressão de gênero, coisa que eu não aceito, por mim eu posso ter peitos pequenos e cabelo curto e continuar sendo mulher (MARCELLA, 07/11/2015).

Marcella destaca o quanto se sente à vontade com o próprio corpo, apesar das cobranças externas. Além da falta de respeito em relação à identidade de gênero, a coisificação e objetificação das pessoas transgênero é uma constante. Em meio aos maus tratos, existe demanda no mercado da prostituição. Ademais, segundo o site de vídeos pornográficos *Redtube*, o Brasil é o país do mundo que mais faz buscas por vídeos envolvendo transexuais, com uma média 89% superior aos demais⁷¹. Isso significa que a população em geral está aberta à possibilidade de fetichizar pessoas transgênero como objetos de desejo sexual, mas não a aceita-las como sujeitos de direito.

Em relação ao momento de transição, há ainda o relato de Leonardo:

Que eu tive coragem mesmo de assumir todas as coisas, porque até então eu já sabia que tinha alguma coisa errada, entendeu. Eu tinha até uma namorada e ela falava assim "eu acho que tu não é lésbica, acho que tu é um homem trans". Mas ao mesmo tempo o corpo nasce de uma identidade, né? O corpo que ela te dá só tem relação... Tipo, não vai passar constrangimento, né, assim, na questão de identidade. Não vai passar constrangimento de ter que apresentar uma identidade com outra aparência. A questão do constrangimento, a questão do preconceito mesmo, de você andar e ficarem te olhando. Aí com o tempo, logo no começo eu achava que não era tão passável porque eu não... Eu tentava usar roupa, usava bermuda. Eu parecia realmente uma lésbica masculinizada. E as pessoas olhavam (LEONARDO, 24/01/2016).

Sua fala, que dá nome ao capítulo, sintetiza a ideia de que o corpo se

⁷¹ HUFFINGTON Post Brasil. O Brasil é o país mais violento contra transexuais. E o que mais procura pornografia trans no *RedTube* Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2016/02/19/pornografia-transexuais_n_9272598.html>. Acessado em: 19/02/2016.

molda conforme a vontade de se adequar em maior ou menor grau ao *status quo*, visando minimizar o próprio desconforto e a agressividade e intolerância daqueles ao redor.

A religião também tem papel importante quando se trata da intolerância. Thomas já havia relatado que o espiritismo tem uma visão bastante confusa quando se trata de sexualidade e identidade de gênero. Já Marcella foi literalmente exorcizada pelos sogros de um casamento anterior. Quando ainda se apresentava com identidade masculina, casada com outra mulher, começou a ingerir hormônios femininos. Tinha trinta anos e ela e sua esposa moravam com seus sogros evangélicos.

Toda sexta feita tinha culto no lar, aí eles me tiravam os demônios pra salvar meu casamento. Mas antes disso foi o pior, eu fui parar num acampamento de reconversão: quatro dias de tortura até com choque debaixo das unhas. Eles queriam me curar do "homossexualismo" kkkkk. Só que eu gosto de mulher, eles nem sabiam com o que estavam lidando (MARCELLA, 07/11/2015).

Leonardo conclui, com um longo relato, que a medida que a passabilidade aumenta, a transfobia diminui. Ele parou de se sentir observado e inseguro no dia em que foi barrado em um banheiro feminino, do qual fazia uso por receio justamente de ser barrado no masculino. Ele diz acreditar que as pessoas o enxergam como cisgênero e que isso é uma questão de confiança, “conforme você vai adquirindo mais características, não só pela hormonização, porque a transição não é só hormônio, né?” (LEONARDO, 24/01/2016). Com isso ele traz à tona toda a performatividade que envolve a experiência transgênero. A leitura da identidade de gênero se constrói não só com a hormonização, mas com as técnicas corporais, a postura e o discurso. Quando um grupo de adolescentes mais novos que ele, em torno dos quinze anos, avistou-o na praça de alimentação de um *shopping* de Manaus e debateu em alto e bom som se ele seria homem ou mulher, se sentiu incomodado. Ainda usava os cabelos longos, “o cabelo que eu usava era rastafári”. Resolveu cortar o cabelo, mas o efeito não foi o suficiente. Foi quando começou a usar o *binder* e qualquer vestígio de seus seios sob as roupas sumiu. Ainda havia a questão da voz, que está mudando agora com a ingestão de testosterona. “Aí esse é o dilema, entendeu? Quando vai ganhando essa passabilidade, você vai tendo mais proteção. Só que essa

carça, né, ela é assim frágil”. Frágil. Essa é a definição para a passabilidade pautada em características físicas. De toda forma, os sujeitos interlocutores desse trabalho demonstram grande resiliência. O corpo nasce da identidade nesse constante devir-gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No corpo deste trabalho busquei trazer aspectos da transgeneridade que se destacaram durante a etnografia. O cruzamento entre eixos temáticos se tornou visível: pode-se dizer que não é possível falar de gênero e de identidade sem passar pela ideia de corpo e sem falar das experiências subjetivas de composição de individualidade. Essa percepção se tornou patente na fala de interlocutores e interlocutoras. Nesse sentido, acredito que a maior contribuição da pesquisa seja justamente ao se inserir em e contribuir com o campo dos estudos de gênero e do corpo.

A discussão se iniciou com as reflexões sobre a entrada em campo, os meus receios e dificuldades. Colocar-me no texto nem sempre foi fácil, mas o objetivo foi torná-lo o mais dialógico possível. A *internet* mostrou-se um instrumento valioso para acessar esse campo e para ampliar a visão a seu respeito, de maneira complementar.

No primeiro capítulo optei por fazer uma breve revisão de uma bibliografia a respeito de gênero e teorias *queer*, porque os conceitos foram importantes para apresentar e entender interlocutores e interlocutoras. Destaco os termos identitários: ainda que eles se alterem de tempos em tempos e não devam ser entendidos de forma fixa e dogmática, o respeito pelo uso feito por cada uma e cada um deve ser garantido.

Além disso, foquei em aspectos formadores da experiência subjetiva da identidade de gênero, que Lauretis (1987) chama de tecnologias de gênero. Nesse ponto a família e a escola, principalmente, aparecem como forças de normatização e normalização das crianças, buscando enquadrá-las em padrões pré-existentes e retroalimentados na sociedade.

Ainda discuti questões relacionadas ao corpo, que se torna sujeito na trajetória das pessoas. O corpo, aqui, aparece como uma expressão da subjetividade e as falas escancaram a artificialidade da sua construção, em oposição à falsa naturalidade com que é percebido no senso comum. Ele funciona como um objeto a ser esculpido e moldado buscando expressar a identidade. O corpo não é a pessoa. O corpo não define a pessoa. Mas ele

certamente assume a forma de ferramenta de expressão identitária. Optei por falar da transfobia nesse contexto em virtude dos relatos ouvidos, que a vincularam ao sentimento de estranhamento e ojeriza quando um corpo não se encaixa no padrão esperado para o gênero que ele expressa.

Alguns pontos podem ser destacados no trabalho. O primeiro deles é a noção de fluidez das identidades: Isadora agora se apresenta como Lucas e isso demonstra que a identidade de gênero é uma estrutura performativa que não funciona de forma rígida. É comum ouvir em discursos pautados em um senso comum que pessoas transgênero “nasceram no corpo errado” ou que uma pessoa sempre teve “uma mente feminina/masculina”. O que a variedade de relatos dessa etnografia mostra é que as maneiras de vivenciar a transgeneridade são diversas e não podem ser limitadas a uma noção fixa de corpo, muito menos a um padrão de gênero binário que não abarca todas as experiências.

Além disso, às vezes o que faltam são palavras adequadas: se Thomas se apresentava como uma mulher lésbica e agora como um homem heterossexual, isso não implica em nenhuma alteração na forma que ele se percebe ou como é quem ele é: demonstra que às vezes faltam às pessoas o conhecimento de termos que descrevam adequadamente a si e suas experiências. O contato com filmes, redes sociais, e depoimentos de terceiros mostra-se, nesse sentido, proveitoso ao estabelecer vivências semelhantes com as quais possam se identificar. A representatividade, portanto, também é essencial para produzir narrativas reais e ficcionais que retratem vivências diferentes. Por isso a efervescência de novos termos identitários é importante ao dar vazão para outros modelos de interpretação das identidades de gênero.

Dessa forma, é significativo como o gênero se constrói através de discursos e regulações sociais. A artificialidade do que é considerado masculino e feminino destaca-se nas lembranças, especialmente relacionadas à infância, de interlocutoras e interlocutores. Meninos usam as meias até os joelhos, meninas nas canelas. Meninos usam bermudas, meninas usam saias. Esses são exemplos que aparecem nos relatos e trouxeram angústias à vida das crianças. É fácil perceber que são regras criadas e que dependem de fatores como geografia e período histórico, mas são tratadas de forma naturalizada e

universal. São nesses discursos que se constroem as expectativas em torno de gênero.

Em virtude dessas regulações, a infância aparece como um momento de descobertas, mas também de confusão e tristeza. Quando há um desacordo entre a forma como a criança se porta e se expressa e a normatividade criada em torno do gênero, as tentativas de adequá-la ao esperado no *status quo* virão.

Por isso a importância das famílias nas trajetórias relatadas: entre a aceitação e a negação à identidade de interlocutoras e interlocutores se constrói a diferença na forma como lidam com o “sair do armário” (SEDGWICK, 2007), com ou sem apoio, que pode fazer diferença na trajetória individual.

Destaco ainda a rede de trocas de informações, compostas por grupos de bate-papo e páginas em redes sociais, que aparecem tangencialmente nas falas como espaços de suporte, intercâmbio de experiências e dados sobre medicamentos, médicos e outros serviços. Esses espaços, de certa forma, substituem os precários meios oficiais de acesso à informação, especialmente no que diz respeito à documentação, ao uso do nome social e aos procedimentos médicos, como a hormonioterapia e cirurgias específicas. Quando os serviços são públicos e gratuitos, são muitas vezes atrelados a diagnósticos patologizantes e procedimentos demorados. Quando privados, tratamentos e acompanhamentos são de difícil acesso por serem caros. As redes se fortalecem como meio de indicar hormônios, dosagens e médicos dispostos a acompanhar cada caso.

Por fim, a passabilidade, conceito êmico relacionado à aceitação da identidade de gênero com a qual a pessoa se identifica, aparece nas falas como um ponto importante para o conforto emocional. A sensação de não “passar” traz consigo desde incômodo até medo de violências maiores, caso elas não aconteçam. Novamente, aqui, é o discurso padrão que vai normatizar o que é e o que não é aceito como um corpo que representa cada gênero. Interlocutoras e interlocutores se mostraram conscientes dos aspectos construídos desse padrão, indagando porque um homem precisa ser musculoso ou uma mulher precisa ter seios para serem aceitos como tal, apenas para citar dois exemplos. Também se mostram cientes do jogo duplo que fazem: ao mesmo tempo

questionando os padrões já estabelecidos de masculinidades e feminilidades e trabalhando da forma como podem para utiliza-los a seu favor, aumentando sua passabilidade, como uma estratégia de validar suas identidades. Essa é uma incoerência apenas na aparência, pois percebem que se tratam de estereótipos e se posicionam contrários a eles, trabalhando nos limites da aceitação.

Finalmente, o trabalho representa um esforço de colaborar com o entendimento a respeito da transgeneridade e de certa forma, talvez de maneira tímida, poder contribuir com a diminuição da violência transfóbica. Não cabe a mim dar voz às pessoas transgênero e acredito que o trabalho mostrou que é um grupo diverso, politizado, consciente e ativamente militante. Espero que meu relato etnográfico tenha representado bem as pessoas transgênero que aceitaram participar da pesquisa, mas também desejo que os espaços acadêmicos possam ser preenchidos com suas presenças, falando de si, por si e ampliando esse diálogo. Por isso, à guisa de fechamento, fico com a fala de Leonardo:

Às vezes as pessoas cis tem boa vontade. Tem boa vontade de aprender e tal. Mas, tipo, como ela não passa por aquela situação, ela não tem... ela nunca vai saber! Ela nunca vai saber o que é ser trans (LEONARDO, 24/01/2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam; RUGGI, Lennita. Corpo, identidade e a política da beleza- algumas reflexões teóricas. In: SILVA, Cristiani Bereta da; ASSIS, Glaucia de Oliveira; KAMITA, Rosana C. (org). **Novos Olhares, Muitos Lugares**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

ALMEIDA, Guilherme. A propósito da discussão de feminilidades trans: notas sobre invisibilização, cidadania corpo e processo transexualizador. In: SILVA, Daniele Andrade da; HERNÁNDEZ, JIMENA de Garay; SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes, UZIEL, Anna Paula. **Feminilidades: Corpos e sexualidades em debate**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

ARISI, Barbara. Vida Sexual dos Selvagens (Nós): Relato de experiência de uma antropóloga reversa. Indígenas matís pesquisam a sexualidade dos brancos e da antropóloga. In: **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1279643075_ARQUIVO_Barbara_Arisi_FazendoGenero_2010_artigo.pdf>. Acesos em: 8 de março de 2016.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: A emergência de novas identidades políticas e sociais**. Rio de Janeiro: Plural, 2014.

BARBOZA, Heloisa Helena. Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 20 v.2, p.549-558, mai-ago 2003.

BENTO, Berenice. Transexualidade oficial às transexualidades. IN: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F.; CARRARA, S. (org) **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**, Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2004, p.143-171.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. A diferença que faz a diferença. **Bagoas**, n.4, p. 95-112, 2009.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, ano 20 v.2 p.569-581, mai-ago 2012.

BENEDETTI, Marcos. A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição. **Boletín Ciudadania Sexual**, v.11, p.5-8, 2004.

BEZERRA, Francis Oliveira; SOBRINHO GUERRA, Lemuel Dourado. Ciberespaço, cotidiano e identidades: Novas leituras sobre interações mediadas. **Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales**, n. 12, p. 123-135, 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do Sexo. In: LOURO, Guacira, Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo

Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Undoing Gender.** New York: Routledge, 2004.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CRAPANZANO, Vicent. Diálogo. **Anuário Antropológico/ 88,** Brasília, UNB, 1991, p.59-79.

DAS, Veena. Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** v. 14, n. 40, Jun 1999.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes.** São Paulo: Annablume, 2011.

_____. Da finada à europeia: experiências de ser, não permanecer e estar travesti na adolescência. **Bagoas,** n.7, p.173-198. 2012.

_____. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre morrer, virar e nascer travesti na adolescência. **Revista Estudos Feministas,** ano 20 v.2, p. 489-500. 2012.

ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Umberto et al. **Psicologia do Vestir.** Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** São Paulo: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **A História da Sexualidade 1: A vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDENBERG, Miriam. Gênero, “o corpo” e “imitação prestigiosa” na cultura brasileira. **Saúde e Sociedade,** v.20, n.3, p. 543-553. 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em primeira mão.** Florianópolis: UFSC, p.1-18, 1998.

HALBERSTAM, Jack J. **Gaga Feminism.** Boston: Beacon Press, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2011.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; HARI, Kunzru; TOMAZ, Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. “Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social” In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.

_____. “Construção de si, gênero e sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

JESUS, Jaqueline Gomes; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Cronos**, v.11, n.2, p.8-19. 2010.

KAMITA, Rosana Cássia. Luz e Sombra: Relações de gênero no cinema. In: SILVA, Cristiani Bereta da; ASSIS, Glaucia de Oliveira; KAMITA, Rosana C. (org). **Novos Olhares, Muitos Lugares**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

LAURETIS, Therese de. **Technologies of Gender**: Essays on theory, film and fiction. Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

LEITE, Ilka Boaventura. Escrever o texto, polir o olhar. In: LEITE, Ilka Boaventura (org). **Ética e estética na antropologia**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, CNPq, 1998. p. 41-47.

LEITE JUNIOR, Jorge. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Revista Estudos Feministas**, ano 20, v.2, p. 559-568, 2012.

MALUF, Sonia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, v.9, n.9, p. 87-101. 2001.

_____. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 143-153. 2002.

_____. Políticas e teorias do sujeito no feminismo contemporâneo. In: SILVA, Cristiani Bereta da; ASSIS, Glaucia de Oliveira; KAMITA, Rosana C. (org). **Novos Olhares, Muitos Lugares**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

_____. A antropologia reversa e “nós”: alteridade e diferença. **Ilha**, v.12, n.1, p. 40-56. 2011.

MAUSS, Marcel. Noção de técnica do corpo. In: _____ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p.399-422.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: Um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOISSEEFF, Marika. O Que se Encobre na Violência das Imagens de Procriação dos Filmes de Ficção Científica. **Mana**, v.11 n.1 p.235-265, 2005.

MURTA, Daniela. Entre o “transexualismo verdadeiro” e a diversidade de experiências trans: uma discussão crítica sobre a produção da identidade transexual universal. In: SILVA, Daniele Andrade da; HERNÁNDEZ, JIMENA de Garay; SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes, UZIEL, Anna Paula. **Feminilidades**: Corpos e sexualidades em debate. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**,

v.8, n.2, p.9-41. 2000.

OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa. Reflexões em torno das relações entre gênero e recepção. In: SILVA, Cristiani Bereta, ASSIS, Glaucia de Oliveira, KAMITA, Rosana C. (org.). **Gênero em Movimento: Novos olhares, muitos lugares**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

PARREIRAS, Carolina. Fora do armário... dentro da tela: Nota sobre avatares, (homo) sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (org). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, n. 24, p.217-248. 2005.

_____. Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos**, n.6, p.97-112. 2005.

_____. Gênero na Carne. In Grossi, Miriam Pillar; Schwabe, Elisete (org.). **Política e Cotidiano**: estudos antropológicos sobre o gênero, família e sexualidade. Blumenau: Nova Letra, 2006.

_____. Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (org). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Série Antropologia, n. 130, 1992. P. 2-16.

PERES, William Siqueira. Travestilidades Nômades: a explosão dos binarismos e a emergência queering. **Revista Estudos Feministas**, ano 20, v.2, p. 539-547, 2012.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, p263-274, Goiânia, jul-dez 2008.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Incorrigíveis, afeminados, desenfreados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**. V.40, n.2, p. 145-182, 1997.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v.28, p. 19-54. 2007.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p.71-99, 1995.

_____. "Experiencia". **La Ventana**. n.13, p.42-73, jul 2001.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade?. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Dumará, 1993.

Silva, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.

SIMMEL, Georg. A Moda. **Iara**, v. 1, n.1, p.163-188, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: Uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Discursos e representações sobre os territórios de “pegação” em Belo Horizonte. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (org). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

VELHO, Gilberto. *Nobres & Anjos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Cadernos AEL**, v.10, n.18-19, p.187-215. 2003.

_____. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. **Caderno Pagu**, n. 24, p 227-247. 2005.

_____. **Sapos e princesas**: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil. São Paulo: Annablume, 2013.

WITTMANN, Isabel. Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de crossdressing no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3. 2015.

REPORTAGENS

A Liga. *Rolezinho do sexo, crossdressers e mulheres peludas*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ASu0QsV3RVA>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

ALVES, Jamile. *Mulheres trans reivindicam direito à educação no AM: 'Merecemos isso'*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/03/mulheres-trans-reivindicam-direito-educacao-no-am-merecemos-isso.html>>. Acesso em: 8 de março de 2016.

ANSELMO, Lúvia. *Transexuais também comemoram o Dia Internacional da Mulher*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/manaus-amazonas-amazonia-transexuais-comemoram-Dia-Internacional-Mulher-domingo_0_1316868301.html>. Acesso em: 8 de março de 2015.

A CRÍTICA. *Corpo de travesti assassinado a pedradas é encontrado em terreno baldio no Cidade de Deus*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/manaus/Travesti-pedradas-encontrado-Cidade-Deus_0_1283871609.html>. Acesso em: 12 de janeiro de 2015.

A CRÍTICA. *Estudante transgênero da Ufam reivindica uso de nome social no campus universitário*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/Estudante-transgenero-Ufam-reivindica-universitario_0_1313868608.html>. Acesso em: 3 de março de 2015.

A CRÍTICA. *No Dia da Visibilidade Trans, estudantes relatam dificuldades para usar nome social na Ufam*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/Visibilidade-Trans-estudantes-dificuldades-Ufam_0_1513048723.html>. Acesso em: 29 de janeiro de 2016.

BARRETO, Mayra. *Meu marido usa calcinha!*. Disponível em: <<http://www.mulher.com.br/estilo/meu-marido-usa-calcinha>>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.

BENTO, Berenice. *Queer o quê? Ativismo e estudos transviados*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/queer-o-que-ativismo-e-estudos-transviados/>>. Acesso em 7 de julho de 2015.

CAZARRÉ, Marieta. *Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>>. Acesso em: 06 de maio de 2016.

CAPARICA, Marcio. *Laverne Cox e Carmen Carrera combatem transfobia velada*. Disponível em: <<http://ladobi.uol.com.br/2014/01/laverne-cox-carmen-carrera-transfobia/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2014.

CHINELLI, Ana Paula. *Perfil Diversidade Episódio 4: Chalu*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rIa7rc6m6Mk&hd=1>>. Acesso em 23 de julho de 2015.

DESCOLLI, Caio. *Jaden Smith, filho de Will Smith, usa vestidos e diz: não são*

'roupas de menina', são ROUPAS. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/jaden-smith-filho-de-will-smith-usa-vestidos-e-diz-nao-sao-roupas-de-menina-sao-roupas>>. Acesso em: 10 de abril de 2015.

DINIS, Rita. *Papa recebe transsexual no Vaticano: "Deus aceita-te como és"*. Disponível em: <<http://observador.pt/2015/01/28/papa-recebe-transsexual-no-vaticano-deus-aceita-te-como-es/>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2015.

DUVANEL, Talita. *L'Oréal Paris celebra Dia Internacional da Mulher com modelo transexual*. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/ela-de-batom/post/loreal-paris-celebra-dia-internacional-da-mulher-com-modelo-transexual.html>>. Acesso em: 08/03/2016.

ESPECTROMERIA não-binária. Disponível em: <<http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/post/95841791923/glossario-terminos-sobre-generos-sexualidades>>. Acesso em 23 de julho de 2015.

FACCHI, Cleber. *Pré-Conchita: Veja fotos com drag queens do século XIX*. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/pre-conchita-veja-fotos-com-drag-queens-seculo-xix/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2014.

FARIAS, Adriana. *Criança de 9 anos é a primeira no Brasil a ser autorizada pela Justiça a mudar de nome e gênero*. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/crianca-de-9-anos-e-a-primeira-no-brasil-a-ser-autorizada-pela-justica-a-mudar-de-nome-e-genero/>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2016.

FEMINISMO Trans. Disponível em: <<https://feminismotrans.wordpress.com/2013/05/27/por-que-nao-uso-o-asterisco/>>. Acesso em 14 de junho de 2015.

FINOTTI, Ivan. *Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/825136-cartunista-laerte-diz-que-sempre-teve-vontade-de-se-vestir-de-mulher.shtml>>. Acesso em: 2 de janeiro de 2014.

FOFONKA, Roberta. *Criado em Porto Alegre app que identifica locais que respeitam igualdade de gênero e diversidade sexual*. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/01/ge/noticias/476971-criado-em-porto-alegre-app-que-identifica-locais-que-respeitam-igualdade-de-genero.html>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

GERMANO, Felipe. *Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube - e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2016.

GIUSTI, Iran. *Laerte: "Gostaria de não ter renegado minha homossexualidade por 40 anos"*. Disponível em: <<http://igay.ig.com.br/2014-03-11/laerte-gostaria-de-nao-ter-renegado-minha-homossexualidade-por-40-anos.html>>. Acesso em: 10 de setembro de 2015.

GIUSTI, Iran. *Arthur, transexual de 13 anos: "Achim que só quero chamar atenção"*. Disponível em: <<http://igay.ig.com.br/2014-04-25/arthur-transexual-atencao>>.

de-13-anos-acham-que-so-querer-chamar-atencao.html>. Acesso em: 25 de abril de 2014.

GOMES, Camila. *Travesti usava ponto de prostituição para vender drogas, no bairro Tarumã*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/manaus/Travesti-Taruma-Zona-Oeste-Manaus_0_1406859327.html>. Acesso em: 6 de agosto de 2015.

GUIMARÃES, Beatriz. Por que não uso o Asterisco. Feminismo trans. Disponível em: <<https://feminismotrans.wordpress.com/2013/05/27/por-que-nao-uso-o-asterisco/>>. Acesso: 10 de junho de 2015.

GUIMARÃES, Cinthia. *Direitos LGBT: escolas públicas se preparam para ajustes à nova recomendação de conselho*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/escolas-preparam-aplicar-resolucao-banheiros-lgbt_0_1325267488.html>. Acesso em: 23 de março de 2015.

HORMÔNIOS Femininos - Travestis e Transexuais. In: *Transexualidade*. Disponível em: <<http://reicla-trans.blogspot.com.br/2011/04/hormonios-femininos-travestis-e.html>>. Acesso em: 15/11/2015.

HUFFINGTON Post Brasil. O Brasil é o país mais violento contra transexuais. E o que mais procura pornografia trans no RedTube Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2016/02/19/pornografia-transexuais_n_9272598.html>. Acessado em: 19/02/2016.

LAPA, Nádia. *O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho*. Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-praque/o-preconceito-contratransexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>>. Acesso em 07/2016.

LOPES, Débora. *O brasileiro que manja tudo da arte de fabricar pintos*. Disponível em: <http://www.vice.com/pt_br/read/packers-tboy-david-vimmermann>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.

LOWDER, J. Bryan. *Academy to Consider Trans Tangerine Actresses in Their Proper Gender Category*. Disponível em: <http://www.slate.com/blogs/outward/2015/11/23/tangerine_at_the_oscars_academy_will_consider_trans_nominations_in_correct.html>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

LOWRY, Brian. TV Review: 'I Am Jazz'. Disponível em: <<http://variety.com/2015/tv/reviews/i-am-jazz-review-jazz-jennings-tlc-1201535643/>>. Acesso em 13 de julho de 2015.

LUCAS, Alírio. *Travesti é encontrado morto no bairro Jorge Teixeira, na Zona Leste de Manaus*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/Travesti-Jorge-Teixeira-Leste-Manaus_0_1231076896.html>. Acesso em: 16 de outubro de 2014.

LUCCA, Guss de. *Laerte em carne, osso e minissaia*. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/laerte-em-carne-osso-e-minissaia/n1237811802611.html>>. Acesso em 2 de janeiro de 2014.

LUCON, Neto. *'Não acreditem nos livros de biologia', diz Sofia Favero, criadora*

da *'Travesti Reflexiva'*. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2014/08/travesti-reflexiva-sofia-favero-transfobia.html>>. Acesso em: 1 de setembro de 2014.

LUCON, Neto. *“Não nasci e nem quero me tornar mulher”, diz militante travesti Janaina Lima*. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2015/02/nao-nasci-e-nem-quero-me-tornar-mulher.html>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2015.

LUCON, Neto. *“É impossível ser ex-transsexual”, diz Cassius Cavalcante, que passou pela retransição*. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2014/09/impossivel-ser-ex-transsexual-cassius-cavalcante-entrevista.html>>. Acesso em: 19 de abril de 2015.

LUCON, Neto. *“Via a transexualidade como castigo, hoje como presente”, diz cantor Erick Barbi*. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2015/10/via-transexualidade-como-castigo-hoje.html?m=1>>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.

LUCON, Neto. *Homem trans negro, Leonardo Peçanha diz: “Deixei de ser objeto para ser ameaça”*. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2015/12/homem-trans-e-negro-leonardo-pecanha.html>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2016.

MARTINELLI, Andréa. *Candy Mel, da Banda Uó, é a primeira mulher trans a estrear campanha da Avon*. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2015/10/09/trans-campanha-beleza_n_8270930.html>. Acesso em: 9 de outubro de 2015.

MELO, Mariana. *Luisa Marilac não está na pior*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q4nWYN5Oal0&feature=youtu.be>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2015.

MOLLOY, Parker Marie. *John Jolie-Pitt's Gender Discussion Demonstrates Positive Evolution in Journalism Coverage of Such Issues*. Disponível em: <<http://www.bustle.com/articles/55369-john-jolie-pitts-gender-discussion-demonstrates-positive-evolution-in-journalism-coverage-of-such-issues>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2014.

MOTTA, Laís. *Travesti morre baleada com dois tiros em ponto de prostituição ao lado da Sefaz*. Disponível em: <<http://new.d24am.com/noticias/amazonas/travesti-morre-baleado-dois-tiros-ponto-prostituicao-atras-sefaz/146033>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2016.

MUELLER, Enrique. *Conchita, bem mais do que uma 'drag queen' provocante*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/12/cultura/1399904483_829229.html>. Acesso em: 12 de maio de 2014.

OLIVEIRA, Diego. *Transexuais enfrentam preconceito no mercado de trabalho em Manaus*. Disponível em: <<http://portalamazonia.com/noticias-detalle/cidades/transexuais-enfrentam-preconceito-no-mercado-de-trabalho-em-manaus/>>. Acesso em: 1 de maio de 2015.

OLIVEIRA, Fábio. *Travesti é encontrada morta em frente a portão de supermercado na av. Pedro Teixeira*. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/manaus/Travesti-encontrada-supermercado-Pedro-Teixeira_0_1466253376.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2015.

OPPENHEIM, Maya. *Antony Hegarty: First transgender person to be nominated for an Oscar in 30 years*. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/people/antony-hegarty-first-transgender-person-to-be-nominated-for-an-oscar-in-30-years-a6833096.html>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.

ORTNER, Sherry B. Está a Mulher Para o Homem Assim Como a Natureza para a Cultura?. In: Rosaldo, Michele Z.; Lamphere, Louise (orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. RJ: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

QUEIROZ, Nana. “Não é só o gênero que é socialmente construído, o sexo biológico também”. Disponível em: <<http://azmina.com.br/2016/05/nao-e-so-o-genero-que-e-socialmente-construido-o-sexo-biologico-tambem/>>. Acesso em: 04/05/2016.

REIS, Carla Freitas dos. “Tão lésbica que parece homem”: a emergência dos homens trans no Brasil. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/09/19/%E2%80%9Ctao-lesbica-que-parece-homem%E2%80%9D-a-emergencia-dos-homens-trans-no-brasil/>>. Acesso em: 3 de maio de 2014.

SALVATORI FILHO, Fausto. *Como Luizão, deu aula no Anglo por 5 anos. Ao virar Luiza, foi demitida*. Disponível em: <<http://ponte.org/como-luizao-deu-aula-no-anglo-por-5-anos-ao-virar-luiza-foi-demitida/>>. Acesso em: 21 de julho de 2015.

SANGHANI, Radhika. Angelina Jolie's daughter 'wants to be called John'. How should parents react to children questioning gender roles?. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/women/life/angelina-jolies-daughter-wants-to-be-called-john-how-should-parents-react/>>. Acesso em 20 de dezembro e 2014.

SENRA, Angela. *Cross-dresser gosta de se vestir de mulher, mas não quer mudar de sexo*. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2010/11/09/cross-dresser-gosta-de-se-vestir-de-mulher-mas-nao-quer-mudar-de-sexo.htm>>. Acesso em: 2 de janeiro de 2014.

SHIN, Sarah. *Judith Butler on gender and the trans experience: "One should be free to determine the course of one's gendered life"*. Disponível em: <<http://www.versobooks.com/blogs/2009-judith-butler-on-gender-and-the-trans-experience-one-should-be-free-to-determine-the-course-of-one-s-gendered-life>>. Acesso em: 26 de maio de 2015.

SOARES, Ana Carolina. *Conheça a história de Talita Oliveira, a ex-militante da "cura gay" que voltou a ser travesti*. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/sexo-e-a-cidade/2015/11/05/cura-gay-travesti-feliciano-militante-talita/>>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

SOUSA, Felipe. *Para ele e para ela! C&A lança sua primeira linha de moda "sem gênero"*. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/para-ele-e-para-ela-ca-lanca-sua-primeira-linha-de-moda-sem-genero/>>. Acesso em: 16 de março de 2016.

STEDMAN, Alex. *Second Wachowski Sibling Comes Out as Transgender*.

Disponível em: <<http://variety.com/2016/film/news/andy-wachowski-transgender-lilly-1201725853/>>. Acesso em: 8 de março de 2016.

STEINMETZ, Katy. *Laverne Cox talks to TIME about the transgender movement*. Disponível em: <<http://time.com/132769/transgender-orange-is-the-new-black-laverne-cox-interview/>>. Acesso em: 29 de maio de 2014.

THARRETT, Matthew. *Scottish Pride Event Bans Drag Queens To Avoid Offending Trans People*. Disponível em: <<http://www.newnownext.com/scotish-pride-event-bans-drag-queens-to-avoid-offending-trans-people/07/2015/>>. Acesso em: 20 de julho de 2015.

UFAM. *CONSUNI regulamenta o uso do nome social na UFAM*. Disponível em: <<http://www.ufam.edu.br/index.php/2013-04-29-19-37-05/arquivo-de-noticias/3997-consuni-regulamenta-o-uso-do-nome-social-na-ufam>>. Acesso em 15 de maio de 2015.

VARELLA, Gabriela. *Mariana Munhão: “Não é fácil acordar e saber que a sua filha virou filho*”. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/08/mariana-munhao-nao-e-facil-acordar-e-saber-que-sua-filha-virou-filho.html>>. Acesso em: 5 de agosto de 2015.

**FILMES E SERIADOS COM PERSONAGENS TRANSGÊNERO,
CROSSDRESSERS, DRAG QUEENS OU NÃO-BINÁRIOS CONSULTADOS
DURANTE O TRABALHO EM ORDEM CRONOLÓGICA:**

Rainha Christina (*Queen Christina*, EUA, dir. Rouben Mamoulian, 1938).

Glen ou Glenda (*Glen or Glenda*, EUA, dir. Edward D. Wood Jr, 1958).

Quanto mais quente melhor (*Some Like it Hot*, EUA, dir. Billy Wilder, 1959).

The Rocky Horror Picture Show (Reino Unido/ EUA, dir. Jim Sharman, 1975).

Tootsie (EUA, dir. Sydney Pollack, 1982).

Quase igual aos outros (*Just One of the Guys*, EUA, dir. Lisa Gottlieb, 1985).

Paris is Burning (EUA, dir. Jennie Livingston, 1990).

O Silêncio dos Inocentes (*The Silence of the Lambs*, EUA, dir. Jonathan Demme, 1991).

Orlando (Reino Unido, dir. Sally Potter, 1992).

Uma babá quase perfeita (*Mrs. Doubtfire*, EUA, dir. Chris Columbus, 1993).

Ed Wood (EUA, dir. Tim Burton, 1994).

Priscilla, a Rainha do Deserto (*The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert*, EUA, dir. Stephan Elliott, 1994).

Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! Julie Newmar (*To Wong Foo Thanks for Everything, Julie Newmar*, EUA, dir. Beeban Kidron, 1995).

Minha Vida em Cor-de-Rosa (*Ma vie en rose*, Bélgica/ França/ Reino Unido, dir. Alain Berliner, 1997).

Mulan (EUA, dir. Tony Bancroft; Barry Cook, 1998).

Meninos Não Choram (*Boys don't Cry*, EUA, dir. Kimberly Peirce, 1999).

Tudo Sobre Minha Mãe (*Todo sobre mi madre*, Espanha/ França, dir. Pedro Almodóvar, 1999).

Hedwig: Rock, Amor e Traição (*Hedwig and the Angry Inch*, EUA, dir. John Cameron Mitchell, 2001).

Kinky Boots: Fábrica de Sonhos (*Kinky Boots*, EUA/ Reino Unido, dir. Julian Jarrold, 2005).

Transamérica (*Transamerica*, EUA, dir. Duncan Tucker, 2005).

Jodhaa Akbar (Índia, dir. Ashutosh Gowariker, 2008).

Pageant (EUA, dir. Ron Davis; Stewart Halpern-Fingerhut, 2008).

A Pele Que Habito (*La piel que habito*, Espanha, dir. Pedro Almodóvar, 2011).

Tomboy. (França, dir. Céline Sciamma, 2011).

Vestido de Laerte (Brasil, dir. Pedro Marques; Claudia Priscilla, 2012).

Hit and Miss (Reino Unido, prod. *Channel 4*, 2012).

Clube de Compras Dallas (*Dallas Buyers Club*, EUA, dir. Jean-Marc Vallée, 2013)

Mr. Angel (EUA, dir. Dan Hunt, 2013).

Orange is the New Black (EUA, prod. Netflix, 2013).

Uma Nova Amiga (*Une Nouvelle Amie*, França, dir. François Ozon, 2014).

Transparent (EUA, prod. Amazon, 2014).

A Garota Dinamarquesa (*The Danish Girl*, Reino Unido/EUA, dir. Tom Hooper, 2015).

Tangerine (EUA, dir. Sean Baker, 2015).

Sense8 (EUA, prod. Netflix, 2015).